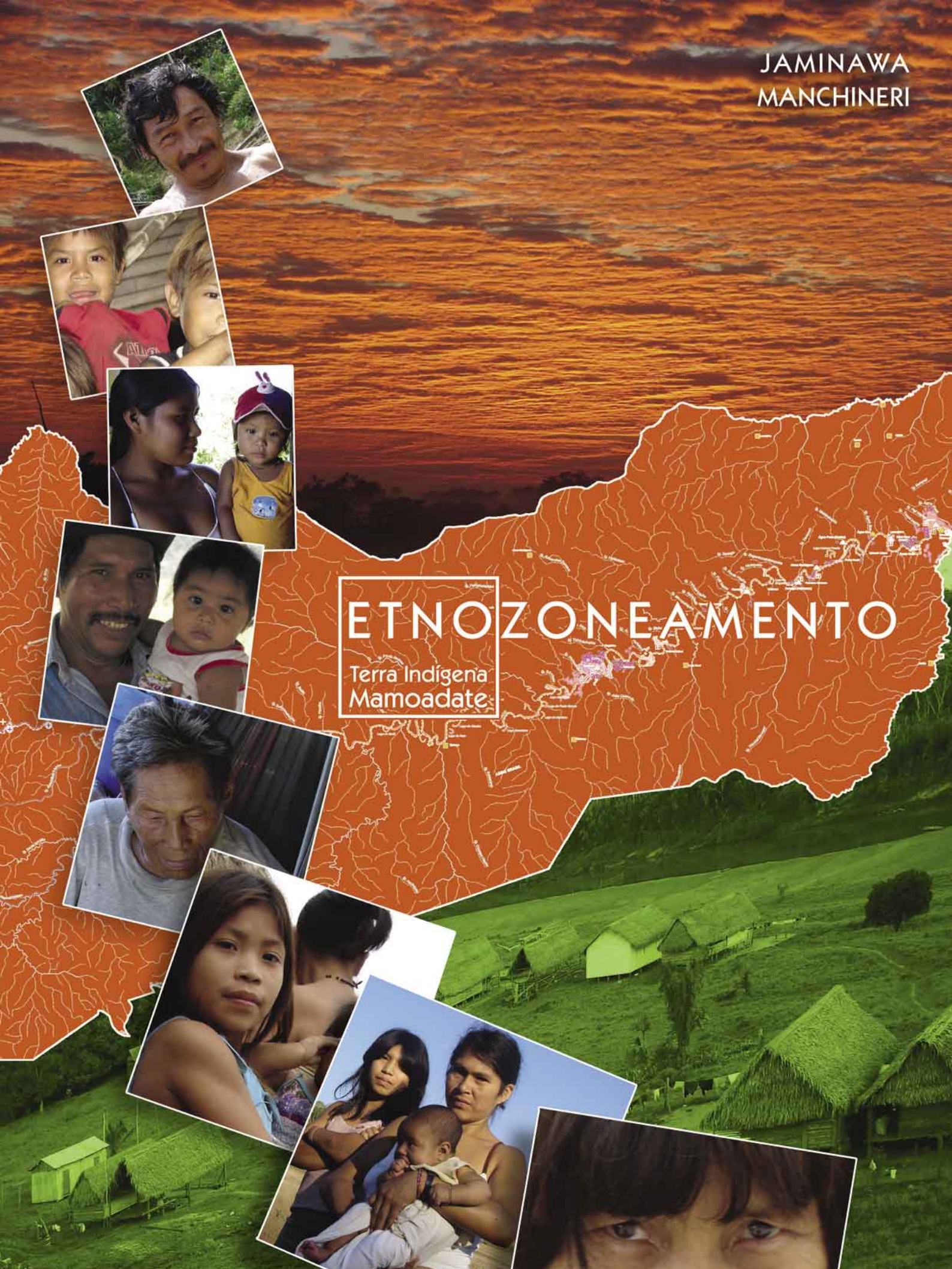


JAMINAWA
MANCHINERI

ETNOZONAMENTO

Terra Indígena
Mamoadate



• **Presidente da República**

Luis Inácio Lula da Silva

• **Ministra do Meio Ambiente**

Marina Silva

• **Governador do Estado do Acre**

Jorge Viana

• **Vice-governador**

Arnóbio Marques

Secretário de Meio Ambiente e Recursos Naturais

Presidente do IMAC

Carlos Edegard de Deus

Secretario dos Povos Indígenas

Francisco da Silva Pinhanta

• **Coordenação Geral - SEMA**

Gerente do Zoneamento Ecológico-Econômico

Magaly Medeiros

• **Equipe técnica – SEMA**

Gerente do Etnozoneamento

Terri Valle de Aquino “Txai Terri”

Coodenadora de Assuntos Indígenas

Rosângela Maria Cezino da Silva

Engenheira Agrônoma

Marília Lima Guerreiro

Técnico em Geoprocessamento

César Duetti

Estagiário – SEMA/IMAC

Lucas Mana

• **Consultores**

Cloude de Souza Correia

Antropólogo

Eliza Lozano

Ciências Sociais

Jorge Vivan

Engenheiro Agrônomo

Wladimir Sena Araújo

Antropólogo

Governo do Estado do Acre
Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais
Instituto de Meio Ambiente do Estado do Acre
Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas

Rio Branco – Ac

2006

• Apoio

SEE - Secretaria de Estado e Educação

SEATER- Secretaria de Estado de Assistência Técnica e Extensão Agroflorestal

SEPI - Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas

Prefeitura Municipal de Assis Brasil-AC

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

CPI - Comissão Pró-Índio do Acre

• Fotos

Equipe de Consultores

Lucas Mana – SEMA/IMAC

Carla Guaitanele IBAMA

Alexandre Almeida

• Projeto Gráfico

GKNoronha

Alexandre Almeida

• Revisão Língua Portuguesa

Eurilinda Figueiredo

• Capa

GKNoronha

• Agradecimentos

OCAEJ - Jaminawa

Mapkaha - Manchineri

Índice

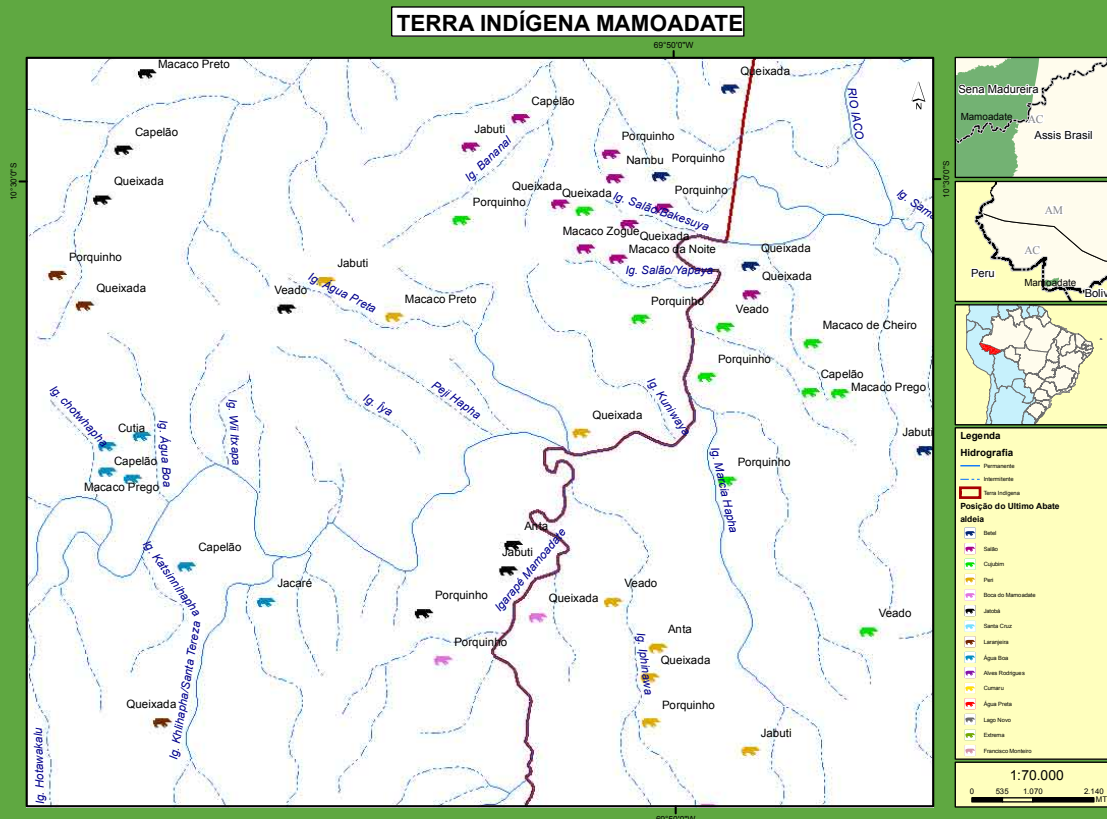
Apresentação	7
Metodologia	9
A TI Mamoadate e seus habitantes	19
Mapa de ocupação histórica	24
Migrações Manchineri	26
Migrações Jaminawa	29
Migrações Manchineri e Jaminawa na TI Mamoadate	34
Mapa de vegetação	37
Mapa de hidrografia	39
Mapa de caçada	43
Locais de caçadas	43
Classificações e técnicas de caçada	45
Caças, crenças e costumes	48
Escassez de caça	50
Mapa de pesca	53
Locais de pesca	53
Classificações e técnicas de pesca	56
Escassez de peixe	58
Mapa de extrativismo	61
Recursos florestais na alimentação	61
Recursos florestais para habitação e transporte	63
Artesanato	63
Escassez de recursos florestais	65
Mapa de ocupação humana	65
Agricultura	69
Sistemas Agroflorestais	69
Criações	72
Mapa de ameaça	79
Indicativos de Plano de Gestão Ambiental e Territorial	81
Indicativos elaborados pelos Manchineri	82
Indicativos elaborados pelos Jaminawa	88



Apresentação

O etnozoneamento da Terra Indígena (TI) Mamoadate, localizada nos municípios de Assis Brasil e Sena Madureira, é um instrumento de planejamento dos povos indígenas para a gestão dos seus territórios. Ele foi realizado de forma participativa com os Manchineri e Jaminawa, considerando a presença de “índios isolados”. Seu propósito tem sido contribuir com o processo de autonomia dos povos indígenas Manchineri e Jaminawa, respeitando a diversidade cultural. O etnozoneamento procurou ater-se às especificidades de cada povo indígena, produzindo e sistematizando informações documentais, bibliográficas e empíricas consideradas relevantes por eles no processo de gestão dos seus territórios. Os dados produzidos são de natureza cultural, social, política, econômica e ecológica. Com as informações resultantes deste etnozoneamento pretende-se subsidiar esses povos e o governo do estado para tomadas de decisões.

A seleção da TI Mamoadate para a elaboração do etnozoneamento deve-se ao fato da mesma fazer parte de um conjunto de terras impactadas pelas rodovias BRs 364 e 317. A proposta de realização do etnozoneamento nessa TI resultou, em grande medida, do constante no componente indígena do Plano de Ações Mitigadoras dos impactos gerados pelas BRs 364 e 317 e dos indicativos do Zoneamento Ecológico - Econômico (1ª fase). A demanda pela realização do etnozoneamento em diversas terras indígenas no estado estimulou o governo a criar a Gerência de Etnozoneamento, no novo organograma da Secretaria Estadual de Meio Ambiente. As ações relacionadas com o etnozoneamento foram inseridas no Plano de Governo e compatibilizadas com o Programa de Desenvolvimento Sustentável para o Estado do Acre.



(BID 1399 OC/ BR). Em parte, a implementação dessas ações ocorreu através do “Projeto de Apoio às Populações Indígenas”, no âmbito do “Programa Integrado de Desenvolvimento Sustentável para o Estado do Acre”, financiado com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES. Atualmente, o etnozoneamento está sendo executado como parte do ZEE/Acre - 2ª fase, com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

As atividades realizadas no etnozoneamento da TI Mamoadate estão parcialmente vinculadas a outras ações desenvolvidas pelo governo do estado em terras indígenas, como os diagnósticos e a proposta de etno-levantamentos dos recursos naturais financiados pelo Projeto de Gestão Ambiental Integrada – PGAI, no âmbito do Subprograma de Políticas de Recursos Naturais – SPRN. Os primeiros trabalhos de etno-levantamento foram desenvolvidos nas Terras Indígenas Cabeceira do Rio Acre e Campina/Katukina, através do Projeto de Apoio às Populações Indígenas.

Para a devida realização do etnozoneamento da TI Mamoadate e de outras terras ocupadas por povos indígenas, várias instituições foram envolvidas no processo de articulação política, execução e monitoramento. A instituição executora foi a SEMA, sendo que toda articulação política foi desenvolvida pela SEPI, e as atividades de monitoramento e tomadas de decisões pelo “Grupo de Trabalho (GT) do Etnozoneamento”, composto pela SEPI, SEMA/IMAC, FUNAI, UNI, CPI, UFAC, FEM, OPIAC, AMAAIAC, Mapkaha e OCAEJ.

Para um melhor entendimento do processo de elaboração deste etnozoneamento é preciso considerar que o mesmo teve início com a obtenção do consentimento prévio dos Manchineri e dos Jaminawa. Confirmado o interesse de ser desenvolvido o etnozoneamento da terra por eles ocupada, diversas reuniões de planejamento foram realizadas com eles e com as instituições envolvidas no processo. Após o planejamento, tiveram início várias atividades na TI, todas elas contando com a participação de ambos os povos. Dentre as atividades desenvolvidas podem ser destacadas reuniões, oficinas, entrevistas e elaboração de mapas. A maior parte dessas atividades contou com a participação de professores, lideranças, representantes das organizações dos povos Manchineri e Jaminawa, agentes de saúde, agentes agroflorestais, agentes ambientais, agentes sanitários indígenas, parteiras, pajés e muitos outros indivíduos dos povos Manchineri e Jaminawa.



Metodologia

As atividades relacionadas com o etnozoneamento da TI Mamoadate iniciaram em fevereiro de 2004 e se estenderam até setembro de 2005. Elas podem ser divididas em, pelo menos oito etapas, para facilitar a compreensão:



- 1) Elaboração da proposta de trabalho;
- 2) Produção e organização de informações secundárias;
- 3) Produção de mapas temáticos preliminares e informações gerais **(I oficina)**;
- 4) Digitalização dos mapas temáticos preliminares e organização das informações gerais;
- 5) Correção e complementação dos mapas e das informações gerais **(II oficina)**;
- 6) Digitalização dos mapas complementados e corrigidos;
- 7) Nova correção e complementação dos mapas e das informações gerais **(III oficina)**;
- 8) Elaboração dos mapas e documentos finais.

Na **primeira etapa**, foram realizadas diversas reuniões objetivando melhor definir o plano de trabalho e ampliar o entendimento dos envolvidos sobre os propósitos do etnozoneamento. Essas reuniões propiciaram uma considerável articulação política e contaram com a participação de representantes de instituições governamentais e não-governamentais, que atuam junto aos povos indígenas, de representantes Manchineri e Jaminawa e dos consultores. As instituições que disponibilizaram representantes para colaborar com essa etapa foram: SEMA/IMAC, SEPI, CPI-Acre, AMAIAC, OPIACRE, UNI, FEM, FUNAI, Mapkaha e OCAEJ, todas integrantes do GT do Etnozoneamento da TI Mamoadate. As reuniões foram importantes para se discutir de uma forma mais ampla o etnozoneamento, procurando evitar ações isoladas.



Em muitas reuniões discutiu-se a revisão do componente indígena, os impactos da BR 364 e 317, a autonomia indígena, os etnolevamentos das Terras Indígenas Cabeceira do Rio Acre e Katukina e a relevância de plano de uso para as terras indígenas. Também foram levantados alguns problemas existentes na TI Mamoadate, como as madeireiras peruanas e a necessidade de políticas internacionais. Nas reuniões, o etnozoneamento foi considerado um “instrumento de planejamento” para os povos indígenas tomarem suas decisões e depois gerarem planos de uso, gestão, gerenciamento, etc.

Em outras reuniões dos consultores com representantes Manchineri e Jaminawa, foi possível uma maior reflexão sobre o que eles esperavam do etnozoneamento e sobre o entendimento deles acerca das atividades. Nesse momento, obteve-se o “consentimento prévio informado” dos dois povos e levantaram-se informações sobre logística, infra-estrutura, transporte e organização política.

Reuniões mais específicas, voltadas para a elaboração do plano de trabalho, ocorreram entre os consultores e representantes da CPI-Acre. Como esta instituição desenvolve etnomapeamentos em oito TIs no Acre, o propósito desses encontros foi aproximar a metodologia utilizada pela CPI-Acre da que seria desenvolvida no etnozoneamento da TI Mamoadate. Em grande medida, a metodologia do etnozoneamento aproxima-se da utilizada nos etnomapeamentos.

Outras reuniões voltadas para a elaboração do plano de trabalho ocorreram entre os consultores e representantes do IMAC, nas quais foi sinalizada a necessidade de incorporar a esse plano os pontos ressaltados pelo GT do etnozoneamento. Ao longo das discussões, o etnozoneamento foi considerado um desdobramento do plano de mitigação, entendido como um instrumento que pode ajudar a manter a gestão do território. Para isso, foi frisado que ele seria traduzido para as línguas indígenas, devendo ser realizado junto com a comunidade, por ser um documento dos povos indígenas Manchineri e Jaminawa. A compreensão nesse momento sobre o etnozoneamento era a de que ele poderia gerar, posteriormente, um plano de gestão da TI.

Depois de estabelecido minimamente um plano de trabalho, teve início a **segunda etapa**, com a consulta de documentos e de fontes bibliográficas sobre os Manchineri, os Jaminawa, os índios isolados e a TI. Nesta etapa do etnozoneamento foram obtidas diversas informações secundárias junto a CPI-Acre, tendo sido consultada parte do “Acervo Txai” que estava sendo organizado pela instituição, o qual possui diversos documentos doados pelo antropólogo Terri Aquino. A pesquisa documental e bibliográfica foi realizada ainda, nas seguintes instituições: SEMA/IMAC, SEPI, AER-RBR, FEM, Patrimônio Histórico, Museu da Borracha e Biblioteca Estadual. Durante o período de levantamento das informações secundárias, ocorreram outras reuniões com os representantes do IMAC e com os professores Manchineri, para fazer alguns ajustes no plano operacional e planejar melhor os trabalhos de campo que seriam realizados em julho de 2004. Como parte dessa segunda etapa, os consultores sistematizaram e organizaram as informações produzidas.



Cerca de quatro meses depois, a **terceira etapa** foi iniciada. Os consultores voltaram a ser reunir na cidade de Rio Branco visando à preparação dos últimos detalhes para os trabalhos de campo. Como parte das ações que antecederam as atividades na TI, realizou-se uma reunião com o prefeito de Assis Brasil, visando ao mesmo tempo, conquistar o seu apoio e mantê-lo informado sobre as atividades previstas. Além de reuniões, esta etapa contou com a realização da I oficina, momento em que foram integrados à equipe: Marília Guerreiro, técnica e agrônoma da SEMA/IMAC (então cedida para a SEPI), e o antropólogo Terri Aquino¹.

Na TI, a equipe foi dividida temporariamente para viabilizar as oficinas que foram feitas com os Manchineri e os Jaminawa, separadamente. A cientista social Eliza Costa, juntamente com o antropólogo Terri Aquino, foram para as aldeias Jaminawa. Cloude Correia antropólogo e os agrônomos Jorge Vivan e Marília Guerreiro, para as aldeias Manchineri. Posteriormente, o antropólogo Terri Aquino participou da oficina com os Manchineri e a engenheira agrônoma Marília Guerreiro daquela realizada com os Jaminawa, propiciando, assim, um certo intercâmbio de informações sobre as duas etnias. Ao final das oficinas, durante três dias, todos os participantes Manchineri e Jaminawa foram reunidos para a apresentação e discussão dos mapas.



¹ A colaboração de ambos foi fundamental durante os trabalhos realizados na TI Mamoadate. Deve ser destacada, também, a contribuição de Renato Gavazzi, da CPI-Acre, com quem pudemos obter diversas informações sobre os Manchineri e sobre o etnomapeamento desenvolvido pela CPI-Acre em terras indígenas localizadas no Juruá. Inclusive, os mapas produzidos em campo foram baseados naqueles do etnomapeamento, com suas devidas adequações.

A realização de oficinas separadas, uma com os Manchineri na aldeia Extrema e outra com os Jaminawa na aldeia Betel, ocorreu com o intuito de respeitar as diferenças culturais entre ambos os povos. Por isso, a metodologia utilizada com os Manchineri foi distinta da utilizada com os Jaminawa. A produção de mapas e de informações junto a estes últimos foi realizada por aldeias, separadamente, e não com representantes de todas as aldeias (ao mesmo tempo), como aconteceu com os Manchineri. As implicações resultantes do uso de metodologias distintas refletiram na qualidade dos mapas, de modo que surgiu a necessidade de nivelar as informações e os métodos usados, o que ocorreu na quinta etapa. Após várias reuniões entre consultores e representantes da SEMA/IMAC, decidiu-se por seguir a metodologia que havia sido utilizada junto aos Manchineri. Por esse motivo, abaixo são descritas as atividades de elaboração de mapas e de produção de informações desenvolvidas com os Manchineri.

A oficina realizada na aldeia Extrema contou com a presença de lideranças, agentes agroflorestais, professores, agentes de saúde, agentes sanitários indígenas, agentes ambientais e representantes da Organização do Povo Manchineri do Rio Iaco, denominada Mapkaha (Manchineri Ptohi Kajpaha Hajene), além de muitos outros indivíduos do povo Manchineri e Jaminawa. Na oficina, primeiramente foi apresentado o etnozoneamento e as diversas atividades programadas. Em seguida, escreveu-se em um quadro negro o que os participantes da oficina entendiam por etnozoneamento. Cada um dizia uma ou duas palavras sobre o etnozoneamento. Com a “chuva de idéias”, vários aspectos relacionados ao etnozoneamento foram levantados. Esta atividade foi importante, pois permitiu a todos visualizarem o amplo horizonte de informações com o qual o etnozoneamento está relacionado. Em seguida, os participantes foram organizados em grupos compostos por representantes das aldeias. Depois, escreveram em uma folha em branco o que cada aldeia entendia por etnozoneamento. Um integrante de cada grupo, representando uma aldeia, lia e explicava para os demais o que entendiam por etnozoneamento. Dessa forma, foi possível alinhar um pouco mais os diferentes entendimentos sobre o etnozoneamento.



Terminada esta atividade, teve início a elaboração de mapas mentais dos recursos hídricos. Os participantes foram divididos em grupos, formados com um ou mais integrantes de cada aldeia, de modo a formar grupos com pessoas que conheçam diversos locais da TI. Para esta atividade foram fornecidos lápis de cor, cartolinas e canetas coloridas, a fim de que eles desenhasssem um mapa com todos os rios, igapós, igarapés e lagos existentes na TI, incluindo o nome deles na língua indígena e em português, quando existisse. Os igarapés que não possuem nenhuma nomenclatura permaneceram assim. Solicitamos, ainda, que fizessem uma legenda contendo: rio laco, igarapés, lagos e igapós. Obtemos com essa atividade, três mapas mentais, o que foi fundamental, pois os incompletos podiam ser complementados com os outros.

Com base nos mapas mentais, alguns integrantes dos grupos copiaram as informações para um papel vegetal, com a malha hídrica da TI impressa nele em uma escala de 1:80.000. Com essa atividade, foi possível obter o mapa dos recursos hídricos. Quando o mapa com a malha hídrica, impressa no papel vegetal, não correspondia com a realidade local, eles faziam as devidas correções. Após o mapa ficar pronto, os representantes de cada aldeia checavam as informações e, em seguida, o grupo responsável por sua elaboração o apresentava para todos os demais, ocasião em que algumas informações eram complementadas².



A elaboração do mapa de recursos hídricos passou por **quatro fases**:

- 1) Produção de três mapas mentais,
- 2) Produção de um único mapa no papel vegetal,
- 3) Correção de equívocos,
- 4) Apresentação e discussão do mapa com todos os participantes para complementação.

Paralelamente à produção do mapa de recursos hídricos, foram feitos mapas mentais das aldeias, com informações sobre residências, roçados, pastos, criações, demografia, cacimbas, escolas, postos de saúde e outros.

² As apresentações e discussões dos mapas eram realizadas na língua indígena e depois traduzidas para o português.

O mapa de recursos hídricos foi elaborado antes dos demais por conter informações que são referenciais geográficos para os Manchineri. A partir do mapa de recursos hídricos foram elaborados os outros mapas: caçada, pesca, extrativismo, ocupação histórica, vegetação, ocupação humana e ameaças. Para a elaboração do mapa de caçada os participantes foram divididos em grupos por aldeia, porque o conhecimento sobre as caças e os locais onde são encontradas está vinculado a elas. Um morador de determinada aldeia, em geral, conhece muito pouco dos locais de caça das outras. Por isso, em um primeiro momento, um grupo de cada vez colocava no mapa as informações sobre caça. Ao término do mapa, ele foi apresentado e discutido pelos participantes, na língua materna e em português. Um representante de cada aldeia expunha os principais problemas enfrentados por eles e descrevia seus piques e acampamentos de caça. Depois de concluído o mapa de caçada, com o mesmo procedimento adotado para a elaboração dele, iniciou-se a feitura do mapa de pesca.

Devido ao grande tempo despendido na elaboração desses mapas, adotou-se outro procedimento para a confecção dos mapas de pesca, extrativismo, vegetação, ocupação histórica, ameaça e ocupação humana. Os participantes foram organizados em grupos por aldeias, ficando duas aldeias responsáveis por um mapa. Quando os representantes das duas aldeias terminavam de colocar as informações em um determinado mapa temático, passavam a fazer o mesmo em outro. Ou seja, após a introdução das informações de duas aldeias em um mapa, os seus representantes passavam a trabalhar em outro mapa, de modo que foi dinamizada a atividade de confecção dos mapas, que se tornou bastante produtiva.

Finalizadas as atividades de elaboração dos mapas, eles eram apresentados a todos os presentes, gerando discussões sobre as informações neles contidas. Paralelamente à elaboração, e depois de seu término, a equipe responsável pelo etnozoneamento realizou um levantamento de informações gerais sobre o povo. Após todos os mapas confeccionados e com diversos dados gerais, a equipe passou a apresentar o resultado dos trabalhos em cada aldeia, sendo este um momento para corrigir e complementar informações com aqueles que não estiveram presentes na oficina. Quando a equipe chegava em uma aldeia, procurava (sempre que possível) conhecer os roçados, os SAFs e realizar entrevistas.



Para finalizar as atividades da terceira etapa do etnozoneamento, foi realizada uma grande reunião na aldeia Jatobá, com a participação dos dois povos que residem na TI Mamoadate, como mencionado acima. Durante esta reunião, os mapas produzidos foram apresentados e discutidos pelos Manchineri e Jaminawa. Assim, foi possível complementar ainda mais os mapas, fazer novas correções e levantar mais informações para o etnozoneamento. Ao todo, essa etapa teve a duração de 20 dias no interior da TI.

A **quarta etapa**, voltada para a digitalização dos mapas temáticos preliminares e para a organização das informações gerais, foi desenvolvida fora da TI. Os integrantes da equipe, ao longo dessa etapa, estiveram sempre em contato, discutindo as informações produzidas e sinalizando as lacunas existentes. Nesse momento também ocorreram os preparativos para o retorno às aldeias, tendo sido decidido que seria utilizado com os Jaminawa a mesma metodologia empregada junto aos Manchineri, por ter essa se mostrado mais eficiente. Por esse motivo, os mapas produzidos com os Jaminawa na etapa anterior não chegaram a ser digitalizados.

Na **quinta etapa**, voltada para a correção e complementação dos mapas e das informações gerais (II oficina), a equipe foi modificada. A cientista social Eliza Costa e o antropólogo Terri Aquino não puderam participar das atividades, tendo a primeira se desvinculado completamente das atividades de etnozoneamento por questões de ordem pessoal. Portanto, o retorno a TI foi realizado pelo antropólogo Cloude Correia e pelos agrônomos Jorge Vivan e Marília Guerreiro. Nessa etapa, a equipe contou com a colaboração do técnico agrícola Adriano Dias, da CPI-Acre, que acompanhou e auxiliou a equipe durante todas as atividades, por ocasião de sua viagem à área para trabalhar com os AAFI.

A correção e complementação dos mapas e das diversas informações produzidas iniciaram-se com uma oficina na aldeia Betel, habitada pelos Jaminawa. Estiveram presentes lideranças, agentes agroflorestais, professores, agentes de saúde, agentes sanitários indígenas, agentes ambientais e muitos outros Jaminawa. Adotando uma prática semelhante a da oficina anterior, realizada com os Manchineri, os participantes foram divididos em grupos compostos por integrantes de cada aldeia que se revezavam na tarefa de elaboração dos mapas, aproveitando (sempre que possível) informações produzidas anteriormente, com a outra metodologia. Após a confecção dos mapas, corrigindo e complementando as informações já existentes, representantes de cada aldeia Jaminawa apresentavam e discutiam o resultado de seu trabalho.

Ainda nessa etapa começaram a ser elaborados os indicativos do Plano de Gestão Ambiental e Territorial da TI Mamoadate. Para tanto, os participantes da oficina foram organizados em grupos, por aldeias, de modo a discutir os temas mais relevantes como: recursos florestais, mata ciliar, caça, criação, pesca, quelônio, roçado, praia, sistema agroflorestal, artesanato, recursos hídricos, aldeia, vigilância, fiscalização e entorno. À medida que iam discutindo, registravam no papel os acordos estabelecidos por aldeia. Resultou dessa atividade um consenso sobre o uso dos recursos naturais, a criação de animais, os plantios, as aldeias e a fiscalização da terra.

Depois de encerradas as atividades com os Jaminawa, a equipe promoveu outra oficina, agora com os Manchineri. Adotou-se a mesma metodologia usada com os Jaminawa, tanto para a produção dos mapas quanto para a elaboração dos indicativos do plano de gestão ambiental e territorial da TI Mamoadate. Ao final dessa oficina, os mapas e informações gerais haviam sido corrigidos, e complementados. Também foram produzidos documentos de cada aldeia com diversos acordos sobre o uso dos recursos naturais, a criação de animais, os plantios, as aldeias e a fiscalização da terra.

Encerradas estas atividades, começou a ser desenvolvida a **sexta etapa**, com a digitalização dos mapas elaborados pelos Jaminawa e dos complementados e corrigidos pelos Manchineri. Nesse momento, as informações produzidas foram sistematizadas, especialmente aquelas constantes nos

indicativos do Plano de Gestão Ambiental e Territorial da TI Mamoadate. Como só neste momento os mapas dos Jaminawa foram digitalizados, surgiu a necessidade de um terceiro retorno a campo para a correção e complementação dos mesmos. Era necessário, ainda, unificar os indicativos do plano de gestão por povo, agora estabelecendo acordos mais amplos, entre as aldeias.



Na **sétima etapa**, então, nova correção e complementação dos mapas e das informações gerais (III oficina) foram realizadas, assim como a elaboração dos indicativos do plano de gestão ambiental e territorial da TI Mamoadate. Novamente a equipe sofreu alterações. Dessa vez, contando com os antropólogos Cloude Correia e Terri Aquino, com a agrônoma Marília Guerreiro e com o estagiário da SEMA/IMAC, Lucas Mana. Nesse retorno às aldeias, fez-se uma oficina com os Jaminawa e outra com os Manchineri. A metodologia adotada foi exatamente a mesma empregada na quinta etapa.

Com os mapas dos Jaminawa e dos Manchineri corrigidos por eles, as informações sistematizadas e um documento produzido sobre a gestão do território de cada um dos povos envolvidos, a **oitava etapa** esteve direcionada para a elaboração da versão final dos mapas, do relatório final e do documento síntese, todos submetidos à avaliação do GT do Etnozoneamento, durante o Seminário de Validação, realizado em julho de 2006, na cidade de Assis Brasil.



A TI Mamoadate e seus habitantes



A TI Mamoadate, localizada no rio Iaco, afluente da margem direita do rio Purus, está situada nos municípios de Assis Brasil e Sena Madureira, sendo ocupada por Manchineri, Jaminawa e “índios isolados”, totalizando uma população aproximada de 754 indivíduos, excluindo-se os últimos. Ela foi identificada em 1977, demarcada em 1986 e homologada em 1991, com uma superfície de 314.647 ha. Os limites oeste são contíguos à fronteira com o Peru. A parte sul limita-se com a Estação Ecológica do Rio Acre e à sudeste está localizada a TI Cabeceira do Rio Acre. Ao norte, está situado o Parque Estadual do Chandless. Não confrontando com os limites da TI Mamoadate, mas na sua proximidade, localiza-se a Reserva Extrativista Chico Mendes.

Todas estas terras indígenas e unidades de conservação compõem o Corredor Ecológico do Oeste da Amazônia e estão localizadas principalmente nos municípios de Assis Brasil ou de Sena Madureira, onde os Manchineri e Jaminawa mantêm diversas relações sociais, econômicas e políticas. Parte das relações estabelecidas entre os Manchineri e Jaminawa residentes na TI Mamoadate e os ocupantes das outras áreas estão associadas ao acesso a suas aldeias. Este pode ser realizado pela cidade de Sena Madureira, subindo o rio Iaco, ou pela cidade de Assis Brasil, atravessando o ramal do Icuriã, com uma extensão de aproximadamente 70 km. Por Sena Madureira o trajeto é feito de barco, por Assis Brasil, até a localidade denominada Icuriã, pode-se ir de carro, mula ou a pé até determinado trecho, depois do qual o deslocamento é feito de barco até as aldeias.

Estas estão distribuídas na TI ao longo do rio Iaco, sendo as aldeias Manchineri, em ordem de descida do rio: Extrema, Lago Novo, Cumarú, Senegal, Alves Rodrigues, Água Preta, Laranjeira, Santa Cruz, Jatobá e Peri³. Todas as aldeias Manchineri localizam-se na margem esquerda do rio, com exceção da aldeia Senegal. Já as aldeias Jaminawa, em menor número, são: Água Boa, Boca do Mamoadate, Cujubim, Salão e Betel. Todas estão na margem esquerda do rio, exceto a aldeia Boca do Mamoadate. Em ambas as margens do rio Iaco existem as chamadas “colônias”, que podem ser entendidas como “moradias”, ou residências (vinculadas ou não) a uma aldeia. O termo “colônia”, muitas vezes, é utilizado pelos Manchineri como uma diferenciação em relação à aldeia, ou seja, um local onde poucas famílias moram, onde não há infra-estrutura como escola, ou profissionais como professores, agentes de saúde, agentes agroflorestais, etc. Algumas colônias possuem nome, outras não. Cada uma pode ser composta por uma ou mais casas, mas não são reconhecidas como aldeias pelas instituições que atuam na TI, nem pelos Manchineri em geral. Entre os Jaminawa, não há a prática de separar moradias de aldeias, não existindo nenhuma colônia. O número de casas em cada aldeia, conforme levantamento realizado em 2004, pode ser visualizado no quadro abaixo:



³ As aldeias Cumarú, Água Preta e Senegal estavam em processo de formação quando os trabalhos do etnozoneamento iniciaram. As duas últimas aldeias começaram a ser formadas no final de 2004, dificultando o levantamento de informações sobre elas.

Manchineri		Jaminawa	
Aldeia/Colônias	Casa	Aldeia	Casa
Peri	8	Betel	23
Jatobá	20	Cujubim	6
Santa Cruz	7	Salão	6
Laranjeira	6	Boca do Mamoadate	6
Água Preta*	?	Água Boa	4
Alves Rodrigues	2	Total	45
Senegal*	?		
Cumarú	4		
Lago Novo	9		
Extrema	31		
Colônias	22		
Total	109		

* No período em que essas informações foram produzidas as aldeias Água Preta e Senegal ainda não estavam em processo de formação, o que só começou a ocorrer em fins de 2004. Por isso, suas residências foram contabilizadas nos dados referentes às colônias.

Em relação ao número de casas, a maior aldeia Manchineri é a Extrema, enquanto a maior Jaminawa é a Betel. Em toda a TI existem 87 residências Manchineri em aldeias e mais 22 em colônias, tendo Água Preta e Senegal sido contabilizadas como colônias em 2004, pois somente no ano seguinte essas aldeias começaram a ser formadas. Portanto, na TI existem 109 residências Manchineri e 45 Jaminawa, totalizando 154 moradias.





Conforme levantamento realizado, em 2004, por meio de mapas mentais durante o etnozoneamento, residem na TI 754 indivíduos, sendo aproximadamente 582 Manchineri⁴ e 172 Jaminawa. Analisando os dados populacionais, é possível afirmar que a maior aldeia é a Extrema, seguida da aldeia Jatobá e Betel, dentre um total de 15 aldeias, 10 delas Manchineri e 5 Jaminawa. Essas informações são melhores visualizadas na tabela a seguir:

Manchineri		Jaminawa	
Aldeia/Colônia	População	Aldeia	População
Peri	46	Betel	83
Jatobá	113	Salão	28
Santa Cruz	10	Cujubim	33
Laranjeira	23	Boca do Mamoodate	24
Água Preta*	?	Água Boa	4
Alves Rodrigues	10	Total	172
Senegal*	?		
Cumarú	14		
Lago Novo	43		
Extrema	182		
Colônias	141		
Total	582		

* Os dados populacionais das aldeias Água Preta e Senegal foram incluídos naqueles referentes às colônias, pois essas aldeias ainda não estavam formadas quando do levantamento demográfico.

⁴ No sítio da organização indígena Mapkaha, consta uma população de 937 Manchineri, como pode ser conferido no endereço eletrônico <http://www.mapkaha.org.br/>, acessado em 17/05/2006.



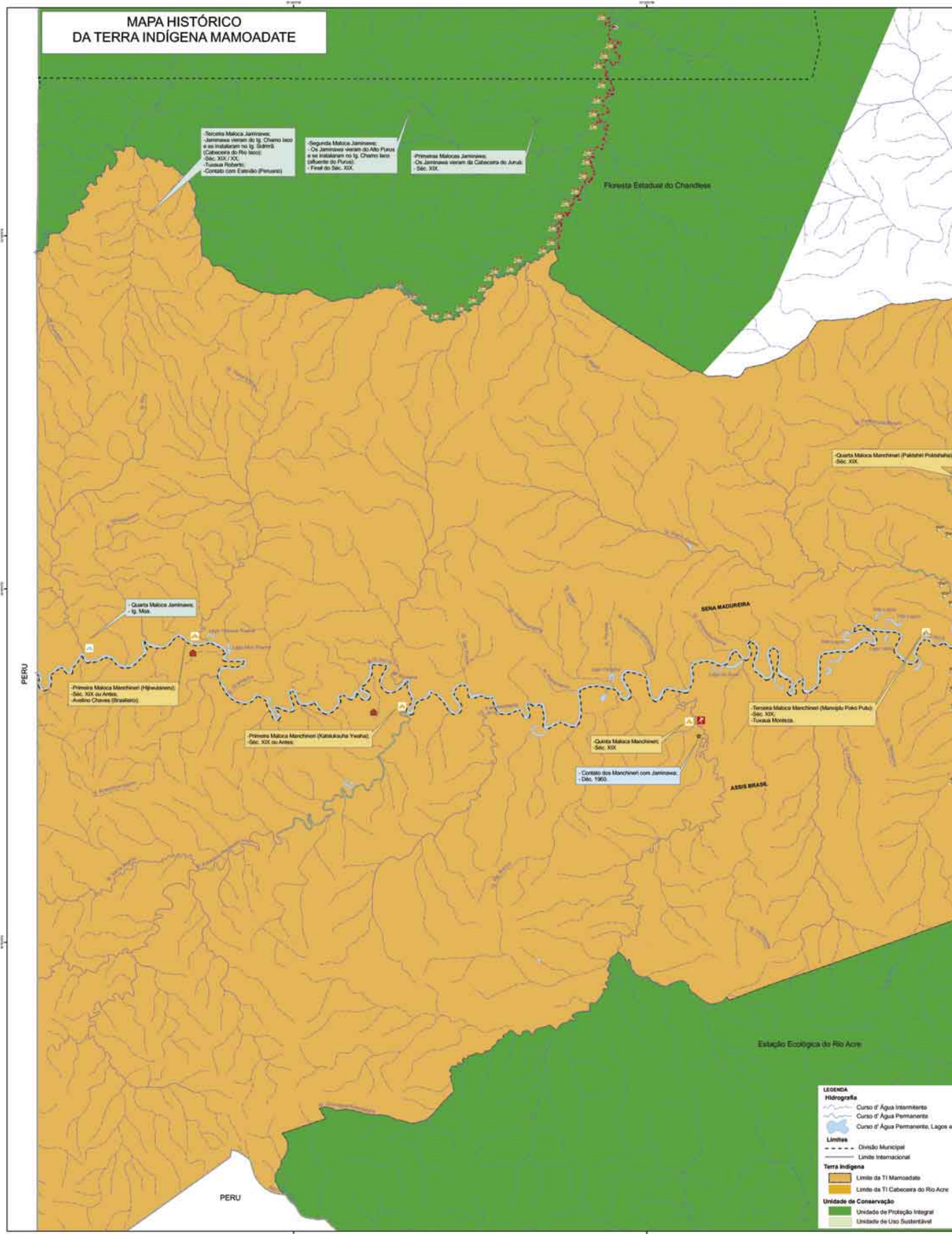
Jaminawa

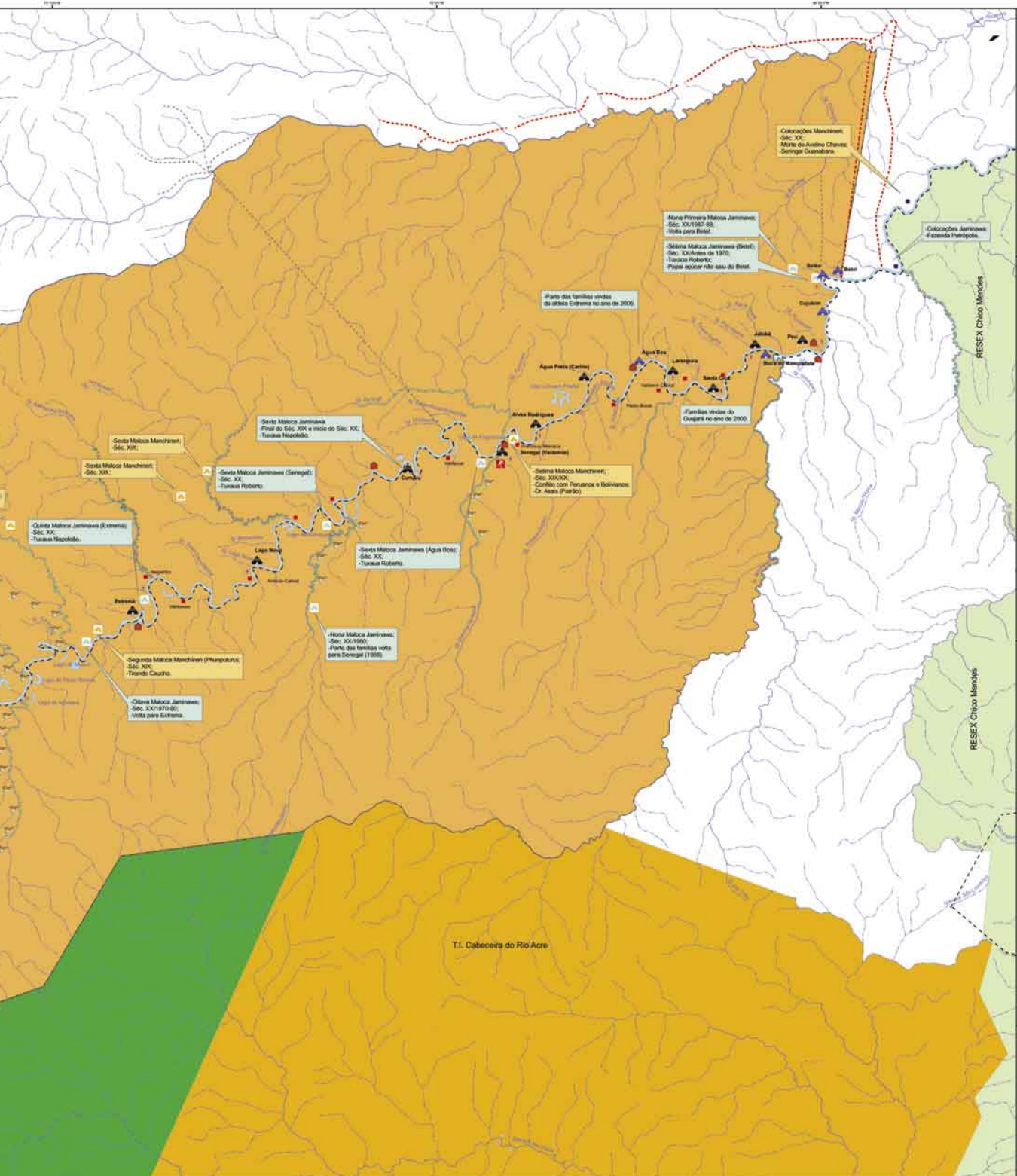
Grande parte dessa expressiva população Manchineri e Jaminawa que habita essas aldeias é bilíngüe, falam em português ou em Manchineri, uma língua da família lingüística Aruak, ou ainda em português ou em Jaminawa, uma língua da família lingüística Pano. Muitos sabem escrever em sua língua materna, e poucas crianças falam o português. Isto porque primeiramente os Manchineri e os Jaminawa são socializados na língua materna e só depois aprendem o português. Entre eles, não costumam falar em português, o que é outro fator decisivo para manter o Manchineri e o Jaminawa como línguas vivas. Entretanto, com o intenso convívio com a “sociedade envolvente”, muitos termos em português são utilizados por não existir tradução para a língua deles.



Manchineri

Mapa de ocupação histórica





CONVENÇÕES	
Localidades Atuais	
▲	Asses - Jaminawa
▲	Asses - Mancheni
▲	Coóba - Jaminawa e Mancheni
Localidades Históricas	
▲	Antiga Morada 1 - Jaminawa e Mancheni
▲	Motoca - Jaminawa
▲	Matosa - Mancheni
▲	Colocação - Jaminawa e Mancheni
▲	Contato - Jaminawa e Mancheni
▲	Antiga Invasão
▲	Sepultura - Jaminawa
▲	Cemitério - Mancheni
▲	Antigo local de Caça para comércio de pele
▲	Antigo Caminho de Caucheros
▲	Antigo Caminho Madeireiros
▲	Caminho Madeireiro

ESCALA
 0 75 150 300 450 600
 Sistema de Coordenadas Geográficas

POINTE
 - Base Topográfica Digital Continua, obtida a partir dos Censos Topográficos do Sistema de Censos - 2000 na escala de 1:100.000.
 - Informações Obtidas dos Índios Jaminawa e Mancheni de T.I. Mamoadate/2008.

ELABORAÇÃO
 Geor A. A. Davel
 Marília L. Guimaraes

EXECUÇÃO

ACRE **ZONA DE INTERESSE AMBIENTAL** **FUNTAO**

APOIO

Com o apoio técnico do DREMA - DF (Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente)

LOCALIZAÇÃO

LOCALIZAÇÃO

Migrações Manchineri

A ocupação dos Manchineri na bacia do rio Purus remonta há vários séculos passados. Para os Manchineri, esse era o tempo em que seus antepassados residiam em malocas e mantinham diversos costumes associados ao uso dos recursos naturais, próprios de uma época anterior ao contato com uma sociedade industrializada. Neste tempo, os Manchineri relacionavam-se apenas com outros povos indígenas e migravam pelas regiões de várias bacias hidrográficas. O estabelecimento dos Manchineri na região do rio Iaco ocorreu possivelmente na segunda metade do século XIX.

Nesse tempo, tido pelos Manchineri como “tempo dos antigos”, não havia um povo denominado, ou autodenominado, Manchineri. De acordo com o Manchineri Luiz Cabral Brasil, que se denomina Wenejeru, existiam nas proximidades do rio Iaco os Wenejeru, os Kjiwutatu-neru, os Kochitshineru e os Haham-luneru. Os Wenejeru moravam no Igarapé Abismo, afluente da margem direita do rio Iaco. Os Kjiwutatu-neru (nação de cabeça, de cabeceira) moravam na região do Chandless-Chá e no Igarapé Tlokanahapha (Igarapé da Capivara), na margem esquerda do rio Iaco, tendo sido dizimados por bolivianos e peruanos. Os Kochitshineru (nação de passarinho – mesmo que Piro) não se sabe exatamente onde tinham suas malocas, mas se encontram hoje “misturados” com Manchineri na aldeia Santa Cruz e em outros locais da TI. Os Haham-luneru (nação de cacete de matar queixada) também estavam nas cabeceiras do Iaco, mas o local preciso não foi mencionado. O termo Manchineri (hoje nação de Inharé - uma árvore) não existia para se referir a uma nação. Era apenas a denominação de uma das “brincadeiras” do ritual do Yikaklu, a qual marca a passagem para a vida adulta dos jovens de ambos os gêneros

(Luiz Brasil Cabral Benjamin, 26/07/04, Peri).

Seguindo Luiz Brasil, seria possível dizer que muitos dos grupos, ou sub-grupos, que habitavam a região do Iaco, tanto no Brasil como no Peru, tiveram sua população drasticamente reduzida, sendo outros exterminados. Como resultado, possivelmente organizaram-se como um povo hoje denominado Manchineri. Diferente desses sub-grupos sabe-se que na região do rio Iaco habitava um povo com língua e costumes consideravelmente distintos dos Manchineri, os Catiana (nação de milho). Estes seriam, para Luiz Brasil, outro povo, que não fazia parte dos sub-grupos, mas hoje parte deles residem entre os Manchineri, na aldeia Extrema. Estariam “misturados com os Manchineri” Como dito pelo professor Lucas Artur Brasil Manchineri, ao traduzir a fala de Luiz Brasil para o português:

(Luiz Brasil, aldeia Peri, 26/07/04)

“O povo Manchineri, Kjiwutatu-neru e Haham-luneru eram falantes só em uma língua só. Eles tinham esse contato. Só os Catiana é que era outro povo, que nem nós Manchineri entendíamos eles. Os Haham-luneru habitam mais as cabeceiras do rio Iaco. A cabeceira do Abismo era o povo Wenejeru, tudo habitava nessa região. O povo Manchineri habitava desde a cabeceira do rio Iaco até o Guanabara. Para baixo eram os Catiana. Então eles viviam ali. Os Kjiwutatu-neru ficavam na região do Chandless-Chá. Aqui perto mesmo, só que eles falavam igual a nossa língua, mas tinham um sotaque mais puxadinho um pouco. Então ele estava contando isso aí. Os Kochitshineru é o mesmo Manchineri, se chama os índios Piro que vivem no Peru”

(Lucas Artur Brasil Manchineri, aldeia Jatobá, 14/07/2005).

No “Mapa Histórico”, observa-se que as antigas malocas mudaram de localidade por várias vezes. Como diz a liderança tradicional da TI Mamoadate, conhecida como Zé Barrão:

“Pela informação que o pai e a mãe contam, eles moravam aqui, no rio Iaco. Justamente aqui no lugar da pista (na Extrema) já foi maloca, já foi moradia dos índios Manchineri. E no igarapé lá em cima, no igarapé do mutum. Era moradia, era outra maloca. Lá que onça matou meu avô. Saiu de lá e moraram no igarapé Monteza, lá dentro do Monteza. Aqui nessa região dessas matas, tudinho já foi moradia dos Manchineri, antes deles conhecerem os brancos. Onde não tinham mais caça, eles iam afastando. Quando passava dois, três anos, eles iam mudando para outro lugar”

(José Sebastião Manchineri, 19/07/04, Extrema).

Na memória dos atuais Manchineri há referência à maloca dos Kjiwutatu-neru, localizada no igarapé Tlokanahapha (igarapé da Capivara), na margem esquerda do rio Iaco. Os Manchineri residentes nessa maloca teriam sido dizimados por caucheiros bolivianos e peruanos, em fins do século XIX. Não se sabe ao certo se existiram sobreviventes, e para onde eles teriam ido. Nas palavras da liderança tradicional:

“Os peruanos maltrataram muito, judiaram. Os peruanos acabaram com meus parentes todinhos, matavam e faziam o que queriam. Mandavam rolar um paxiubão, trazia no muque e mandava bater no terreiro para fazer o assoalho da casa dele. E se o cara não fizesse isso ele pegava e açoitava”

(José Sebastião Manchineri, 19/07/04, Extrema).

Outra referência às malocas antigas, inserida no mapa, evidencia um processo de migração dos Manchineri. De acordo com José Sebastião Manchineri, eles também habitaram na maloca Phinputuru. Esta maloca estava localizada próxima de onde está hoje a aldeia Extrema, mais precisamente nas margens do igarapé Yomletshi hapha⁵, afluente da margem esquerda do Iaco. Eles saíram deste local porque morreu um tuchaua. Era costume entre os Manchineri mudarem de maloca após o falecimento de um ente querido que residisse entre eles, seja uma liderança, um pajé ou um parente.

Depois de abandonarem essa localidade foram para a maloca Manxiplupokputu, situada na margem esquerda do rio Iaco, acima do igarapé Paulo Ramos e abaixo dos três lagos. O motivo da retirada deles deste lugar já não foi mais cultural, mas sim devido a intervenções externas. Conforme relatam, peruanos e bolivianos estavam perseguindo os habitantes dessa maloca, possivelmente para utilizá-los como mão-de-obra na extração do caucho (*Castilloa elástica*). Formaram, então, a maloca Paktsha poklu, nas cabeceiras do igarapé Paktshaha, afluente da margem esquerda do rio Iaco. Neste local nasceu Joana Bejamim Manchineri, mãe da liderança tradicional da Extrema, Zé Barrão. Dessa maloca saíram porque uma onça matou o pai dela. Ele era tuchaua e pajé, de nome Bejamim.

Em seguida, foram para a maloca Katsotalha poktshi, no igarapé Jorimagua, afluente da margem direita do Iaco. Abandonaram a maloca porque peruanos e bolivianos mataram vários Manchineri devido à resistência deles frente aos extratores de caucho. Passaram a morar, depois, na maloca Katsluha ywaha, nas margens do igarapé Katsluksuha (Abismo), afluente da margem direita do Iaco:

“Foi se mudando, foi se mudando até que chegaram a morar lá em cima mesmo, no abismo. Eles moraram lá. Foi lá que o doutor Avelino Chaves conseguiu aparecer lá. E até hoje ainda estamos no meio de vocês, dos brancos. Naquele tempo o doutor Avelino Chaves chegou lá na praia, eles tinham feito um papiri”

(José Sebastião Manchineri, 19/07/04, Extrema).

⁵ Na carta topográfica utilizada não constava este igarapé, introduzido pelos Manchineri que muito bem conhecem os afluentes do Iaco.

Esta nova moradia, segundo os Manchineri mais idosos, não era exatamente uma maloca, apesar deles chegarem a considerar como tal, em função de estar associada a um período em que eles se encontravam vinculados à extração de caucho. Residiam neste local Manchineri, Piro e Amauaca, todos extraindo caucho para os peruanos. Os Piro e Amauaca vieram do Peru e para lá voltaram. Os Manchineri deixaram a localidade quando o patrão Avelino Chaves, que subiu o laco em fins do século XIX, os contratou para brocar roçados, carregar mercadorias e limpar campo no Seringal Guanabara, por ele desbravado.

Após anos trabalhando para esse patrão, foram para a maloca Homha, localizada no rio homônimo, que deságua na margem direita do laco. Avelino Chaves os entregou aos “cuidados” do Dr. Assis. Sob a guarda deste novo patrão, trabalhando para ele, bolivianos e peruanos os atacaram nesta maloca, tendo o Dr. Assis derrotado os estrangeiros. Depois desse conflito, Avelino Chaves os levou para o Seringal Guanabara e continuou a “amansar” os Manchineiri, ensinando-os a falar em português e a cortar seringa. Sabendo falar português e cortar seringa, se dividiram por vários seringais ao longo do rio laco:

“Até que espalhou, um bocado morava em Tabatinga, um bocado morava em Guanabara, um bocado morava em Amapá. Tudo era seringal. Icuriã, Petrópolis, ali na fazenda. Do Boa Esperança para cá habitava mais os índios”

(José Sebastião Manchineri, 19/07/04, Extrema).

Em fins do século XIX e início do XX, muitos foram os “antigos” que viveram essas migrações, as quais ainda hoje estão presentes na memória coletiva dos Manchineri. Um dos antigos foi o Tenor, que viveu na região antes dos Manchineri vincularem-se aos seringais, tendo morrido por causa de uma ferida na perna. Gaspar e Monteza, que viveram em malocas, foram residir nos seringais com a idade já avançada. O primeiro morreu com barriga d’água e, o segundo, com um tiro dos brancos. Já Artur Tenor nasceu nas malocas, mas foi para o seringal quando era rapaz. Sebastião Tenor (pai do Zé Barrão), Anania Batista, Luiz Emídio, Luizinho, Sara e José Avelino de Souza (filho da Joana Bejamim Manchineri) nasceram na maloca e quando ainda eram crianças passaram a viver nos seringais.

Outros Manchineri nasceram nos seringais e trabalharam na extração do látex da seringueira (*Hevea brasiliensis*), indo depois para aldeias na TI. Gondim, liderança da aldeia Jatobá, nasceu no seringal Guanabara, depois foi para o seringal Tabatinga, para o Peri e, em seguida, para o Jatobá, onde era terra devoluta. Quando chegou no Jatobá ainda não existia a TI. Ele trabalhava por diárias e vendia carne de caça para o patrão da fazenda Petrópolis, conhecido como Canizo Brasil, que era dono dos seringais Petrópolis, Tabatinga e Santa Luzia. Também fazia “empeleita”, um trabalho pago conforme o preço do serviço.

Depois de três anos, em 1976, chegaram representantes da FUNAI na região. Estes incentivaram o deslocamento de diversos Manchineri, e também de Jaminawa, para a formação da aldeia Extrema e posteriormente para a regularização da TI. Como relata Gondim, ele e sua família não quiseram ir para a recém formada aldeia Extrema, porque já tinham suas vidas organizadas no Jatobá. Dois anos após terem se estruturado no Jatobá, por volta de 1975, instalou-se entre eles a Missão Novas Tribos do Brasil, que já havia realizado contato com os Jaminawa do Betel anos antes. Nesse novo tempo, da presença de missionários e representantes da FUNAI na região, outro processo de migração passou a ocorrer, principalmente no interior da TI identificada em 1977.

Migrações Jaminawa

Também ocupantes da região do rio Iaco, os Jaminawa possuem um vasto histórico de migração. Todos contam sobre os vários lugares por onde as muitas famílias se estabeleciam durante algum período. O passado é referido como um tempo em que “não tinham lugar certo”. Nesse tempo, eles ainda não eram denominados Jaminawa. Como dito por uma das lideranças desse povo, conhecida como Zé Correia:

“Na realidade, só existia três troncos e desses três troncos é que vieram, que são: Shawanawa (ou Shawādawa), Sapanawa (ou Sapadawa) e o Yawanawa (ou Yawadawa). Hoje, todas as comunidades Jaminawa que existem, vêm desses três nomes. Tinha um grupo também de Kaxinawa (Kaxidawa), porque Kaxinawa para nós não são esses Kaxinawá (Huni Kuin) do Jordão, Tarauacá, Muru, Humaitá e Envira. Esses aí nós chamávamos esse grupo de Sainawa (Saidawa). Saidawa significa que é um povo que gosta muito de comer, aqueles que comem com fartura. Então, hoje nós conhecemos esses Huni Kuin como Kaxinawá. Não sei a forma como conseguiu esse nome, mas pegou esse nome Kaxinawá. Da mesma forma que pegou esse nome Jaminawa entre o nosso povo, pegou Kaxinawá com eles também. Na realidade, esse nome Jaminawa pra nós não existe. Mas é uma coisa que, por outra parte, foi bom porque assimilou todas esses quatro grupos que nós tinha, pegando um nome só”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Esses vários “troncos”, hoje denominados apenas por Jaminawa, migraram por diversas regiões até se estabelecerem na região do rio Iaco. Na memória coletiva dos Jaminawa, eles vieram das cabeceiras do rio Juruá e foram migrando até se estabelecerem no rio Iaco, provavelmente ao longo do século XIX e XX:

“Primeiramente o povo Jaminawa morava no rio Juruá. Primeira maloca que eles viveram. O povo Jaminawa morava na mesma aldeia. Que era na cabeceira do rio Juruá. Nesse rio Juruá já se encontravam outros povos, que eram os Kaxinawá, Yawanawa, que viviam só brigando. Nós Jaminawa também, éramos guerreiros, queríamos matar outros povos. Nesse tempo, não existiam nordestinos que vieram do Amazonas. No século não sei quando, os nordestinos vieram para o estado do Acre. Mas os Jaminawa moravam ainda no rio Juruá. Nesse rio Juruá, os Jaminawa brigavam muito com Kaxinawá e Yawanawa, com outros povos. Com essas brigas os Jaminawa se espalharam para aqui. Os Jaminawa se espalharam pelas cabeceiras dos rios. Primeiramente dizem que vieram para o rio Xamuiaco, rio Curanja, por todos os rios. Uns no Estado do Acre, outros foram para o Peru. Eles não sabiam, pensavam que era no Brasil ainda. Do Curanja vieram para outro rio, no Peru. Moraram dez anos lá, daí espalharam tudo. Daí vieram para o rio Tarauacá, cabeceiras do rio Tarauacá. Depois vieram para o alto Purus e o resto para o alto Iaco. Do alto rio Iaco foram para as cabeceiras do Chandless. Daí do Chandless foram para as cabeceiras do Acre, foram para a Bolívia, no Tauamano. Um bocado foi para o alto rio Purus, que ainda fica no Peru”

(Josimar Barreto Mariano Jaminawa, 10/10/05, Betel)

Nessas migrações diversos conflitos interétnicos ocorreram, acentuando os deslocamentos do Juruá para o Purus, como fica evidente na fala de uma das lideranças Jaminawa, Zé Correia:

“Da cabeceira do Juruá eles toravam para cabeceira do Purus, cruzavam o Purus e iam bater até nas cabeceiras do Madeira, que é o Madre de Diós, aqui em cima, que eles chamavam de Ruwiya. Eles rondaram pra lá também. Só que para lá eles tiveram um tempo muito curto. Por lá parece que tiveram um problema, tiveram uma briga com o povo Shipibo. O povo Shipibo queria matar eles, aí deram cipó pra

eles, emporrearam eles de cipó, enganaram eles que estavam bebendo: - “Ah! Esses caras vão matar a gente, vamos dar um porre de cipó e matar de pau”. Aí meteram o pau pra cima e mataram um bocado de Shipibo. Aí fugiram de volta de novo, para as suas terras originais. E nessa andança toda, eles começaram a brigar entre eles. Porque tinha os Yawadawa e tinha os Shawadawa e tinha esses Sapadawa”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Devido aos vários conflitos internos, os Jaminawa se dividiram em grupos familiares extensos. Cada um seguiu uma direção, fundando aldeias e mantendo um processo de migração distinto. Em fins do século XIX, alguns Jaminawa entraram em contato com caucheiros peruanos na região do rio Purus, sendo “amansados” e utilizados nas “correrias”:

“O velho Pasiu, quando era jovem, ele foi pego pelos peruanos, cresceu por lá e como entendia a língua, ele foi utilizado até pra fazer correria contra os outros. E quando ele voltou, um tal de Datxuba, chegaram a reconhecer, também tomaram outra direção, fizeram outra família, que era o Mapudawa, que são os Shawadawa, tomaram outra direção. Só que esses três grupos que se espalharam, a direção que tomaram, eles tomaram uma direção aí, sem saber pra onde ia. Essa direção que aconteceu, eles já vieram aqui para cima, pelo Purus. O primeiro grupo já saiu aqui pelo Purus, que eram os Kaxidawa e Yawadawa. Aí outro grupo, os Sapadawa, já saíram aqui por cima pelo laco e pelo próprio Tauamano e por aquele meio de mundo aí. O Tauamano é afluente do Madre de Diós. Já outro grupo, a turma do velho Kutxamama também tomaram outra direção. Só que essa direção vindo pra cá. Nessa travessia, indo do Juruá pras cabeceiras do Purus, cruzando aqui por cima, foi que o velho Kutxamama teve que matar o pai do Kuxikaike. O cara se gabava que tirava muito feitiço, aquela história toda. Aí ele meteu a flecha no bucho do cara, aí deu uma infecção por causa da taboca e aí ele morreu. Aí se dividiram de novo, de três grupos já se espedaçaram em quatro. Aí nesse trajeto todo, veio um grupo puxando e bolando por aí. Foram parar no Retegro para trabalhar com um peruano chamado Delfim, que é o pai da mulher do velho Pascoal, que mora aqui no São Paulino. Esse peruano trabalhava nas cabeceiras do rio Chandless”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Possivelmente o contato dos Jaminawa com caucheiros peruanos ocorreu por volta das décadas de 1940 e 1950. Mesmo após o contato com o peruano Delfim, os conflitos internos permaneceram, gerando novas cisões entre os Jaminawa. Ainda no Chandless.

“Outros Kaxidawa, que é da família do velho Martim, teve um problema sério. Mataram um tio meu, que era o filho mais velho da velha. Aí mataram, cortaram o pescoço, moquearam, mas isso não pra comer, mas por perversidade. E por causa dessa história, eles também mataram o pai do Zé Pequeno na cabeceira do Chandless. Então o que aconteceu? Aí se separaram e se espedaçaram mais uma vez, se espedaçaram em cinco grupos já. Entre eles próprios brigavam e se dividiam de novo”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Ao longo das várias cisões entre os Jaminawa, o contato com os peruanos foi aumentando. Nesse processo, algumas famílias que haviam se separado juntavam-se novamente. Um outro grupo, que era liderado por Maxico, chegou a estabelecer contatos com os peruanos nas cabeceiras do rio laco, após terem se unido a uma outra família Jaminawa:

“A turma do velho Maxico, essa turma toda, foram buscar eles aqui pelas cabeceiras do laco. Então, já começaram a se juntar de novo e vieram trabalhar com um branco, que morava no Senegal, chamado João Tibúrcio. Foi o primeiro contato com os brancos aqui pelo laco, porque os Jaminawa tiveram vários contatos iniciais com os brancos. Foram vários contatos, porque os Jaminawa não vieram tudo de uma vez só”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Como o contato dos Jaminawa com os peruanos foi esporádico, outra família deparou com eles na região do Xamuiaco, momento em que decidiram trabalhar com os brancos:

“Por lá um tal de Estevão Meireles, um explorador de madeira no alto rio Xamuiaco, um afluente do rio Purus, acima de Esperanza muito. E por lá esse Estevão Meireles trabalhava com uns índios que também falavam a mesma língua nossa, que já tinham contato primeiro com esse pessoal, os peruanos, que eram os Sharanawa e os Marinawa. Trabalhando junto viram os rastros e tudo, e foram atrás e pegaram um coitado que parece que andava até pescando. Eles pegaram na marra e foi um rolo danado, o finado Napoleão e os outros se alvoroçaram pra matar branco e aquela história toda. Aí o finado Napoleão disse: “olha, vocês não matem mais brancos, porque de hoje em diante eu não quero mais viver na mata. Eu vou me embora, trabalhar com os brancos agora. E aí vieram amansar os brancos. Aí vieram trabalhar com esse Estevão Meireles, que é um peruano”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

No período em que estavam trabalhando para o peruano Estevão Meireles, os Sapanawa e os Sharanawa, hoje denominados apenas Jaminawa, entraram em conflito devido à morte de dois Sapanawa, gerando uma nova leva migratória. Tempos depois, o Jaminawa Napoleão foi para a boca do Xamuiaco e ficou sabendo que parte de seus parentes estavam no Chandless. Seguiu para o Chandless e se uniu com as famílias que lá estavam estabelecidas.

“Por lá também começaram a se unificar de novo. Apareceu a turma do velho Kutxamama, a turma do finado Trugoso, nesse tempo o velho Pasiu não tava mais vivo, já era o velho Trugoso e começaram a se ajuntar por lá também. Enquanto isso, os Yawadawa souberam por lá também e entraram pra dentro do Chandless. E por lá teve outro conflito de novo, mataram o pai do Zé Pequeno, foi um rolo danado também e aí se espedaçaram tudo de novo. Aí a turma do finado Napoleão desceu e foi embora trabalhar no Sardinha, aqui no seringal Sardinha no Purus. Por lá, diz que um branco matou um irmão desse Pascoal, matou lá de martelo, sei lá, eles não sabe nem explicar direito. Saíram de lá pela mata, nesse tempo não existia estrada, e foram sair no seringal Mercês, lá no laco”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Do rio laco deslocaram-se para o rio Caeté, onde trabalharam na extração de caucho. Um dia fizeram uma compra grande com o patrão e mudaram para o Macauã, indo posteriormente para o laco, no local denominado Santa Clara:

“E de lá atiçaram no rumo de cima. Aí foi lá e toparam o pessoal de novo. Já os Yawadawa, naquela época, também tinham feito esse rodo aqui e tinham entrado no laco e já estavam morando na Asa Branca. Era um grupo danado, era um monte de gente. Aí misturaram tudo de novo, foi aquele rolo danado. Depois de um tempo não deu certo, aí eles se mudaram mais pra baixo e vieram morar no Baturité. Por lá teve outro conflito entre eles também, casaram-se entre Yawadawa”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Os Yawandawa migraram em seguida para o Novo Areal, permanecendo nessa localidade por pouco tempo. Outros Jaminawa que residiam no Baturité e Sacado, foram embora desse lugar para as cabeceiras do rio Iaco, na Extrema:

“E o outro grupo que trabalhava com o pessoal do Pioca, ali no Baturité e Sacado, também foram se embora. Dizem que foram procurar o Clementino e esse pessoal todo. Aí foram pras cabeceiras do Iaco, morar na Extrema. Tinha outro grupo que morava bem acima. E nessa história toda conviveram ali e aí foi quando nasceu o Chico Leite e aquele bolo danado. E o que aconteceu? Quando desce pra baixo tiveram outro conflito entre eles de novo. Aí o velho Napoleão mais o velho Manoel Batista mataram o finado Trigoso. Aí eles voltaram de novo pro Chandless. Aí um bocado foram pro Chandless e outro bocado foram para as cabeceiras do rio Acre”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Uma das famílias Jaminawa que retornaram para o Chandless era liderada por Napoleão, tendo ficado por pouco tempo na região. Logo foram para o Icuriã:

“Aí foram pro Icuriã. Nesse tempo o patrão do Icuriã se chamava finado Sabaneque, que não cheguei a conhecer, arrumou um lugar para eles na boca do Balseirinho. Aí moraram muito tempo ali e esse patrão morreu, foi na época que o Canísio Brasil era comboeiro, eram três irmãos comboeiros no seringal Guanabara, e aí eles foram e abriram uma colônia para eles lá em Petrópolis, que depois seria a futura Fazenda Brasil. Foi uma colônia que eles abriram e foram para lá tomar de conta. Tinha poucas colocações nesse Petrópolis, mas os irmãos Brasil no início nem chegaram a movimentar essas colocações e suas estradas de seringa”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Quando foram para a região do Icuriã, provavelmente na segunda metade da década de 1960, os Jaminawa tiveram contato com os missionários da instituição religiosa Novas Tribos do Brasil.

“Isso foi em 1968, mais ou menos, de 1965 para 1968. Aí ficou uma missão na Asa Branca e foi outra missão para o Betel. Foi quando aquela turma lá de cima voltaram todos e começaram a unificar essa turma todinha. E ficou um grupo nas cabeceiras do rio Acre, que não quis vir de jeito nenhum, que era a família do velho Kutxamama. Aí os que ficaram no Iaco foram tocando, foram tocando, aí depois teve um problema, que foi essa epidemia de sarampo, que morreu muita gente”

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Na década de 1970 a FUNAI passou a atuar no Estado do Acre, entrando em contato com os Jaminawa que residiam no rio Iaco em 1976. A partir de então, teve início o processo de regularização da TI Mamoadate:

“Em 1975, chega a FUNAI no Acre, nesse tempo se chamava AJACRE, subordinada a Porto Velho, e veio um senhor, primeiro homem que veio pra cá na Ajudância, José Porfírio Carvalho. Quando ele veio pra cá, trouxe um indigenista, que era o Luis Henrique. Ele foi o primeiro servidor da FUNAI, que teve com o povo Jaminawa de Betel. Só que o Luis Henrique demorou muito pouco tempo, porque ele foi transferido, pra onde eu não sei, e na época o Meirelles ainda trabalhava com os índios Urubú lá no Maranhão. Só lá pelo meio do ano de 76 que aí veio o Meirelles. Aí foi que começou a surgir toda aquela história. Na AJACRE, o quadro de servidores era bem pequenininho. Era o Tião Figueiredo como motorista, a Maria Fanhosa lá como cozinheira e na época o Posto Indígena da FUNAI ficava dentro da comunidade. Foi quando o Meirelles

começou a falar dessa história que a gente ia ter uma terra. Quando ele chegou e disse que era da FUNAI, eu achei estranho porque não sabia o que era a FUNAI. Até eu perguntei pra ele: - "Meirrelles, o que é a FUNAI?" Aí ele disse era isso e aquilo outro, só faltou dizer que a FUNAI era um órgão que ia deixar os índios no céu. Que beleza!"

(José Correia da Silva, 04/01/06, TI Caeté).

Com a atuação de representantes da FUNAI na região, os Jaminawa, bem como os Manchineri, foram incentivados a fundarem a aldeia Extrema, em uma região não ocupada por moradores não indígenas. Nesse novo período da história dos Jaminawa, uma série de outras migrações ocorreu.



Migrações Manchineri e Jaminawa na TI Mamoadate

Com a formação da aldeia Extrema e com a identificação da TI Mamoadate, muitos Manchineri e Jaminawa abandonaram os seringais e foram morar nesta aldeia. Uma etnia ficou de um lado da pista de pouso recém construída e, a outra, do outro lado. O deslocamento progressivo dos Manchineri e Jaminawa dos seringais para a aldeia Extrema contou com a atuação do indigenista Meireles, que em 1976 começou a viabilizar a regularização fundiária da TI, identificada no ano seguinte.

Nesse período, havia na TI apenas as aldeias Extrema, Jatobá e Betel, ocorrendo depois uma migração interna dos Manchineri e Jaminawa. Diferentemente dos Manchineri, que teriam tido grande envolvimento com a empresa seringalista, são poucos os Jaminawa que contam ter trabalhado durante períodos seguidos como seringueiros. Mas tanto os Jaminawa quanto os Manchineri trabalharam por diárias na fazenda Petrópolis, contígua a TI. Eram empregados eventuais que caçavam, abriam roçados e campos de gado. Também comercializavam peles de fantasia (onça pintada e gato maracajá) e peles secas (veado, porquinho, queixada, lontra e ariranha). Após terem se estabelecido na aldeia Extrema, os vínculos com a fazenda foram consideravelmente reduzidos. Com o passar dos anos, várias colônias e aldeias foram formadas ao longo do rio Iaco, sendo interessante notar as mudanças de local dessas moradias.

Como pode ser visto no “mapa histórico”, muitas aldeias Manchineri mudaram de lugar. A aldeia Extrema é uma das exceções, pois sempre esteve próxima à foz do igarapé homônimo, afluente da margem esquerda do rio Iaco. A aldeia Lago Novo foi formada primeiro na margem direita do Iaco, fora dos atuais limites da TI⁶. Depois seus moradores estabeleceram-se onde ela se encontra hoje, na margem esquerda do rio Iaco, próxima ao igarapé Lago Novo. A aldeia Cumarú localizava-se na margem esquerda do Iaco, junto ao igarapé Pollihapha, sendo transferida para o outro lado do rio, na margem direita do rio Iaco, igarapé Tshawoknahapha. A aldeia Alves Rodrigues esteve situada na margem direita do Iaco, igarapé Homha, deslocando-se depois para a outra margem do rio, nas proximidades do lago Limawopowha.

⁶ No local onde hoje é reivindicada a revisão dos limites da TI, como será mostrado adiante.

Quanto à aldeia Laranjeira, por um período esteve abaixo do igarapé João Cascudo, na margem direita do rio Iaco, próximo de onde hoje está a aldeia Extrema. Em seguida, seus moradores migraram para a margem esquerda do Iaco, acima do igarapé Sokluhapha. A aldeia Santa Cruz sempre esteve na margem esquerda do rio Iaco, primeiro junto à foz do igarapé Água Boa e, depois, abaixo do igarapé Sokluhapha. A aldeia Jatobá, também sempre esteve na margem esquerda, tendo seus moradores saído das proximidades do igarapé Água Preta e formado a nova aldeia um pouco mais acima dele. Por fim, a aldeia Peri foi formada onde anteriormente era a aldeia Jatobá, na foz do igarapé Água Preta, e lá sempre permaneceu.

Cabe observar que o movimento migratório dos Manchineri ao longo do rio Iaco ocorreu de forma intensa, desde o período em que residiam nas malocas, passando pelos seringais, até este momento mais recente, em que se encontram vivendo nas aldeias e nas colônias. Com exceção das aldeias Peri e Extrema, todas as outras ocuparam dois lugares nas margens do rio Iaco, ao longo de sua história.

Distintamente dos Manchineri, em 1987, alguns Jaminawa saíram da aldeia Extrema e foram para a aldeia Senegal, no rio Iaco, única região da TI com incidência de seringueiras. Neste local, tinham com a FUNAI um projeto para a produção de borracha, que durou pouco tempo. Moraram ali durante cinco anos, quando algumas brigas provocaram separações, sendo que algumas famílias foram para a aldeia Betel, e outras, seguindo a liderança de José Correia, em 1989, foram para o rio Acre, onde outros Jaminawa já moravam e onde hoje é a TI Cabeceira do Rio Acre.

A aldeia Betel permaneceu na mesma localidade, saindo delas algumas famílias que fundaram as aldeias Cujubim e Salão. Já a aldeia Boca do Mamoadate, resultou da migração de famílias Jaminawa que residiam na localidade denominada Guajará. Mais recentemente, o governo estadual, através da SEPI, apoiou um processo de mudança de moradores Jaminawa do Município de Brasiléia para a nova aldeia Água Boa. Escolhido o lugar na TI Mamoadate, a SEPI providenciou a essas famílias equipamentos para a construção de casas, para a agricultura, pesca, caça; doando também botas, motor para uma canoa e a estiva básica de sal, arroz e farinha.

Mapa de vegetação

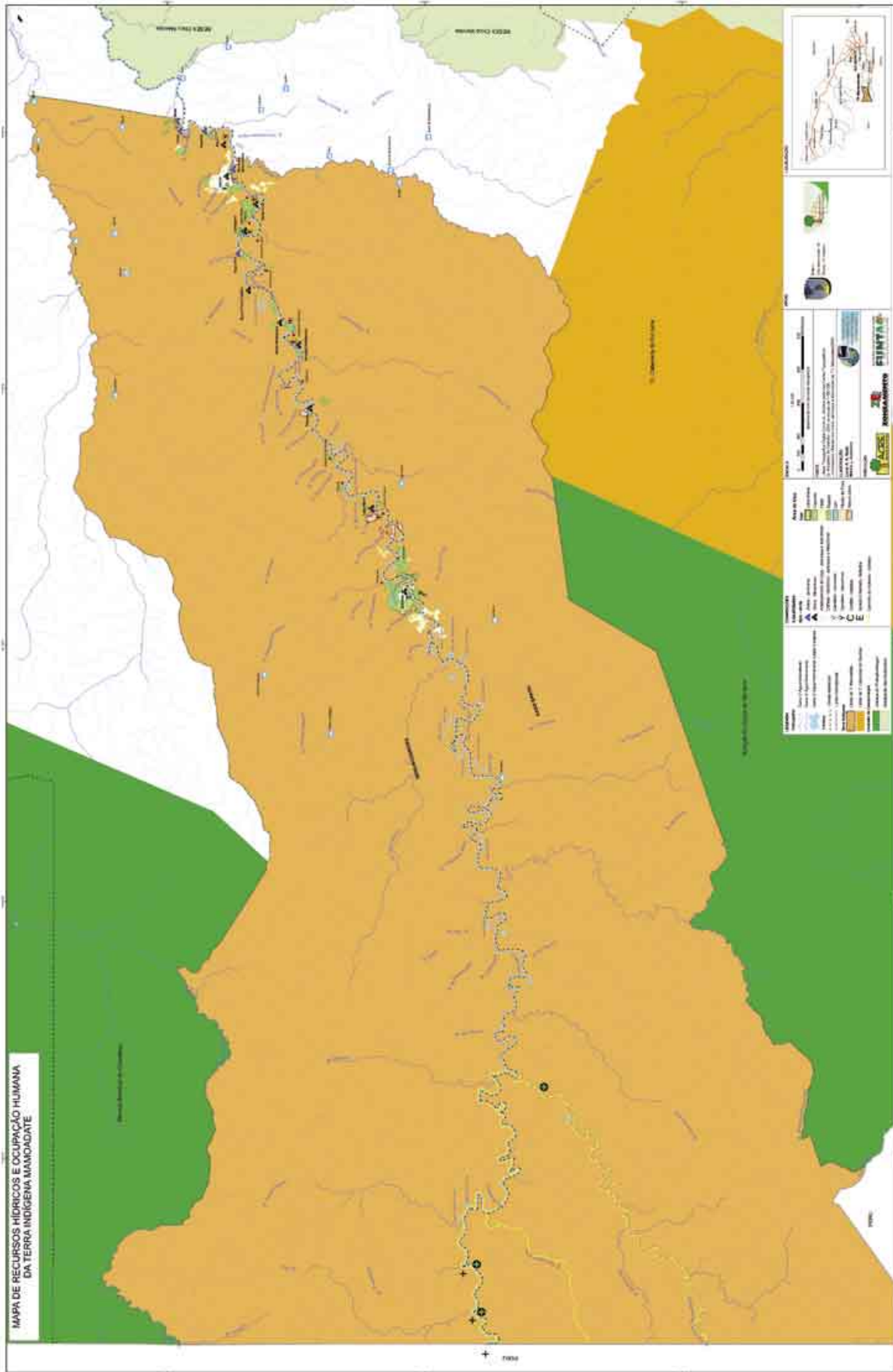
A TI Mamoadate contém vários tipos de vegetação, classificados pelos Manchineri e Jaminawa como: mata fechada de terra firme, mata aberta, baixo do rio, flexeral, igapó, capoeiras e campo. Esses sete tipos de vegetação estão associados a solos distintos e a plantas diferentes. Na mata fechada de terra firme, local onde não ocorrem inundações, encontra-se: aguano (mogno), cedro, cumaru, embaúba-da-terra-firme, sororoca-da-terra-firme, ouricuri, jarina, envira, cagaça, envireira, cabelo de cotia, laranjinha, citim, timbó, frejó, murmuru, pama, patoá, cajá, jenipapo, jenipapinho, assacu, guariúba, jatobá, bacuri, bacuri miúdo, beribá, maçaranduba, intaúba, cerejeira, mulateiro, gameleira, pupunha nativa, marajá, jaracatiá, sapota, mão de onça, cacau, biorana, cajarana, cajá, cajuzinho, azeitona, sanago, cipó (ayahuasca), caucho, machiceiro, tamburim, carapanaúba, tipi, canela de velha, abiu, canela de velha, palheiras, espinheiro, sapota, louro chumbo, andiroba, amarelão, bálsamo.

Dentre as duas principais regiões fitoecológicas da Amazônia, quais sejam, a Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Ombrófila Aberta, a predominância na TI Mamoadate é desta última, o que acompanha a característica do Estado do Acre. Os tipos vegetacionais predominantes descritos para a TI Mamoadate, de acordo com o ZEE, são, para a margem esquerda do lago, Floresta Aberta com Palmeira + Floresta Densa; Floresta Aberta com Bambú + Floresta Aberta com Palmeira. Para a margem direita, Floresta Aberta com Palmeira + Floresta Aberta com Bambú Dominante. Maiores detalhes da estrutura, composição e distribuição destas formações podem ser encontrados no ZEE, no Volume I, cap. 12.

Os relatos nos “transectos mentais” identificam a maior parte de formações da Ombrófila Densa, identificada como “Restinga” no mapa de vegetação, como coincidente com setores ao longo do Rio Iaco. Esta é a zona mais conhecida, já que é nela que as populações que dependem do rio encontram meio de deslocamento, água para consumo (nas cacimbas), além de frutas e madeiras demandadas. A Ombrófila Densa também acompanha assim o “Baixo do Rio”: estas são áreas de alagamento ocasional, como solos de melhor qualidade em termos de nutrientes (aluviais), onde espécies madeiráveis, frutíferas e caça são abundantes. Também é neste primeiro “degrau” de subida do relevo da TI, no sentido do afastamento da margem, que estão as áreas com a mistura adequada de silte, areia e depósito orgânico (areia preta) que a tornam ideal para o plantio de *Manihot esculenta*. Aqui, o nome “macaxeira” e “aipim” classificam na ordem crescente de presença de ácido cianídrico (HCN) as variedades, sendo que as macaxeiras são as que podem ser consumidas apenas com o cozimento, enquanto os aipins tem toxicidade elevada, e que assim só podem ser consumidos passando pelo processamento que resulta na farinha. Finalmente, fica a questão de uma identificação mais apurada que avalie se estas “terras pretas” ao longo do Rio Iaco têm uma contribuição de origem antropogênica, como é o caso em muitas regiões da Amazônia.

A faixa mais distante do rio apresenta, por sua vez, um mosaico de tipos vegetacionais descritos em diferentes gradientes, que estão relacionados a relevo, umidade e tipo de solo. Conforme as avaliações do ZEE, estas formações estão basicamente condicionadas por fatores edáficos, e se distribuem por um relevo predominante de colinas, com lapas pouco convexas separadas por vales em “V”, e eventualmente por vales de fundo plano. Em menor escala, se encontram cristas, com lapas contínuas e aguçadas, separadas por vales em “V” e eventualmente por vales de fundo plano. Sem dúvida, o mapa de vegetação indica um caminho de revisão, consolidação, complementação e aprofundamento das informações para o tema, que se relaciona fortemente com os outros mapas temáticos e é fundamental para qualquer iniciativa de uso sustentável e conservação da biodiversidade.

Mapa de hidrografia



Mapa de hidrografia

Os recursos hídricos são de extrema importância para os Manchineri e os Jaminawa, sendo um dos principais referenciais geográficos. Com base nos rios, igarapés e lagos ambos os povos conseguem localizar as residências, os locais de pesca, os piques de caça, os acampamentos de caça, a vegetação e outros. Por meio dos recursos hídricos eles garantem água potável, higiene pessoal, higiene de roupas e utensílios, transporte e alimentação.

Grande parte dos alimentos está ligada aos recursos hídricos. No rio Iaco, nos igarapés e nos lagos eles conseguem diversos peixes, jacarés e quelônios para a alimentação. A água potável consumida pelos Jaminawa e Manchineri é obtida no rio Iaco, nos igarapés ou nas chamadas cacimbas. Os lagos não servem como fonte de água potável e os igarapés são pouco utilizados para esta finalidade. O uso de cacimbas é mais freqüente para esse fim, especialmente entre os Manchineri, que não costumam beber ou usar água para cozinhar os alimentos de outras fontes.

A higiene pessoal é realizada com freqüência nas cacimbas ou no rio Iaco, praticamente não ocorrendo nos igarapés, a não ser que seja muito próximo das residências. Os lagos de forma alguma são usados para a higiene pessoal, tão pouco para a limpeza das roupas e dos utensílios domésticos. Em geral, roupas, panelas, pratos e talheres são lavados nas cacimbas ou no rio Iaco.

Este é a principal via de transporte de pessoas e produtos, ligando as aldeias entre si e com as demais localidades freqüentadas pelos Manchineri e Jaminawa. Para se deslocarem até outras aldeias, ou para as cidades próximas, usam o rio Iaco, seja no verão ou no inverno. No verão o deslocamento pelo rio é mais trabalhoso, por ficar muito seco, sendo este um período em que podem se deslocar com mais facilidade a pé ou com animais de montaria, no interior ou fora da TI.

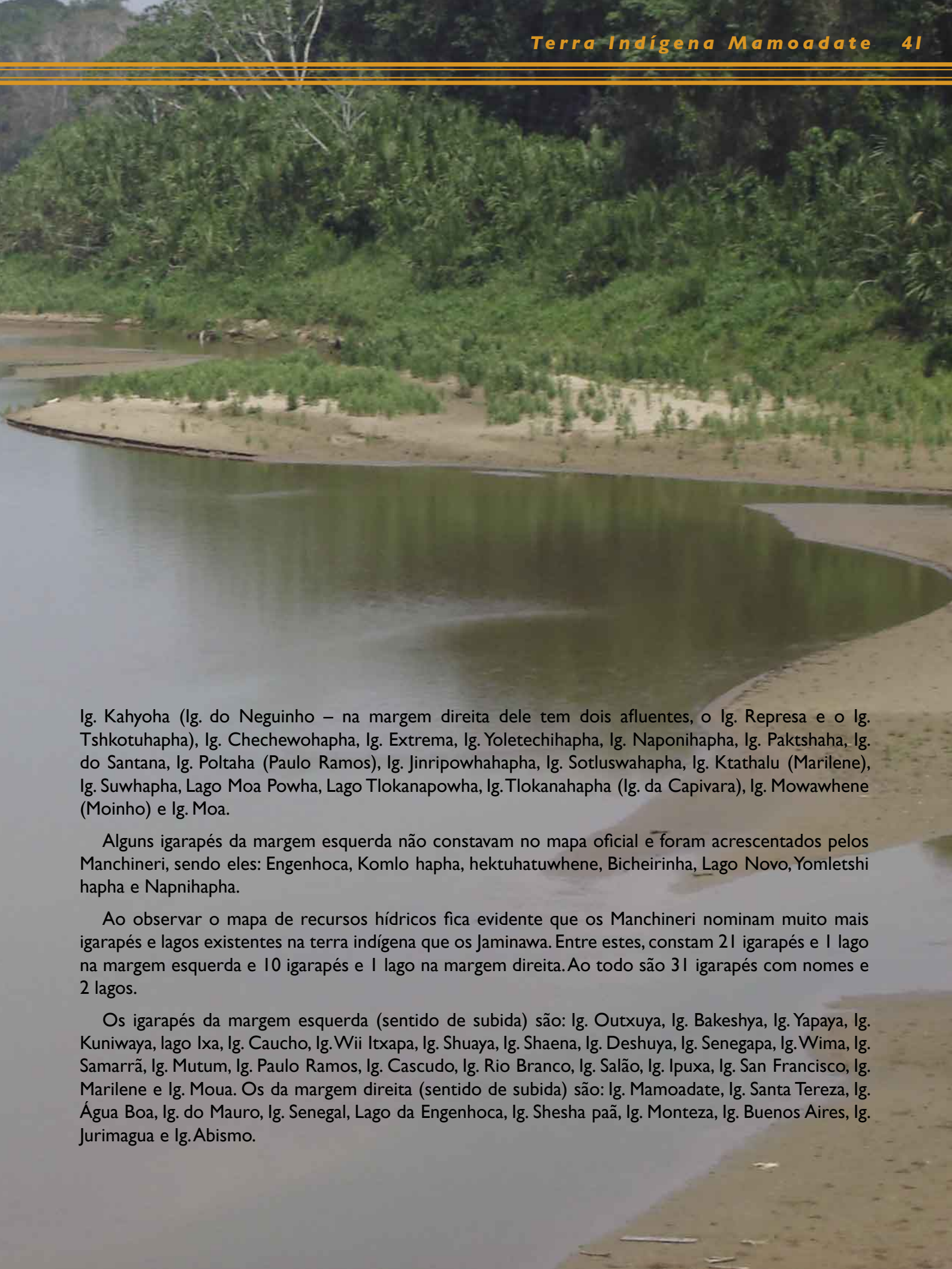




Conforme consta no mapa de hidrografia, os Manchineri nominam 19 igarapés e 2 lagos da margem esquerda do rio Yaco e 37 igarapés, 2 afluentes de igarapés e 2 lagos (com único nome) na margem direita do rio. Isto totaliza 56 igarapés nominados, 2 afluentes de igarapés e 4 lagos. Para uma visualização mais precisa dessas informações, segue abaixo o nome dos igarapés em português e na língua indígena.

Igarapés (hapha) e lagos (hipowha) da margem esquerda (sentido de subida): Ig. Mamoadate, Ig. Kahlihapha (Santa Tereza), Ig. Hotawakalu, Lago (sem nome para Manchineri, os Jaminawa denominam lago dos Sete Morcegos), Ig. Kopejiruhapha, Ig. Homha (Senegal), Ig. Tshawoknahapha, Ig. Hsutsatko, lago Hektuhaturpowha, Ig. Wsunuhapha, Ig. do João Cascudo, Ig. Monteza, Ig. Champohapha, Ig. Kotshikloha, Ig. Hsohapha, Ig. Katsotalha (Jurimágua), Ig. Rio Branco, Ig. Pahomtahapha, Ig. Katsluksuha (Abismo), Ig. Kokchitsh-hapha e Ig. Glória

Igarapés e lagos da margem direita (sentido de subida): Ig. Salão, Ig. Salão (dois igarapés com mesmo nome), Ig. Ksajhalu (Água Preta), Ig. Sokluhapha, Ig. Água Boa, Ig. Chotwahapha, Ig. Mtshirhapha, Lago Limawopowha (Lago do Limão – trata-se de dois lagos), Ig. Konruhapha (Seringa), Ig. Hicheyokapowha (da engenhoca), Ig. Komlohapha, Ig. Pollihapha, Ig. Machonnihapha, Ig. Tsholnihapha, Ig. Katajhalu, Ig. Mtshirnihapha, Ig. Hektuhatu, Ig. Hektuhatuwhene, Ig. da Bicheirinha, Ig. do Lago Novo, Ig. do Americano,



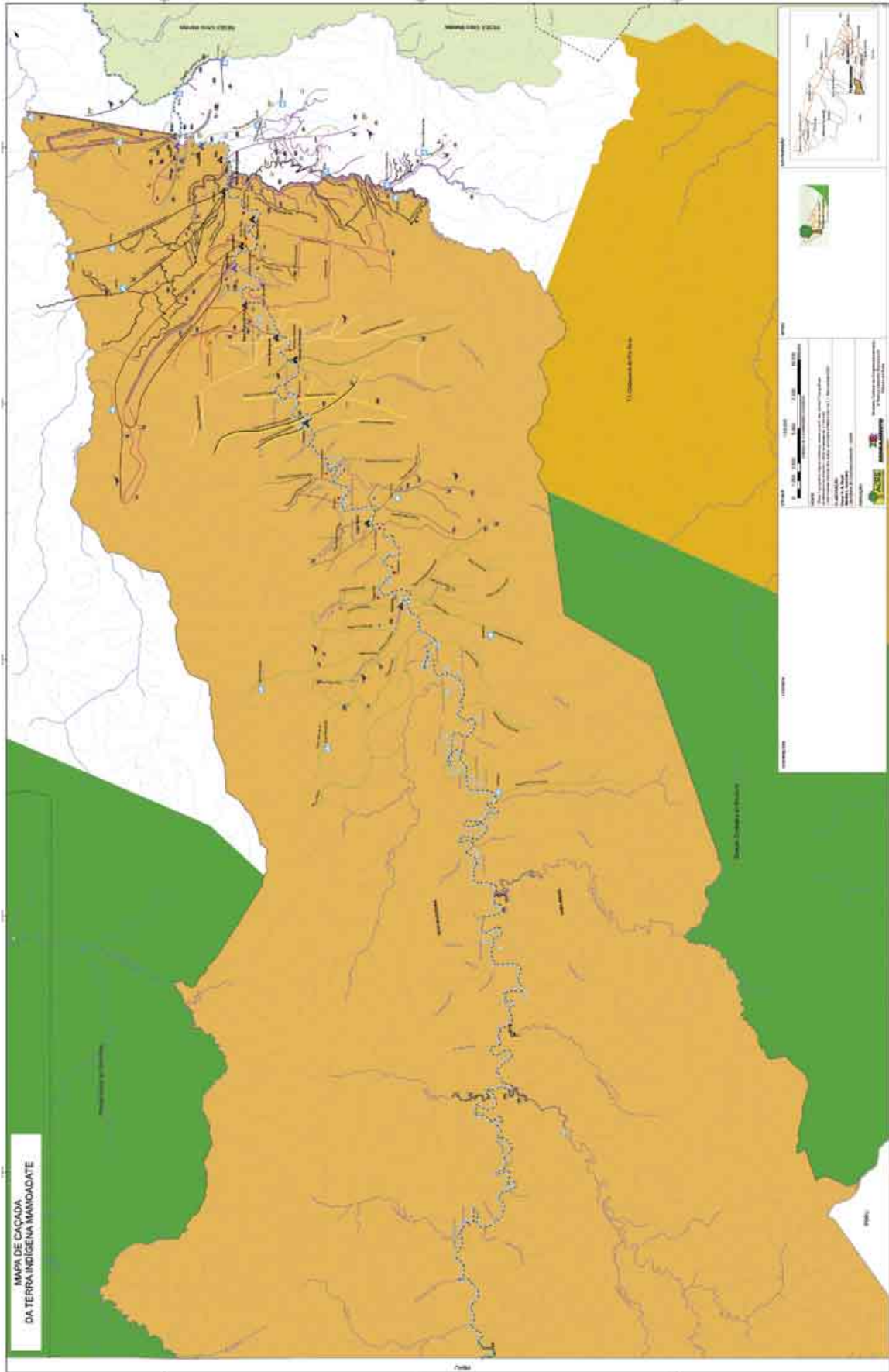
Ig. Kahyoha (Ig. do Neguinho – na margem direita dele tem dois afluentes, o Ig. Represa e o Ig. Tshkotuhapha), Ig. Chechewohapha, Ig. Extrema, Ig. Yoletchihapha, Ig. Naponihapha, Ig. Paktshaha, Ig. do Santana, Ig. Poltaha (Paulo Ramos), Ig. Jinripowhahapha, Ig. Sotluswahapha, Ig. Ktathalu (Marilene), Ig. Suwhapha, Lago Moa Powha, Lago Tlokanapowha, Ig. Tlokanahapha (Ig. da Capivara), Ig. Mowawhene (Moinho) e Ig. Moa.

Alguns igarapés da margem esquerda não constavam no mapa oficial e foram acrescentados pelos Manchineri, sendo eles: Engenhoca, Komlo hapha, hektuhatuwhene, Bicheirinha, Lago Novo, Yomletshihapha e Napnihapha.

Ao observar o mapa de recursos hídricos fica evidente que os Manchineri nominam muito mais igarapés e lagos existentes na terra indígena que os Jaminawa. Entre estes, constam 21 igarapés e 1 lago na margem esquerda e 10 igarapés e 1 lago na margem direita. Ao todo são 31 igarapés com nomes e 2 lagos.

Os igarapés da margem esquerda (sentido de subida) são: Ig. Outxuya, Ig. Bakeshya, Ig. Yapaya, Ig. Kuniwaya, lago Ixa, Ig. Caucho, Ig. Wii Itxapa, Ig. Shuaya, Ig. Shaena, Ig. Deshuya, Ig. Senegapa, Ig. Wima, Ig. Samarrã, Ig. Mutum, Ig. Paulo Ramos, Ig. Cascudo, Ig. Rio Branco, Ig. Salão, Ig. Ipuxa, Ig. San Francisco, Ig. Marilene e Ig. Moua. Os da margem direita (sentido de subida) são: Ig. Mamoadate, Ig. Santa Tereza, Ig. Água Boa, Ig. do Mauro, Ig. Senegal, Lago da Engenhoca, Ig. Shesha paã, Ig. Monteza, Ig. Buenos Aires, Ig. Jurimagua e Ig. Abismo.

Mapa de caçada



Mapa de caçada

Locais de caçadas

Os Manchineri e os Jaminawa caçam dentro e fora dos limites da TI. Dentro da terra eles caçam nos piques de caça, nos acampamentos, nos barreiros, na beira dos rios e igarapés, nos aceiros dos roçados e nas proximidades de árvores cujos frutos são alimentos para os animais. Fora da TI as caçadas ocorrem nos piques de caça que existem na margem direita do igarapé Mamoadate e em ambas as margens do igarapé Márcia hapha, ambos afluentes da margem direita do rio Iaco, conforme destacado no “mapa de caça”. Esses piques de caça são utilizados mais pelos Manchineri das aldeias Peri e Jatobá e pelos Jaminawa das aldeias Cujubim e Betel. Os Manchineri da aldeia Jatobá possuem um outro pique de caça que ultrapassa os limites da TI, definidos pelo igarapé Riozinho, mais precisamente na margem esquerda do mencionado igarapé, portanto, fora da TI.

“A gente vai para lá olhar a divisa lá (no Riozinho) e também já vai caçar, pescar. Sempre lá arranja mais um pouco, mas não é essas coisas não. Daqui lá são três horas. Esse pique não é antigo não, mas o do Peri é antigo”

(Francisco Napoleão Manchineri, 13/09/2005, Jatobá).

Os moradores da aldeia Betel caçam no igarapé da margem direita do Iaco, denominado Samarrã, que marca o limite entre a Reserva Extrativista Chico Mendes e a Fazenda Petrópolis. Ainda fora da TI, os Jaminawa do Betel caçam em uma outra localidade dentro da fazenda, na margem esquerda do Iaco, como pode ser observado no mapa.

Os demais piques de caça estão dentro dos limites da terra, sendo eles distribuídos por aldeias. Cada aldeia possui vários piques. Alguns seguem margeando os igarapés e, outros, passam pelos divisores de água destes. Os piques começam nas aldeias e se estendem, geralmente, até as cabeceiras dos igarapés. A extensão deles é variada, sendo calculada pelos Manchineri em horas, não em quilômetros. Os piques mais longos levam cerca de 5 horas de caminhada, no ritmo de um caçador, que não costuma ser muito rápido por estar atento a todos os indícios da presença de animais. As caçadas realizadas nos piques costumam não exceder um dia, o caçador sai da aldeia pela manhã e retorna para dormir em casa.

As caçadas que extrapolam o dia são aquelas realizadas nos acampamentos, onde constroem “papis” para se abrigarem. Existem alguns pontos específicos utilizados pelos Manchineri para fazerem acampamentos de caça. Como observado no mapa de caça, os caçadores das aldeias Jatobá e Extrema acampam na beira do rio Iaco, acima dos igarapés Moa e Glória, próximo à fronteira com o Peru. Esta região constitui território dos índios isolados. Por isso, existe uma certa periculosidade nos acampamentos localizados nesta área. Os Manchineri, das aldeias Peri e Jatobá, também fazem acampamentos de caça nas margens dos igarapés Katsluksuha (Abismo) e Marilene, por onde há indícios de trânsito dos índios isolados. Estes acampamentos, talvez devido ao risco de se depararem com os índios isolados, e certamente por causa da distância das aldeias, não são muito utilizados pelos Manchineri. Eles caçam nestes locais quando necessitam de uma grande quantidade de carne, para realizarem festas, adjunto (mutirões), grandes reuniões, etc. Já os Jaminawa, por estarem suas aldeias distantes da área de trânsito dos índios isolados, praticamente não se deslocam até essa área para caçar.

Dentre os lugares de acampamentos, dois estão fora da área utilizada pelos índios isolados, sendo explorados com mais frequência. Um deles se encontra na foz do igarapé Jorimagua, usado pelos Manchineri das aldeias Peri, Jatobá e Laranjeira. O outro, de uso dos moradores da aldeia Peri, situa-se fora dos limites da TI, nas cabeceiras do igarapé Mamoadate, onde acampam por cerca de dois dias⁷. Os acampamentos feitos neste igarapé são os únicos realizados nas cabeceiras, pois nos demais a abundância de caça torna desnecessário subir muito pelo curso dos igarapés para acampar. Em oposição aos Manchineri, os Jaminawa não possuem o costume de fazerem acampamentos para caçar. Em geral, eles retornam no mesmo dia de suas expedições de caça, mesmo se não tiverem alvejado nenhum animal.

Conforme os Manchineri e Jaminawa, além dos piques de caça e dos acampamentos, existem outros locais bons para caçar. Estes são basicamente: os roçados, os barreiros, as margens do rio Iaco e as proximidades de árvores cujos frutos servem de alimentos para os animais. Nestes locais, assim como nos piques de caça e nos acampamentos, a diversidade de animais caçados é considerável.

Nos roçados: a cutia, a paca e o porquinho, além das nambus e outras aves. Nos barreiros: o veado, a anta e o queixada. Próximo a árvores frutíferas, o veado e o queixada. Nos piques de caça e acampamentos: macaco, queixada e muitos outros, na beira do rio caça-se jacaré, capivara, paca, veado e tatu:

“Mata mais é paca, veado, tatu. Passa muito na beira. Capivara também, de noite também. Agora está ficando difícil aqui, capivara”.

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

⁷ Este é mais ou menos o tempo médio de permanência nos acampamentos.



Classificações e técnicas de caçada

Todos os animais comestíveis são classificados pelos Manchineri e Jaminawa como “embiara” ou “caça grande”. Dentre as embiaras pode-se mencionar a paca, a cutia, o tatu, o porquinho e os animais de pena. Entre as caças grandes estão a anta, o queixada e o veado. Um caçador geralmente almeja uma caça grande, mas retorna para casa muitas vezes com várias embiaras. A caça grande é tida como a melhor por fornecer uma quantidade considerável de carne, capaz de alimentar mais de uma família. Entretanto, alguns Manchineri e Jaminawa reconhecem que a carne de muitas embiaras é bastante saborosa, mais que a de algumas caças grandes. É difícil precisar a predileção dos Manchineri e Jaminawa por determinadas caças em função do sabor, visto haver uma considerável variação de gosto entre os indivíduos.

Entre os animais comestíveis podem ser destacados: anta (jema), veado (kchoteru), paca (kayatu), cutia (pejri), macaco capelão (kina), quatipuru (yopixri), queixada (hiyalu), porquinho (mrixixi), cutiara (ksapejri), capivara (hipetu), macaco da noite (hyamru), tatu (kchiwna), tatu rabo de couro (jixaplu), quati (kapchi), macaco de cheiro (tshkotu hanuru), macaco prego (tshkotu), macaco cairara (kletu), macaco preto (mtshira), macaco zogue (kwaha), macaco soim (puseri sero ptshijiru) e macaco barbadinho (puseri klata chaptolu).

Entre as aves comestíveis encontram-se: jacu (totumta), nambu (hiyeka), nambu galinha (yoko), cujubim (kanalu), araguar (plejnako), nambu macucal (makokawa), nambu azul (tseklu), juriti (chwiriji), rolinha (kamowa wabene), jacamim (huixixi), tucano (chicane), papagaio (hapre), arara (pamlo), periquito (himrali), guabra (yawura), ganso (saweta), jaburo (hohru), maracanã (tshiratalu), galinha d'arco (katsotu), paturi (hapchi), mergulhão (tsruta taye), pato (capute), galinha (katsotu), marido da galinha (hopchi) e capote (paltaya).

O abate de embiaras ou caças grandes está associado às técnicas de caçadas utilizadas pelos Manchineri e Jaminawa, divididas em: caça a ponto (a curso), caça com cachorro, caça na espera e caça com armadilha. A caça a ponto é praticada principalmente



nos piques de caçada, mas também ocorre nos acampamentos. O caçador costuma sair pela manhã, ou de madrugada, munido de espingarda, terçado e rancho. Passa longas horas na mata caminhando em um ritmo não muito acelerado. Pelo caminho, ele procura os diversos indícios da presença de animais comestíveis: barulho, rastro, piché (cheiro), etc. Com essa técnica podem abater várias espécies de animais:

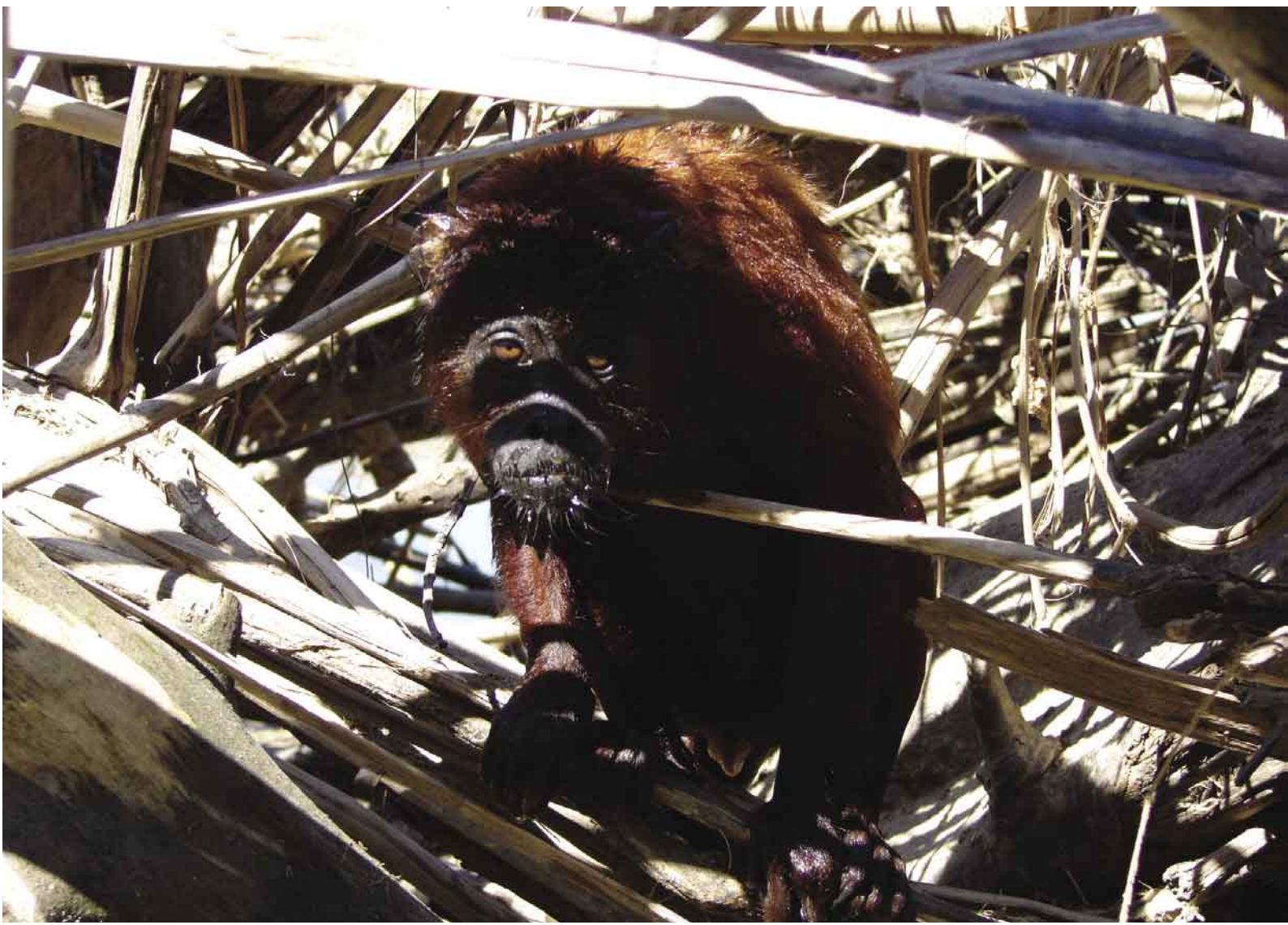
“De ponto nós matamos porquinho, capelão, macaco preto. Macaco preto é difícil. É mais fácil zog-zogo. Macaco Cairara é perigoso. Veado nós topa. Queixada nós topa. Anta nós topa, mas é só rastro, rastejando. Mas é difícil nós rastejarmos. Porque tem muita gente que não sabe caçar. Embiara também pega. Nós topa nambu azul, arara, nambu galinha, mutum, jacu, não é muito difícil não. Cujubim é difícil”

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

Na caça com cachorro, também realizada nos piques de caça e acampamentos ao longo do dia, a caminhada pode ser mais rápida, quem guia o caçador são os cães. Dependendo do comportamento do cachorro, especialmente do latido, o caçador consegue fazer suposições do animal que se encontra por perto. De acordo com os Manchineri e Jaminawa a caçada com cachorro está diminuindo:

“Não é caçar com cachorro. Nós sempre levamos alguns cachorrinhos para espantar as cotias. Para não acabar nossa roça, macaxeira”

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa 09/09/05, Salão).



“A gente caça com cachorro, mas não no centro da mata, com uma hora e meia. Às vezes quando o caçador topa de sorte arrumar caça ele não vai nem vinte minutos buscar, ali ele já fez a feira dele, de lá ele já volta”

(Noberto Bezerra da Silva Manchineri, 15/09/05, Água Preta).

A caça na espera, diferentemente das outras técnicas, é praticada nos roçados, nos barreiros e próximo das árvores frutíferas, principalmente a gameleira. Ela é mais praticada durante a noite, quando o caçador, munido de rancho, espingarda, terçado e lanterna, fica no alto de uma árvore esperando os animais se aproximarem. Como nas outras duas técnicas citadas, o caçador fica sempre atento aos indícios da presença do animal, preocupando-se com o sentido do vento que pode fazer com que a caça fareje o cheiro dele e não se aproxime.

A caça na espera, praticada no roçado, permite aos Manchineri e Jaminawa abaterem para o consumo algumas espécies de animais silvestres. Segundo o agente de saúde da aldeia Santa Cruz, Isaías Salomão Manchineri:

“São três tipos de bichos que comem a macaxeira e o milho, que são mais danados, em outros cantos dá mais, mais aqui, no nosso caso, é a cutia. A cutia é um bicho sem vergonha, come macaxeira, no cerrado e no limpo. E a paca e o porquinho. São esses três bichos”

(Isaías Manchineri, 25/07/04, Santa Cruz).

Como pode ser notado nesta fala, a paca, a cotia e o porquinho costumam freqüentar os roçados para se alimentarem de macaxeira e milho, tornando-se alvos fáceis não só para os Manchineri, mas também para os Jaminawa. A caça na espera também pode ser realizada no interior da floresta, longe dos roçados. Neste tipo de caçada, os Manchineri e os Jaminawa colocam uma rede de dormir no alto de uma árvore e ficam esperando para o abate a paca, o veado ou a anta. Esses animais são abatidos em locais onde costumam se alimentar. Conforme Isaías Manchineri:

“Tem vários tipos de comida que eles gostam. A paca gosta de gameleira, gosta de coco de ouricuri, gosta de inharé. Muitos tipos de comidas. Agora, a anta, é só cajarana e gameleira. O veado também. O veado é inharé, gameleira e biorana”.

(Isaías Manchineri, 25/07/04, Santa Cruz).

Na caça com armadilha são utilizadas espingardas, para caçar embiaras e caças grandes, e arapucas para “bichos de pena”. As arapucas, em geral, são armadas nos roçados para capturar animais de pena, como o jacú, as nambús e outros. As armadilhas com espingardas são colocadas nos locais de trânsito dos animais, amarrando um fio de nylon entre dois suportes ligados ao gatilho. Quando a caça força o fio para passar a espingarda é acionada. A altura do fio em relação ao solo estabelece o porte do animal que será caçado, se embiara ou caça grande:

“Com armadilha pega tatu, paca, veado. Veado quem sabe fazer a armadilha. O mais principal mesmo é tatu e paca, na trilha dela”.

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

Caças, crenças e costumes

Todas essas técnicas estão associadas a um universo de crença que envolve os caçadores, os cachorros e os instrumentos utilizados. Para os Manchineri, mulheres menstruadas podem atrapalhar o caçador. Se uma mulher menstruada andar no pique de caça os animais não aparecem. Mas a maior parte das crenças está associada ao que é por eles denominado “panema”. Quando um caçador está encontrando dificuldades para abater os animais, os Manchineri e Jaminawa dizem que ele está com “panema”. Acredita-se que o rompimento de alguns tabus pode deixar o caçador com panema. Segundo os Manchineri Anauberto e Zé Barrão, alguns motivos deixam o caçador com panema. Caso uma mulher menstruada toque em qualquer instrumento de caça, ou coma a carne que o cachorro acuou, o caçador fica com panema. Se o caçador estiver caçando com cachorro, para evitar panema, ele deve, sem a ajuda do cão, caçar um animal para a mulher menstruada comer. Se jogar os ossos da caça no terreiro e alguém fizer xixi/urinar em cima, “aí dá panema”. Se uma pessoa tiver inveja do caçador, ou da sua caça, ele fica com panema. Mulher grávida não pode ficar enjoada com a carne da caça, se não dá panema.

Para os Jaminawa, se uma mulher menstruada passar por cima da arma do caçador ele fica com panema. Além disso, também é preciso ter um cuidado especial com os ossos da caça:

“Às vezes joga os ossos fora, da caça, e alguém mija em cima, aí panema. Tem outros também, baleia a caça, ela vai embora e morre longe, aí o urubu come. Aí o caçador fica panema.”

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, Salão, 09/09/05)

Muitos outros motivos fazem o caçador ficar com panema, mas diversas técnicas podem acabar com esse mal. Para tirar panema os Manchineri fazem uma defumação do caçador, dos instrumentos e do cachorro com a folha do tipi. Além desses conhecimentos, existe a defumação com pêlo de caça. Passar pimenta malagueta nas narinas do cachorro, ou defumar o caçador com pimenta, é outra forma de tirar panema. Na visão deles, o cachorro fica com panema porque ele é um caçador.

Entre os Jaminawa, outras crenças estão associadas ao consumo de caça. Alguns animais não podem ser caçados quando o pai possui filhos pequenos, pois estes passariam a correr o risco de morrer. Como falado pela liderança da aldeia Salão:

“Quando tem criança pequena de um ano, de dois anos, não pode matar macaco cairara. Nós podemos matar macaco cairara quando a criança tem de seis anos para sete anos, aí pode matar. Já está crescendo. Enquanto a criança não cresce não pode matar. Mutum, se tiver criança bem pequena de um mês não pode comer. O pai e a mãe. Depois que passou um mês aí pode comer. A arraia também, o pai e a mãe não podem comer. Avó, Avô não tem problema. É nossa cultura mesmo, a gente não pode deixar ela para trás”

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

Como parte da cultura, os caçadores Manchineri e Jaminawa dividem a carne obtida conforme algumas normas sociais. O caçador reparte a caça com os parentes mais próximos. A caça também é repartida com os vizinhos, que podem ser parentes próximos ou não. O caçador Manchineri ou Jaminawa costuma caçar para alimentar sua família e seus parentes, mas pode ser por outras necessidades, como quando ele precisa de ajuda para realizar um trabalho, construir uma casa, abrir um roçado. Nessas ocasiões, o caçador garante o rancho de todos os trabalhadores. A importância da carne de caça para eles não se limita, portanto, à alimentação. Ela está associada à organização social, às crenças e ao conhecimento tradicional.



Escassez de caça

A falta da carne de caça para os Manchineri geraria uma desestruturação do modo de vida deles, bem mais intensa que entre os Jaminawa. Em algumas partes da TI, a dificuldade de obter caça aumentou consideravelmente. Como dito pelo caçador conhecido como Chico Tampa:

“É cedo a gente sai para caçar e não encontra mesmo. Agora no verão, é meio difícil encontrar caça na mata. Encontra mais uns queixadas, mas não é toda vez que vai na mata que encontra caça não. Caça é meio difícil.”

(Francisco Napoleão Manchineri, 13/09/2005, Jatobá).

A grande diminuição da caça ao longo dos anos também tem sido notada pelos Jaminawa. Como pode ser percebido nas palavras da liderança da aldeia Betel:

“De primeiro, que eu alcancei aqui, era muita fartura. Perto da casa, do roçado, a gente via era muito queixada, veado, anta que andava quase no meio do terreiro. Hoje em dia não, ninguém vê mais isso não. Está meio difícil. O tempo que os bichos estão dando cria é melhor a gente parar uns dias, para não matar o bicho buchudo também. Porque ninguém sabe quando é fêmea ou quando é macho”.

(Rubens Lorival Jaminawa, 09/09/05, Betel).

As aldeias Manchineri Peri, Jatobá, Santa Cruz e Laranjeira enfrentam dificuldades para conseguir caça, bem como as aldeias Jaminawa Betel, Salão, Cujubim e Boca do Mamoadate. A única aldeia Jaminawa que não enfrenta grandes dificuldades para obter caça é Água Boa. Entre os Manchineri, a aldeia Alves Rodrigues não tem esse problema. Seus moradores, em número reduzido (duas famílias) retornaram para a localidade acerca de três anos, apenas. As aldeias Cumaru, Lago Novo e Extrema também não enfrentam grandes dificuldades com a escassez de caça, mas pensam em formas de evitar a falta de carne no futuro por perceberem que a quantidade de caça está reduzindo.

“Nós, lá na aldeia Extrema, a dificuldade da caça não está muito difícil. Porque as nossas caçadas, todas as caçadas que fazemos é difícil voltar de mão vazia. Sempre a gente consegue para comer, para um dia, para dois dias. Outra, que lá para nós, ainda temos um espaço bom para nós, ainda não estamos caçando um no pique do outro. O fato é que não tem muita gente mesmo. Nós estamos até bom de caça ainda. Mas assim mesmo, com essa facilidade, às vezes a gente anda muito e não consegue nada”.

(José Samarrã, Extrema, 13/09/2005).

Um dos principais motivos relacionados à diminuição de animais silvestres comestíveis na TI é o adensamento populacional, que acaba gerando a necessidade da abertura de muitos piques de caça e acampamentos, além da sobreposição dos primeiros. Sobre a diminuição da caça, a liderança da aldeia Santa Cruz diz:

“A população está aumentando. Então agora a caça está diminuindo. No pensar, para evitar de caçar, a gente tem que ter pelo menos outro recurso. Às vezes quando a gente tem alguma criação, de peixe, de porco. Se a gente tivesse esse tipo de criações a gente caçava menos. Aí a caça voltava mais para perto das aldeias. No meu pensar é isso”.

(João Salomão, 13/09/2005, Santa Cruz).

Como pode ser visto no mapa de caça, a concentração de quatro aldeias Manchineri, juntamente com outras quatro aldeias Jaminawa, em uma mesma região da TI, tem afastado a caça das proximidades das residências e deixado os piques de caça sobrepostos, gerando diversas queixas.

“Aqui está meio difícil de caça, porque é muita gente. As aldeias têm muita gente. Quando a gente vai caçar, vai atrás de uns queixadas, a gente atravessa o pique dos outros, a gente vai passando aí”.

(Francisco Napoleão Manchineri, 13/09/2005, Jatobá).

Em geral, os piques de caça dos Jaminawa são menores que os dos Manchineri, sendo que muitas vezes os Jaminawa usam partes dos piques abertos pelos Manchineri. Enquanto os Jaminawa não vão muito longe nas suas caçadas, os Manchineri podem passar o dia inteiro caçando, retornando somente com algum animal abatido. Já os Jaminawa, dificilmente ficariam mais do que um período na mata, voltando para casa mesmo sem nada conseguir encontrar. Como afirmado pelas lideranças Jaminawa das aldeias Salão e Betel:

“Nosso costume é só caçar até onze horas, duas horas. Mais longe são três horas. Mesmo que não achemos nada, podemos voltar”.

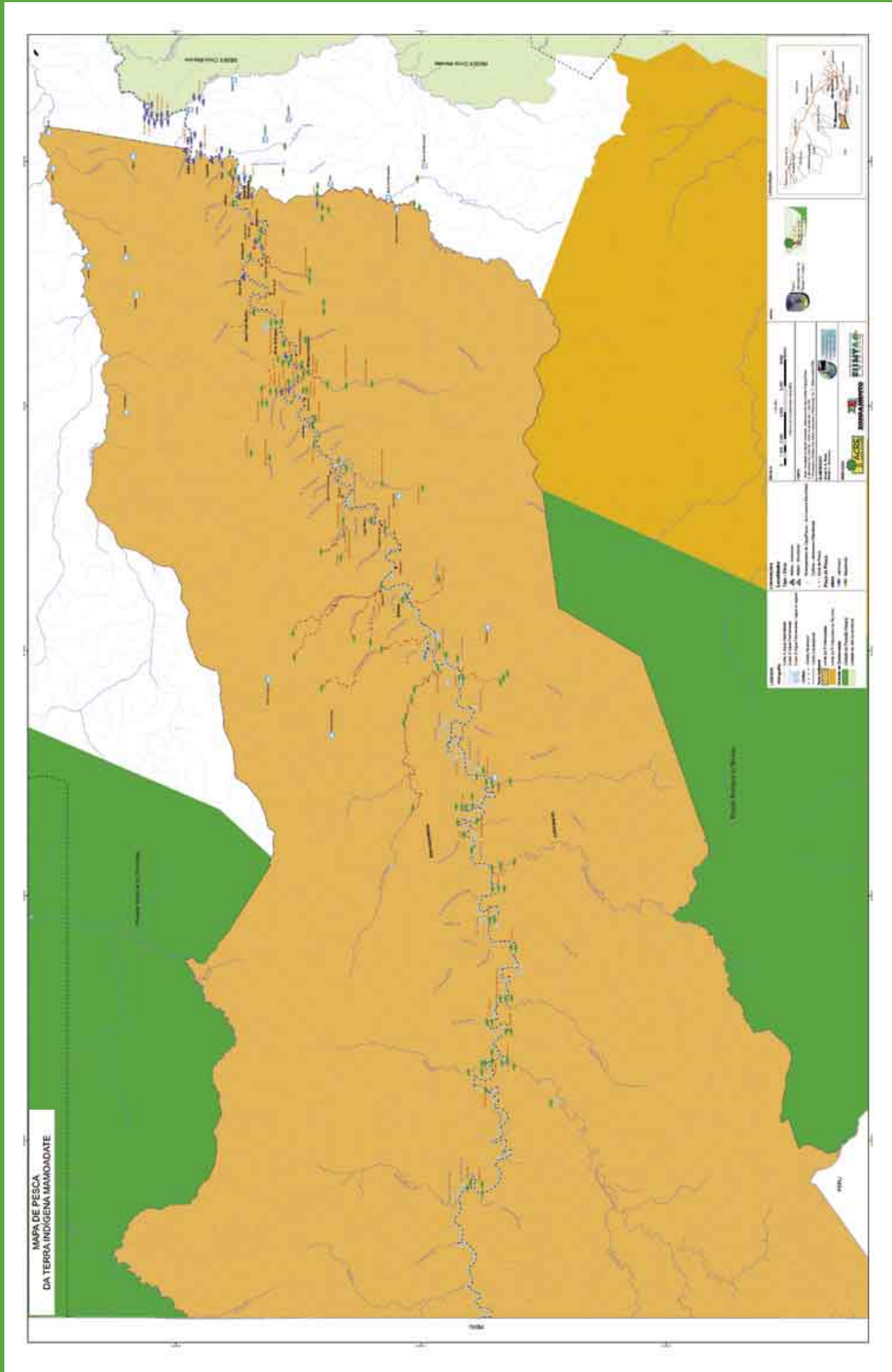
(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

“A gente caça uma semana, uma vez na semana. Caça uma semana, falta duas semanas. Nos preocupamos mais com o nosso trabalho. A família fica passando fome a gente fica trabalhando no nosso roçado. Tem dia que a gente passa só com macaxeira, aí a coisa aperta e vamos procurar”.

(Rubens Lorival Jaminawa, 09/09/05, Betel).



Mapa de pesca



Mapa de pesca

Locais de pesca

Os Manchineri e Jaminawa pescam no interior da TI e fora dela. O local fora da TI onde a pesca é realizada situa-se em parte da área da fazenda Petrópolis, entre a margem direita do igarapé Mamoadate e a esquerda do Samarrã, onde reivindicam a revisão dos limites de sua terra. Os Manchineri que pescam nesta área são moradores da aldeia Peri e Jatobá e os Jaminawa são das aldeias Betel, Salão, Cujubim e Boca do Mamoadate. Os primeiros pescam, ainda, na foz e no médio curso dos igarapés Mamoadate, Márcia Hapha e de um igarapé sem denominação, situado entre os outros dois. Os Jaminawa pescam nestes locais e ao longo do igarapé Samarrã. Os Manchineri da aldeia Peri também pescam no alto curso do igarapé Mamoadate. Já os Manchineri da aldeia Jatobá pescam no médio e alto curso do Mamoadate e em alguns de seus afluentes da margem direita e esquerda.

Portanto, muitos Manchineri e Jaminawa freqüentam uma ampla área fora da TI para obterem peixes. Isso não significa serem essas localidades as com maiores quantidades de peixe. De acordo com eles, todos os locais acima descritos não possuem fartura de peixes:

“Não é muito bom de peixe não. Quando a gente sai daqui a gente pesca lá. Não são só os Jaminawa não, até os Manchineri, até os Dawa (brancos) eles pescam lá. Lá é médio de peixe, talvez a gente pegue sabará, alguns mandins naquele salão, arraia. Agora Jundiá é difícil de pegar”.

(Juraci Jaminawa, 09/09/05, Betel).

Por não serem os igarapés próximos das aldeias Peri e Jatobá (Manchineri) e Betel, Salão, Cujubim e Boca do Mamoadate (Jaminawa) bons para a obtenção de peixes, em diversas ocasiões eles pescam no interior da TI, em locais mais distantes. Sobem o rio Iaco com canoas, e passam da aldeia Extrema, para pescar ao longo desse rio e em alguns lagos. Os Manchineri, da aldeia Jatobá, exercem essa atividade produtiva em pontos piscosos do igarapé Poltaha (Paulo Ramos), do rio Iaco e dos lagos. Do mencionado igarapé até a altura do Tlokanahapha (ig. da Capivara), afluentes da margem esquerda do rio Iaco, existem diversos pontos piscosos, com maior quantidade de peixes.

“Peixe aqui no Jatobá é meio difícil, porque conseguimos mais um pouco lá para cima. Sempre a gente vai lá e pesca lá. Pega não muito, mas consegue mais que aqui. Porque aqui é difícil para pescar. Passa o dia todinho, se cabra arrumar uma janta é muito. Nessa pausada do Jatobá quando a gente não pesca tem os parentes Jaminawa. É assim, por isso que é difícil”.

(Francisco Napoleão Manchineri, 13/09/05, Jatobá).

Já os Manchineri da aldeia Peri sobem o rio Iaco e pescam em pontos compreendidos entre o igarapé Jinripowhapha e o Katsluksuha (Abismo), sendo o primeiro afluente da margem esquerda e o segundo da direita do rio. Nestes locais e em vários outros, os Jaminawa também praticam suas atividades de pesca. Os pontos de pesca nesta região são considerados bons. A maior parte dos pontos tidos como bons, tanto pelos Manchineri quanto pelos Jaminawa, encontram-se na área de trânsito dos índios isolados.

Considerável parte da região acima descrita é utilizada, também, pelos moradores das aldeias Extremas e Lago Novo (Manchineri) e Água Boa (Jaminawa). Os pontos de pesca usados pelos moradores da Extrema encontram-se ao longo do rio Iaco e seus lagos, entre o Igarapé do Santana, acima da aldeia, e o Igarapé Marilene, ambos tributários da margem esquerda do rio. Mesmo estando mais afastados das outras aldeias, os moradores da Extrema estão começando a ter dificuldades para obter peixes:

“Na aldeia Extrema a dificuldade de peixe é sempre meio difícil mesmo. Difícil assim, porque perto do porto tem peixe, mas não é de fartura. Às vezes vai mariscar e não pega nada, mas às vezes pega também. Mas não é de fartura. Para a gente pegar temos que subir mais um pouco. Mas a dificuldade nossa não é tão assim. Porque o pessoal aqui da aldeia Jatobá diz que não tem mais não. Vamos dizer se o pessoal do Jatobá mariscar hoje, amanhã o pessoal da Santa Cruz vai mariscar no mesmo pedaço do rio. Então ali o peixe está o tempo todo na correria, não tem sossego para ele. Nós na aldeia extrema, daqui acolá estamos vendo dificuldade do peixe”.

(José Samarrã, 13/09/2005, Extrema).

Os pescadores da aldeia Lago Novo, por sua vez, usam a região próxima à aldeia Extrema em menor intensidade. Seus locais de pesca situam-se no curso do Igarapé Katsotalha (Jurimágua) e em um lago da margem do Igarapé Katsluksuha (Abismo), ambos afluentes da margem direita do Iaco. Para os Manchineri dessas aldeias, os locais de pesca nessa região são considerados bons. Esses locais são usados pelos Jaminawa, mas em menor intensidade, pois preferem pescar descendo o rio, em áreas fora da TI muitas vezes.

Os pescadores da Extrema e Lago Novo freqüentam, ainda, outros pontos de pesca. As pessoas da Extrema usam os Igarapés Kahyoha, Naponihapha e Poltaha (Paulo Ramos), que deságuam na margem esquerda do Iaco, e o Igarapé do João Cascudo, margem direita do rio. Dentro da classificação proposta para qualificar os locais de pesca, as cabeceiras desses Igarapés foram avaliadas como de nível médio, e o restante do curso dos Igarapés com poucos peixes. As pessoas da aldeia Lago Novo utilizam os Igarapés Hektuhatu e Hsutsatko, o primeiro da margem esquerda e o segundo da direita do Iaco. Além de pescarem nesses Igarapés, avaliados com médio e pouco peixe, respectivamente, usam também o curso do Iaco logo na frente da aldeia para pescar, apesar de ser um local com poucos peixes.

As outras aldeias: Cumarú, Alves Rodrigues, Laranjeira, Água Preta, Senegal e Santa Cruz costumam desenvolver a atividade de pesca em localidades situadas nas proximidades das aldeias. Os moradores do Cumarú obtêm peixes no médio curso dos Igarapés Homha e Senegal, afluentes da margem direita e esquerda do rio Iaco, respectivamente. Também costumam pescar ao longo desse rio, entre o Igarapé Homha e o Tsholnihapha, situado na margem esquerda do Iaco. Os Manchineri da aldeia Alves Rodrigues desenvolvem a atividade de pesca em pontos localizados no Igarapé Konruhapha (Seringa) e próximos à aldeia, no rio Iaco. Os pescadores da aldeia Laranjeira pescam nos Igarapés Hotawakalu e Kahlihapha (Santa Tereza), margem direita do rio, e em dois Igarapés sem denominação, situados na margem esquerda do Iaco, um pouco acima da aldeia. Os moradores da aldeia Santa Cruz adquirem peixes para a alimentação no Igarapé Konruhapha (Seringa), Kahlihapha (Santa Tereza), Homha e ao longo do rio Iaco, no trecho compreendido entre sua aldeia e a aldeia Cumarú.

Todos os locais de pesca dessas quatro últimas aldeias foram considerados medianos para esta atividade, com exceção dos Igarapés Kahlihapha (Santa Tereza) e Hotawakalu, tidos como pontos piscosos com poucos peixes. Os locais mais próximos dessas aldeias, Pauzada da Engenhoca e o Poço da Anta, são bastante freqüentados por ainda serem bons para as pescarias:



“O meio de nós pegarmos peixe mesmo é na pauzada da engenhoca e no poço da anta. São os melhores lugares daqui das aldeias. Da pauzada da engenhoca para cima já vai melhorando, porque para lá tem menos pessoas, menos aldeias, e as aldeias ficam mais distantes umas das outras. Por isso que para lá tem mais facilidade de peixe. Agora aqui não, aqui as aldeias são mais próximas umas das outras”.

(Noberto Bezerra da Silva Manchineri, Água Preta, 13/09/05).

Classificações e técnicas de pesca

De acordo com os Manchineri e os Jaminawa, no rio Iaco, e nos seus igarapés e lagos, existe uma fauna classificada como: peixes de escama, peixes de couro e animais de casco duro⁸. Entre os peixes de escama que habitam o rio encontram-se: curimatá (kapiripa); ji-tabarana; mariquinho (kaplalo); pacu (patlu); peixe cachorro (kawe); proa de lancha (mach tajiro); sabarão (ksamire); salma; tambaqui; pescada (kajinakojiro); piranha caju (homa); piranha preta (homa ksojiro). nos igarapés, os principais peixes usados na alimentação são: cará (tsuwu); jeju (pone); manóel besta (kieplo); piababa (kopaji); traíra (ksakjeru); curimatá (kapiripa); ji-tabarana; peixe cachorro (kawe); sabarão (ksamire); salma. Nos lagos, os peixes mais consumidos pelos manchineri são: branquinha (kalyapalo); traíra (ksakjeru); curimatá (kapiripa); pescada (kajinakojiro); piranha caju (homa); piranha preta (homa ksojiro).

Dos vários peixes de couro que habitam o rio pode-se destacar: jundiá (wakawa); jundiá sabão (kackopichi chima); sirigado (kokchitshi); mandim (kolyo); arraia (hpuyo); bacu (taya); cunhu cunhu (kaplalo); pirra nambu (heprahaju); parraba chato (posukjepuru); muela; soia (soio); surubim (kayonalo); peixe lenha (tsharawa); caparari (hajixi); dourado (klata chikopalo); mantobe e sarapó (yatshapí). nos igarapés os peixes de couro indicados foram: mandim (kolyo); sarapó (yatshapí) e João mole (kokchitshi). nos lagos foi mencionado apenas o mapará. Os animais de casco duro do rio são: cascudo (hatsijiri); cascudo preto; tracajá (supru) e jacaré (kchiyojru). Os que habitam os igarapés: cascudinho (hatshijiri); carangueijo (yotlo) e camarão (hektshi). Há ainda o tracajá e o mata-mata, que habitam os lagos e o rio. Este último quelônio é encontrado também em igapós e igarapés. Dentre esses animais, há ainda: o jabuti, o jabuti açu e a tartaruga de igapó. Os dois primeiros são animais terrestres que habitam a floresta e o terceiro um animal marinho, cujo habitat são os igapós.

⁸ Essas classificações foram inicialmente produzidas pelos agentes agroflorestais, em 2003, com apoio da CPI-Acre, sendo atualizadas, em 2004, nas oficinas de etnozoneamento.



Para pegar esses animais, especialmente os peixes, eles utilizam algumas técnicas, que são mais eficazes conforme o período do ano. Em geral, a atividade de pesca é praticada durante todo o ano, mas ao longo do verão amazônico torna-se mais fácil obter peixes, devido à piracema e às águas ficarem mais límpidas. Este período do ano coincide com uma maior redução das atividades de caça. As técnicas empregadas, no verão, utilizam tarrafa, visgador (mergulho) e flecha, esta última em menos intensidade. Durante o inverno usam o “anzolim” (anzol e linha).

“Nós usamos mais é tarrafa e linhada (anzol). No verão pesca com tarrafa, no inverno pesca de linhada. Visgador depende, é no verão, mas tem uns que mergulham, outros não mergulham não”.

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

No rio Iaco eles pescam na “pauzada”, que é um local de maior profundidade do rio, onde a água está mais parada e há um acúmulo de galhos, folhas e tronco de árvores secas. Usam no rio o anzol e o visgador, que é um anzol amarrado na ponta de uma corda fina que permite ao mergulhador fisgar o peixe. Nos lagos e igarapés eles utilizam a tarrafa. Em geral, essas técnicas são utilizadas apenas pelos homens Manchineri, não sendo costume entre as mulheres desse povo a prática da pescaria. O mesmo não pode ser dito para os Jaminawa, que contam com intensa participação das mulheres nas pescarias. Já as mulheres Manchineri, apenas acompanham os homens, auxiliando-os na armazenagem dos peixes obtidos. De acordo com o Manchineri Isaías Manchineri: “as mulheres pescam assim, ajuntando os peixes”.

(Isaías Manchineri, 25/07/04, Santa Cruz).

Todas as técnicas são frequentemente utilizadas, algumas em maior outras em menor intensidade. A única técnica que eles conhecem e que não está mais sendo usada é a pesca com plantas venosas. Segundo os Manchineri e os Jaminawa, eles deixaram de utilizar essa técnica por causar a morte de diversos peixes e animais que não servem para a alimentação. Isto fica visível no discurso do agente de saúde Manchineri da aldeia Santa Cruz:

“No caso do tinguí, o camarada vai colocar lá na cabeceira do igarapé e o veneno do tinguí vai bater na boca do igarapé, onde ele sai no rio. E os peixinhos que vivem lá, no meio, vão ser mortos todos. Nós mesmos proibimos de fazer isso”.

(Isaías Manchineri, 25/07/04, Santa Cruz).



Escassez de peixe

Em parte, o abandono do uso do tingui está associado não apenas a uma maior conscientização ecológica, mas também à escassez de peixes. A diminuição dos peixes no rio Iaco, seus igarapés e lagos tem sido sentida em todas as aldeias:

“A gente não pega peixe não, está aí os parentes aqui dessas aldeias Jatobá, Santa Cruz, sabem bem disso. Porque o nosso rio é muito raso, tem pauzada mais não tem peixe. Como nós dizemos, para sobreviver precisamos passar das outras aldeias para ir pescar. Para ver se pega o peixe para comer. Hoje em dia não está tendo pouco peixe não, a bem dizer já acabou. Porque na época que eu era criança, para pegar o peixe era na frente da aldeia mesmo. Isso eu sei bem disso porque eu alcancei o tempo da fartura do peixe”.

(Noberto Bezerra da Silva Manchineri, 13/09/05, Água Preta).

A diminuição dos peixes, conforme os Manchineri e os Jaminawa, deve-se em grande medida à pesca ilegal praticada com malhadeira, durante a piracema, na foz do rio Iaco, próximo à cidade de Sena Madureira.

“A gente precisa que alguém nos apóie. Pelo menos o pessoal do IBAMA, IMAC, aquele pessoal. Sabe porque não está tendo muito peixe, porque está tendo muita gente ali na entrada, na boca do rio Iaco. Todo verão eles colocam muita rede e muita malhadeira. Aí o peixe não vem para cá. Porque antigamente vinha muita piracema de mandim, peixe grande, surubim, por que não tinha malhadeira”.

(Edmilson Salomão Manchineri, 13/09/2005, Laranjeira).

“Na piracema está subindo mais é sabaru. Mas não é aqueles grandes não, são pequenininhos, que nem a tarrafa não pega não. Piracema neste ano nós não vimos ainda não. Antigamente subia curimatã, mandim, mapará, branquinha. Hoje a gente não vê mais esses peixes não. O pessoal lá de baixo pesca muito. Eu vi uma vez os Dawa (brancos) pescando com malhadeira. Quando a piracema sobe tem muita gente que pesca com tarrafa e malhadeira nesse rio. Uma vez eu passei lá tinha muita gente pegando curimatã, mandim. Eu acho que por isso é que está ficando difícil para chegar aqui na terra indígena”.

(Juraci Jaminawa, 09/09/05, Betel).

Outro fator causador da redução dos peixes consumidos pelos Manchineri está vinculado ao adensamento populacional. Como a maioria das aldeias encontra-se próximas umas das outras, a atividade de pesca acaba sendo mais intensa em locais situados nas adjacências delas, o que reduz a quantidade de peixes disponíveis para o consumo. Assim, os melhores locais para a pescaria são de difícil acesso, estando distantes dos conglomerados populacionais, principalmente acima da aldeia Extrema.

Mesmo sendo esta aldeia uma das mais distantes das outras, seus moradores estão convivendo com a visível diminuição dos peixes. Para os Manchineri da Extrema, alguns lagos ficaram com poucos peixes devido à intensidade da atividade de pesca. Eles procuram dizer para os parentes pararem de pescar muito nos lagos próximos à aldeia. Além disso, estão estabelecendo um acordo entre eles para não mais pegarem tracajá, e sim, fazerem um manejo.



Mapa de extrativismo

Recursos florestais na alimentação

O Extrativismo é outra atividade de extrema importância para os Manchineri e Jaminawa. Praticada deste o tempo dos antigos, esta atividade sempre foi caracterizada por uma grande diversidade de produtos retirados da floresta. Entretanto, com o contato dos Manchineri e Jaminawa com caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros, as atividades extrativas sofreram alterações. Durante décadas, os Manchineri produziram borracha nos seringais da região. Quando se deslocaram para a TI, essa atividade já não era muito lucrativa, tendo sido abandonada paulatinamente. Além do mais, no interior da TI existiam poucas estradas de seringa, todas no pequeno seringal Senegal, o que não contribuía para a extração em grande quantidade do leite da seringa.

Atualmente, os Manchineri não produzem mais borracha e o extrativismo entre eles e os Jaminawa está vinculado à alimentação, transporte, moradia, medicina, rituais e fabricação de diversos instrumentos, utensílios domésticos e adornos. Com os produtos extraídos da floresta, os Manchineri e Jaminawa enriquecem sua alimentação, curam suas doenças e fazem casas, cercas, arcos, flechas, remos, canoas, galinheiros, chiqueiros, móveis, artesanatos, etc. Todas essas ações estão relacionadas com o conhecimento sobre a floresta, adquirido e transmitido por gerações. Há uma variedade enorme de frutas consumidas por eles, nas palavras do Jaminawa Rubens:

“As fruteiras da mata que a gente usa. As palheiras, a gente usa para fazer a casa e para comer coco também. Serve para nós comermos o coco. E outras frutas que usamos para comer. Cacau serve para comer na mata. A gente vai para a mata, acha um pé de cacau, quebra come pelo menos uns três, quatro para não chegar com fome em casa. Outra que a gente come da mata, o manité. Tanto faz a casca e o caroço, cozinha e come. A gameleira, a azeitona, essas outras frutas a gente não come. Só os bichos do mato que come isso. A gente usa é o uricuri e o manité. O patoá a gente usa muito aqui, come, faz vinho para tomar”.

(Rubens Lorival Jaminawa, 10/09/05, Betel).



Existem frutas que são consumidas na floresta, na mata bruta, quando o homem está caçando, dentre elas: o cajá, a cajarana, o manitê e a cagaça. Dentre as espécies frutíferas mais utilizadas pelos Manchineri na alimentação, podem ser destacadas: açaí, jarina, marajá, murmuru, patoá, pupunha, uricuri, abiu, bacuri, bacurizinho, biorona, biribá, cacau, cacau preto, cacau de cabra, cagaça, cajá, caucho, jenipapão, goiaba, ingá de capelão, ingá do rio, ingá, ingá corrente, ingá de periquito, ingá de anta, inharé, jaracatoa, jutai, macho de cutia, massaranduba, pama e jatobá.

Na alimentação dos Jaminawa, as principais frutíferas são: açaí, jarina, murmuru, patoá, pupunha, uricuri, bacuri, biriba, cacau, cacau preto, gagaça, cajá, cajarana, caucho, jenipapinho, jenipapo, inharé, pama, ingá, coco de jarina, ingá listrada, ingá da beira do rio, ingá de capelão, jaracatiá, jatobá, maracujá, ingá de metro, ingá listrado e ingá liso.

Como essas frutas são encontradas em épocas diferentes, durante todo o ano a alimentação dos Manchineri e Jaminawa pode ser complementada com uma ou outra. Também ocorre uma variação quando ao local onde são colhidas, dependendo de onde estão situadas as árvores frutíferas. Estas podem ser localizadas na beira do rio, nas terras baixas, nos igapós, nas terras firmes, na beira dos igarapés, na baixada das terras firmes e nas capoeiras. Para a extração das frutas, em algumas ocasiões, os Manchineri e os Jaminawa costumam derrubar as árvores, mas estão procurando estabelecer acordos para evitarem essa prática:

“As frutas, antes não tinha quem orientava a gente. E a gente pensava que nunca ia chegar as coisas novas, orientando para nós que não era para destruir as frutas. E aí a gente começou a derrubar. Começou a derrubar açaí, patoá a pama, essas frutas da gente comer, pupunha. Aí foi ficando mais distante. As frutas, que a gente não alcançava tirar com as mãos, derrubavam. O que não foi muito destruído lá foi a jarina, porque é baixinha e a gente tirava o coco e já não estragava muito. Mas as outras frutas foram destruídas mesmo, porque antes a gente não pensava. Depois daquela oficina que teve lá na Extrema os parentes pararam mais um pouco de estar derrubando as frutas. A gente está pensando em não destruir mais as fruteiras porque até os bichos ficam afastando, porque não tem mais o que comer perto”.

(Ademir Batista Manchineri – Neguinho, Extrema, 14/0905).



“Antigamente o pessoal derrubava. Acho que eles derrubaram muito açai, porque já está ficando difícil. Está muito difícil para você topar um pé perto aqui, porque eles derrubaram muito. Tanto faz os brancos com os índios também. O patoá a gente usa muito também. Só que hoje em dia para derrubar um pé de patoá é muito difícil”.

(Rubens Lorival Jaminawa, 10/09/05, Betel).

A derrubada ocorria quando as árvores frutíferas não eram passíveis de serem escaladas, ou quando as mulheres saíam para pegar patauá sem a companhia de um jovem habituado a subir nas árvores. Os homens mais jovens possuem uma grande prática para subir nas árvores frutíferas, os quais são acompanhados por mulheres e crianças que os auxiliam no transporte do alimento.

Recursos florestais para habitação e transporte

Além de fornecer alimentos, a floresta também oferece a matéria-prima para a construção das casas, que é uma atividade masculina. Os Manchineri retiram da floresta para fazer o esteio da casa: maçaranduba, louro chumbo, pau da capoeira, intaúba, jenipapinho, bálsamo ou pau d’arco. As linhas são feitas com vassourinha, os caibros com envira de ferro, a tesoura com vassourinha, o amarre com envira sangue de boi, a cobertura com palha de ouricuri ou jarina, o barrote com maçaranduba, a linha para assoalho com vassourinha, as ripas para os assoalhos com paxiúba e as escadas com freijó.

Os Jaminawa retiram da floresta para a cobertura das casas a palha de jarina e do ouricuri. O esteio é feito de maçaranduba ou pau de capoeira. O mulateiro, envireira preta, freijó, mutamba são usados para as linhas compridas. Para a tesoura usam envireira, freijó, mulateiro. Os caibros são feitos com mulateiro, cana brava, ripa de paxiúba e freijó. A biqueira com mulateiro e cana brava. O capote com palha de jarina e ouricuri. O barrote com maçaranduba, quariquara e capoeira. O assoalho com paxiubão e paxiubinha. A linha de baixo com mulateiro, envireira e mutamba. As paredes podem ser construídas com paxiúba e paxiubinha. As escadas de freijó e mutamba.

Segundo o agente de saúde da aldeia Santa Cruz, para a construção das casas, realizada pelos homens, primeiramente retiram os esteios e depois a palha. Para os esteios são usadas intaúba e maçaranduba. A palha é de ouricuri ou jarina. Esta é mais usada para cobrir a cumieira. A palha é tirada verde, depois cortada ao meio. Após cerca de duas semanas, retiram da floresta a madeira para os caibros, envireira ou vassourinha. Começam, então, a cobrir a casa, amarrando a palha com envira. As madeiras são fixadas com pregos, mas antigamente usavam timbó para amarrá-las. Em seguida, retiram o garrote de massaranduba ou intaúba. Depois, cortam a paxiúba, sendo o paxiubão usado para assoalho e parede e a paxiubinha apenas para o piso. As ripas da paxiúba são obtidas com o uso do machado. Se a paxiúba for nova, ela pode ser batida para formar as tábuas, mas a velha fornece apenas as ripas. De posse das ripas, fazem o assoalho e as paredes, concluindo a construção da casa. (Isaías Manchineri, 25/07/04, Santa Cruz).

A paxiúba e outras madeiras usadas nas construções estão cada vez mais distantes das aldeias, ao contrário das palheiras:

“São muito difíceis as madeiras, para nós fazermos as casas. Para a gente tirar todo mundo sabe, é preciso ir muito distante para poder fazer a casa. As palheiras nós não derrubamos, pegamos só para cobrir a casa. Não é muito difícil. É difícil mais fica perto da casa, no campo. Está ficando muito difícil as paxiubas”.

(Rubens Lorival Jaminawa, 10/09/05, Betel).

Muitos Jaminawa e Manchineri, frente a essas dificuldades, têm afirmado o desejo de construir casas de tábua cerrada, com madeira de lei, devido à durabilidade. Entretanto, faltam equipamentos adequados:

“Nós temos madeira de lei, mas não temos como construir a casa desse tipo (tábua cerrada), porque nós não temos motosserra para fazermos a casa desse tipo aqui. E mesmo assim, se a gente pudesse conseguir pelo menos motosserra para construir as casas. Porque paxiúba está difícil e a madeira roliça já não tem mais. Tem, mas é pouca”.

(Francisco Avelino Matias Manchineri, 14/09/05, Lago Novo).

A falta de motosserra acaba gerando o desperdício de diversas madeiras de lei que poderiam estar sendo aproveitadas. Muitas caem na beira da mata ou na mata bruta e apodrecem. Outras são derrubadas nos roçados e utilizadas em algumas ocasiões como lenha:

“Nós não temos como utilizar a madeira de lei de onde nós fazemos os roçados, que é o mais principal. Ali não tem jeito de não matar a madeira de lei. Às vezes fazemos o roçado onde tem a madeira, aquela madeira vai estragar porque não tem outro jeito de aproveitar. Estão queimando, vamos falar bem certo mesmo. Queima a madeira, aquela que serve para lenha queima no fogão. E essa intaúba, massaranduba e aguano (mogno), só vão mesmo servir de pau oco, para as plantas. Às vezes nós não temos casas boas, feitas de tábua, porque falta o material, que é a motosserra. E às vezes não aproveita por esse motivo também”.

(Noberto Bezerra da Silva Manchineri, 14/09/05, Água Preta).

Diversas outras madeiras são utilizadas pelos Manchineri. Para fazerem Canoas usam a jacareúba, guariúba, cumarú de cheiro, intaúba e aguano. Para o pilão o bálsamo, para a mão de pilão o amarelão, para o remo o cedro, para a palheta o mogno, para o varejão a envira de ferro, para o arco a pupunha brava e para o cabo de machado a massaranduba. Outras plantas são utilizadas para a extração de óleo vegetal, que é uma atividade constantemente praticada pelos Manchineri. Eles retiram óleos da copaíba, castanha de cumaru, pupunha brava, pupunha, patauá, buriti, abacate, castanha de cutia, óleo de bálsamo, coco de ouricuri, coco da praia, coquinho de murmuru, amendoim, caju, cacau e semente de samaúma. Por fim, algumas madeiras são usadas como lenha, sendo as preferidas: mulateiro, maxixeiro e espinheiro. Estas podem ser retiradas da mata, mas em geral provêm do roçado.

Os Jaminawa, por sua vez, constroem suas canoas com jacareuba, cerejeira, aguano (mogno) e cedro. Os remos são de aguano. Os pilões de jacareúba, a mão de pilão de amarelão, o cabo de machado de envireira. Para lenha usam carapanaúba, mulateiro, cerejeira e machicheiro. As flechas são de taboca, canarana e pupunha. O arco de ripa de paxiúba, pupunha e patauá.

Além dos mencionados recursos, os Manchineri e os Jaminawa retiram da floresta a folha e o cipó para o preparo da “Ayahuasca”, como denominado por ambos, ou do “shuri”, como dito pelos Jaminawa. A extração e o preparo dessa bebida, considerada sagrada, é realizado pelos pajés, ou por pessoas qualificadas. A ingestão da bebida ocorre de forma ritual e pode ser realizada por homens, mulheres e crianças. As demais atividades extrativas são exercidas por homens, mulheres e crianças, sendo que alguns produtos, como o açaí, são retirados pelos homens e preparados para o consumo pelas mulheres. A extração de produtos florestais pode ser realizada coletiva ou individualmente, estando geralmente direcionada para o consumo em uma família nuclear.

Artesanato

Entre os diversos produtos extraídos da floresta, alguns são usados para a fabricação de artesanato. Os Manchineri e os Jaminawa produzem muitos artesanatos com matéria-prima encontrada na floresta, ou nos roçados. Entre os artesanatos produzidos pelos Manchineri podem ser citados: capanga, rede, saia, chapéu, koshma, paneiro, flecha, peneira, abano, vassoura, kolwixwa (para o preparo de caiçuma), colar, pulseira, anel, mutxora (arma com pontas colocada entre os dedos), cachimbo, hupuru (espécie de colchão), pilão, mão de pilão, hahalu (borduna) e rede de algodão. Dentre aqueles produzidos pelos Jaminawa estão: redes, bolsas, faixas de algodão tecidas nas aldeias, objetos de folhas de palmeiras, chapéus, pulseiras e colares.

Os materiais para a confecção dos artesanatos Manchineri podem ser: pena de arara, algodão, olho de cana brava, linha de algodão e agulha feita de osso de macaco preto para os chapéus; timbó e varinha para peneiras; olho de ouricuri, envira e timbó para paneiro; pendão de cana brava, pena, linha de algodão cera, pedacinho de pau e osso de macaco preto para flechas; pupunha brava e envira para o arco; algodão, pedaço de caule de algodoeiro, pauzinho e pedaço de pupunha brava para fiar e tecer chapéus e panos.

Considerável parte do artesanato Manchineri e Jaminawa é produzida a partir do algodão. Entretanto, os Manchineri destacam algumas dificuldades associadas à produção do artesanato, a partir dessa matéria prima. Segundo eles, é preciso mais variedades de fibras boas, de corantes da mata e de instrumentos para a produção, como teares. Identificam, ainda, a importância de incentivar o uso do artesanato entre eles e de ser o conhecimento, sobre a confecção, transmitido para um número maior de Manchineri. Outro problema, frisado pelos Manchineri e Jaminawa, é a falta de incentivo para a comercialização, que poderia ser suprida com o apoio de instituições governamentais e não governamentais.

Escassez de recursos florestais

Uma parte considerável dos recursos utilizados pelos Manchineri e Jaminawa em suas atividades extrativas encontra-se cada vez mais distante das aldeias. O comércio de madeiras realizado no passado por não índios e o uso intenso de madeiras utilizadas nas construções, bem como a antiga prática de derrubada das frutíferas, são os principais fatores que contribuíram para a escassez dos recursos florestais nas proximidades das aldeias. Como mencionado pela liderança da aldeia Extrema, em relação às madeiras:

“Na aldeia Extrema está ficando difícil madeira para fazer casa. Porque lá nós somos muita gente e está com um bocado de ano que usamos madeira roliça para fazer casa. Então essas madeiras, para fazer casa, lá na Extrema está um pouco meio difícil. Tem mais já muito longe, chegando ali nos três lagos, tem uns paus melhores de fazer as casas. Mas ali por perto mesmo, tem algumas, madeiras roliças. E as paxiúbas estão difíceis”.

(Ademir Batista Manchineri – Neguinho, Extrema, 14/0905).

Os Jaminawa também estão enfrentando dificuldades para obter madeiras para suas construções. Por isso, começam a pensar em alternativas para suprir suas demandas. Alguns pensam no plantio de madeira de lei como uma forma de, no futuro, não sofrer com a escassez:

“Eu acho que seria melhor a gente plantar. Nós não vamos usar essas madeiras que nós vamos plantar, mas os netos, os filhos dos netos, devem usar essa madeira que nós vamos plantar para eles. Aqui, há muito tempo atrás tinha muita madeira, mas acontece que o dono da fazenda tirou muita madeira. Naquele tempo não tinha lei, como hoje está existindo. Por aqui você vê, se você entrar aqui uns 100, 200 metros você não acha mais madeira. Aguano (mogno), cedro, cumaru de cheiro, é muito difícil. Usaram muito para fazer casa, para fazer curral. Agora hoje em dia não, eles não entram mais na nossa área para tirar madeira, nem para caçar”.

(Rubens Lorival Jaminawa, 10/09/05, Betel).

Os Manchineri, buscando uma solução para a falta de madeiras nas proximidades das residências, pensam na construção de casas de tábuas cerradas. Assim, poderiam usar um número menor de árvores, especialmente a paxiúba, aproveitando aquelas caídas na beira do rio ou derrubadas nos roçados:

“No roçado mesmo, tem muita madeira de lei e a gente não tem como aproveitar, para fazer construção de casa. E não era preciso derrubar na mata, indo na beira do rio mesmo, nós conhecemos, às vezes está caída. Jacareúba está caída lá no balseiro, mas não temos como aproveitar”.

(Jaime Sebastião Manchineri, Jatobá, 14/09/05).

A dificuldade para conseguirem motosserras está inviabilizando o aproveitamento dessas madeiras, tanto pelos Manchineri quanto pelos Jaminawa. Em busca de alternativas, os Jaminawa da aldeia Boca do Mamoadate, preocupados com a falta de madeiras de lei, também pensando no seu potencial econômico, plantaram diversas mudas de cedro:

“O que eu estou plantando mais é o cedro. Esse ano eu vou ver se consigo a semente do aguano (mogno). Tanto faz aguano ou cedro. Eu estou mexendo mais com cedro. Nas sementeiras eu acho que eu plantei foi mais de mil pés. Plantei na floresta, na mata mesmo. Porque se plantar no campo morre mesmo”.

(Paixão, 10/09/05, Boca do Mamoadate).

Quanto às frutíferas, os Manchineri e Jaminawa percebem cada vez mais a necessidade de não derrubá-las **para evitar** uma escassez grande. Como dito pela liderança Jaminawa da Aldeia Salão:

“Todo tipo de fruta, cajá, ninguém pode derrubar. Cajá serve para nós e para os animais da mata. Não pode derrubar cajá porque algum dia nós vamos embaixo dele pegar o jabutizinho para comer. Porque jabuti gosta muito. Nós não podemos derrubar o cajá. Nem um tipo de fruta da mata nós podemos derrubar, sabemos que está ficando difícil”.

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 10/09/05, Salão).

Entretanto, nem todas as aldeias sofrem com a escassez de madeiras ou de frutíferas. Algumas, por suas proximidades não terem sido muito exploradas, contam com uma razoável tranquilidade para a obtenção desses recursos. Este é o caso das “aldeias novas”, como Alves Rodrigues, dos Manchineri, e Água Boa, dos Jaminawa. Como eles falam:

“A aldeia Alves Rodrigues tem madeira de lei, perto. E tem madeira roliça também, perto de casa. E a paxiúba também. Porque lá é aldeia nova, bem dizer. Lá freqüentava poucas pessoas, que não tirava madeira. Por enquanto tem madeira de lei, madeira roliça. As frutas que se come têm também, as palhas têm também. A gente pensa que onde tem, a gente procura fazer um meio para evitar fazer a exploração com as madeiras de lei e com as frutas também. Pelo menos agora, a gente está alerta, porque não é

interessante agora. Nas aldeias que tem mais gente, nas aldeias mais velhas, não é interessante acontecer, como nessas aldeias que são veteranas. Nós que estamos nas aldeias novas não vamos fazer como nessas aldeias em que já está muito batido, está difícil de tudo. Como nas fruteiras, como nas madeiras”.

(Noberto Bezerra da Silva Manchineri, 14/09/05, Água Preta).

“Nós temos muita palheira mesmo e jarina nós temos, madeira roliça nós temos também. Mais difícil é jacareúba. Gitó nós temos também. Nós temos maçaranduba, fica bem pertinho da casa. Paxiúba nós temos também, para nós tirarmos. Nós temos muita paxiúba também. Das frutas, nós temos pama, nós temos muito. Nós temos até buriti, fica bem pertinho. A madeira de lei eu só não achei aguano (mogno). Mas cedro nós temos, fica bem pertinho. Até na beira do rio tem. Gitó também nós temos até na beira do rio. Guariúba nós temos. Agora difícil é quariquara, até hoje não achamos. Intaúba aqui acolá a gente acha. É difícil, mas a gente acha. Agora pama, cajá, nós temos muito. Cacau é meio difícil, mas a gente acha. Açáí ta difícil e patoá alguns a gente acha”.

(Rubens Meirelles Jaminawa, 10/09/05, Água Boa).

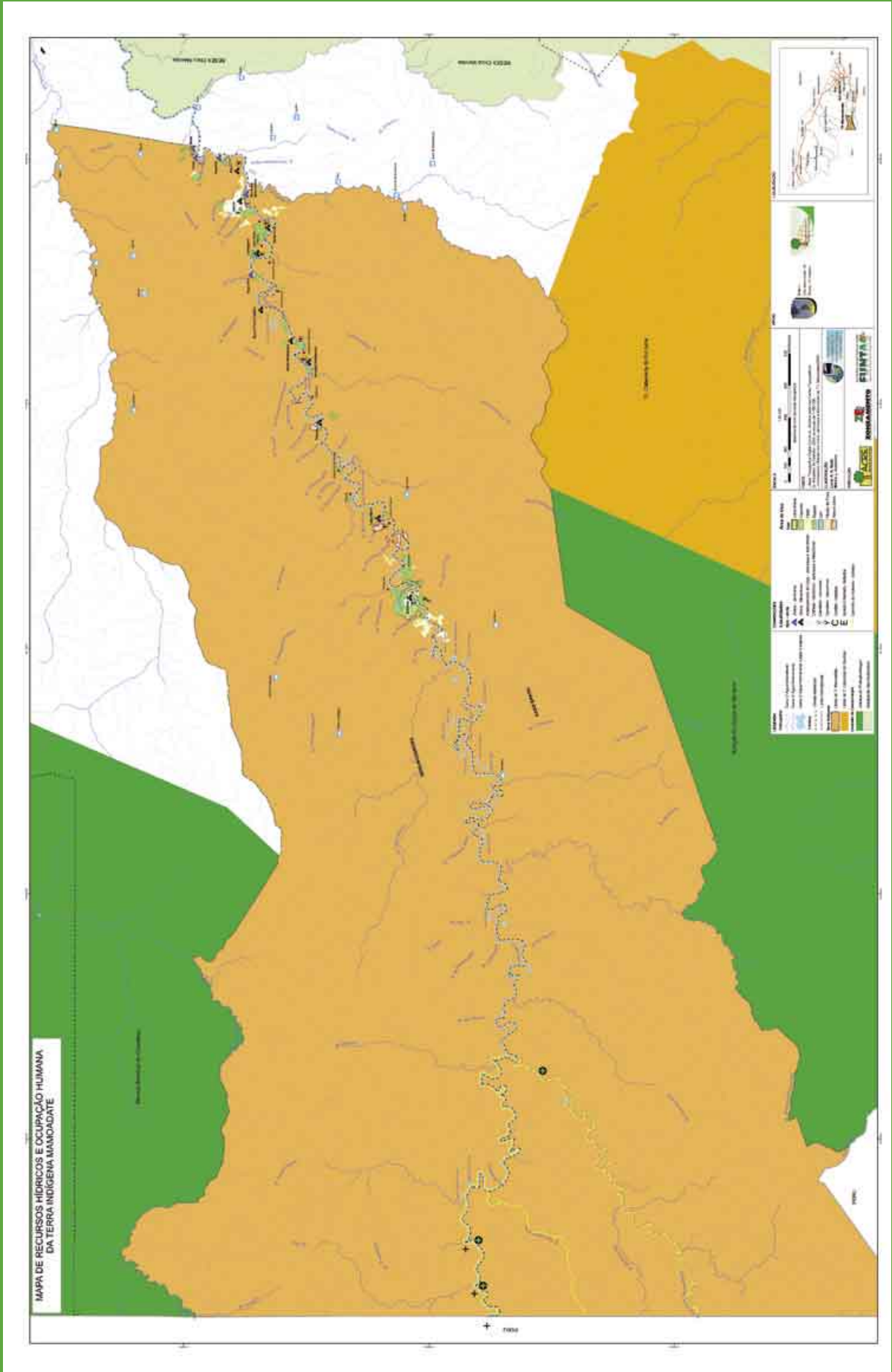
Independente de ser uma aldeia nova, com mais facilidade para a obtenção dos recursos florestais, ou uma aldeia antiga, onde a escassez começa a preocupar, muitos Jaminawa e Manchineri estão procurando preservar a floresta. Como disse a liderança da Aldeia Salão:

“Nós temos que cuidar mesmo da mata. Tudo nós temos que cuidar, porque se derrubar nós não vamos ter mais. Então nós temos que cuidar dela. Se nós derrubarmos dois alqueires de mata virgem, já derrubamos muito. Derruba todo tipo de mato. Palheira, todas as coisas ficam difíceis. Hoje em dia nós não podemos derrubar um hectare, dois hectares, não. Porque a gente tem que derrubar mais é pouquinho. Usa mais a capoeira. As coisas aqui estão apertando muito”.

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 10/09/05, Salão).



Mapa de ocupação humana



Mapa de ocupação humana

Agricultura

Os Manchineri e Jaminawa cultivam uma grande diversidade de produtos agrícolas. Entre eles: mandioca, milho, banana, mamão, jerimum, cana-de-açúcar, inhame, cará, feijão, arroz, batata-doce, pimenta, algodão, taioba, fumo, cará, melancia e outros. Mais recentemente, por meio dos Sistemas Agroflorestais (SAFs) implementados com apoio da CPI-Acre e do governo do estado, novas espécies estão sendo cultivadas, como a pupunha, o cacau-de-cobra, o jenipapo, o jenipapinho, a maçã-de-cutia, o abacate, a laranja, a fruta-pão, o mogno, a copaíba, o cedro e a cerejeira, entre outras (ver item seguinte).

Dos roçados são retirados vários produtos para a alimentação, sendo a abertura de um roçado uma atividade que demanda diversas técnicas. Primeiramente é escolhido um local apropriado para, em seguida, “brocar” a área. A atividade de brocar requer o corte das árvores mais finas, dos cipós e da vegetação mais baixa. A próxima etapa para “colocar” um roçado é a derrubada das árvores de porte maior e a queima do que foi brocado e derrubado. Assim, é importante ter brocado e derrubado as árvores antes do período da seca, quando em seu auge será a vegetação queimada. Para evitar que o fogo se alastre é feito um aceiro. O restante da vegetação que não virou cinza é reunido e queimado novamente. Assim, o terreno fica limpo de troncos que dificultam a plantação e aumenta a quantidade de cinza que adubará o solo. Mas nem sempre todos os troncos são completamente queimados, passando esses a serem uma fonte de extração de lenha. Após a coivara tem início a fase do plantio, coincidindo com o começo das chuvas. Quando os cultivos novos começam a brotar é preciso realizar outra atividade, a limpeza do mato.

Na agricultura dos Manchineri e dos Jaminawa procura-se realizar também o descanso da terra. Após um roçado ser utilizado por alguns anos, sua terra perde grande parte dos nutrientes e a produção começa a diminuir e perder em qualidade. Nesse momento, o roçado é deixado sem cultivos para se regenerar, voltando a nascer uma vegetação conhecida pela denominação de “capoeira”. Depois da vegetação de capoeira adquirir um desenvolvimento considerável, a área pode ser utilizada com roçados novamente. Colocar um roçado em área de capoeira é uma atividade que exige menos esforço que colocá-lo em uma área de “mata bruta”, isto devido ao porte da vegetação nessa última área ser consideravelmente maior. Como dito por uma liderança Jaminawa:

“Nós não brocamos mata bruta. Sempre broca capoeira, porque é muito trabalho para nós. Para derrubar a mata bruta é pau grande, dá mais trabalho, demora muito para derrubar”.

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

Tanto para colocar um roçado em mata bruta ou em área de capoeira, os principais instrumentos utilizados são a foice, a enxada, o machado e o terçado, os quais são em geral manipulados pelos homens. Apenas na limpeza e na colheita dos produtos agrícolas as mulheres participam intensamente, pois geralmente as outras atividades são desenvolvidas pelos homens, algumas vezes em um regime de adjunto (mutirão). Contudo, os cultivos do terreiro são realizados individualmente e sob os cuidados femininos. As mulheres preparam a terra do terreiro, plantam, limpam e colhem:

“Sempre a mulher ajuda no roçado a encoivarar, sempre ajuda a limpar. Não são só os homens que trabalham no roçado, tem mulher que trabalha. Limpar, plantar, sempre as mulheres ajudam. Colher arroz, banana, essas coisas. Quando nós vamos caçar as mulheres tomam conta das panelas, lavam roupa, vão para o roçado, cortam banana, tiram macaxeira”.

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

“A mulher tira macaxeira, pega mamão, pega milho. Quando o milho está de vez, para fazer pamonha e canjica. É a mulher que vai, porque o homem não tem tempo de ficar toda hora andando no roçado porque tem outros trabalhos”.

(Isaiás Manchineri, 25/07/04, Santa Cruz).

Dos produtos do roçado o principal é a macaxeira (ou mandioca), a qual constitui-se, juntamente com a carne da caça ou da pesca, a base da alimentação dos Manchineri e Jaminawa. A mandioca pode ser comida cozida, frita ou como farinha, sendo pouco usual entre os Jaminawa o consumo nesta última forma. Da macaxeira as mulheres Manchineri e Jaminawa fazem a caiçuma. A caiçuma é uma bebida que pode ser consumida fermentada, com um teor alcoólico mediano (caiçuma forte), ou não fermentada, sem teor alcoólico (caiçuma doce). Conforme o Manchineri Isaiás Manchineri, as mulheres vão ao roçado, arrancam a macaxeira, colocam no panela e levam para casa. Após descascar a macaxeira, cortam em pedaços e colocam para ferver em uma panela. Depois de cozida, a macaxeira é machucada e peneirada. Quando vira uma massa, colocam açúcar, batata doce ou mascam, o que permite a fermentação. A caiçuma doce pode ser ingerida na hora, a caiçuma forte fica alguns dias fermentando. (Isaiás Manchineri, 25/07/04, Santa Cruz). Dos vários alimentos produzidos com a mandioca, os de maior produção entre os Manchineri é a caiçuma e a farinha, ambos para o consumo.

As famílias Manchineri e Jaminawa costumam ter mais de um roçado, alguns próximos às residências, outros mais distantes, cerca de 30 a 40 minutos de caminhada da residência. A maioria deles situa-se dentro da TI, mas há alguns anos famílias Jaminawa estão cultivando fora dos limites da terra, na área reivindicada por eles da fazenda Petrópolis:

“Por que será que do lado de lá (fora da TI) nós estamos querendo colocar nossos roçados para plantar e manter nossas famílias? Nós plantamos do lado de lá porque a terra é melhor de plantar que desse lado. Porque é melhor do outro lado? É porque a gente planta mais, é porque ela é misturada terra com areia. E desse lado ela é bom sim, só que onde nós moramos fica bem pertinho de um igapozal. E os parentes também criam os bichos. Nós colocamos do lado da fazenda porque lá é melhor, ao todo nós temos 10 roçados e esse ano brocamos mais 6, com dez faz 16. Só que a gente brocou pequeno os roçados, a gente não vai brocar 2, 3 hectares”.

(Sebastião Batista da Silva Jaminawa, 09/09/2005, Boca do Mamoadate).

A manutenção de mais de um roçado por família permite a eles terem durante todo o ano macaxeira para o consumo. Principalmente os Manchineri usam a macaxeira para a produção de farinha. O fabrico da farinha passa por várias etapas após seu cultivo. A mandioca é primeiramente descascada e lavada, para em seguida ser colocada em uma caixa de madeira, onde será cevada. Para cevar a mandioca usa-se um ralador denominado “jumenta”, na aldeia Cumarú. Mas por ser este instrumento considerado precário, nas outras aldeias é utilizado um outro tipo de ralador, que é um cilindro com dentes de metal movido por um pequeno motor a gasolina. Depois de ralar a mandioca obtém-se uma massa que será deixada sob a pressão de uma prensa durante horas. Dessa massa podem ser retiradas gomas para

fazer tapioca. Depois de prensada, a massa é peneirada e torrada. Para torrar a farinha usa-se uma chapa de metal sobre um forno de barro a lenha, sendo a farinha constantemente mexida com uma espécie de “pá” ou “rodo”.

Mesmo sendo a macaxeira um produto muito importante para os Manchineri e Jaminawa, apenas uma parte do roçado é cultivada com ela, o restante é reservado para outros alimentos:

“Um pedaço do roçado é para plantar macaxeira. Daqui para cá planta arroz, planta milho. No meio planta banana. Para cá não dá para plantar porque macaxeira com banana não dá certo. Por isso nós separamos banana, arroz e milho. Fica tudo junto, de um lado do roçado, misturado. Do outro lado do roçado é só macaxeira, batata doce e inhame. Na mesma macaxeira a gente planta um tipo de feijãozinho”.

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

As variedades de macaxeira cultivadas pelos Manchineri são consideráveis, podendo ser citadas: primavera, pirarucu, cruvela, metro, chapéu de sol, caboclinha, cangaíba, pujeira preta, chico preto e outras. Existem, ainda, outros produtos no roçado de fundamental importância para os Manchineri, como o milho, o arroz, a banana e o feijão. Entre as variedades de milho pode-se mencionar: branco, boliviano, catiano, serrano, paraná, pipoca, trigo, maçã, duro, produção, moli e diano. Os tipos de arroz conhecidos e plantados pelos Manchineri são: agulhinha, comum, paulista, agulhinha branca, secretário, mineiro, chatão, chatinho, são bento, americano, vermelhão, açair, branco e três meses. Entre os tipos de bananas plantadas encontram-se: perouá, muçam, prata, comprida, chifre de bode, rocho, ouro, grosa, baié, naja, sapo e branca. Das variedades de feijão existentes entre os Manchineri: branco, cinzento, costela de boi, arromba homem, arranca, rozinho, manteiguinha e monquinho. Além desses produtos agrícolas mencionados, nos roçados os Manchineri plantam uma grande variedade de algodão, taioba, pimenta, cana-de-açúcar, fumo, mamão, cará e melancia.

Entre as espécies de macaxeira cultivadas pelos Jaminawa estão: xapuri, primavera, chapéu de sol, juriti, varejão, üxi, betu, shikuwitu e shikutxuru. As espécies de milho levantadas foram: massa, duro e catiano. Os tipos de arroz plantados são: agulhão, branco, agulhinha branca, agulhinha e vermelho. Dentre as bananas são variadas as espécies: comprida, chifre de bode, peruá pequena, peruá grande, ouro, sapa, maçã, prata, roxa, naja, kukuti, kuti, retu e mistupa. Os tipos de feijão conhecidos e plantados são: branco, vermelho e de arranca. Dentre os outros produtos cultivados pelos Jaminawa podem ser destacadas espécies variadas de algodão, cana, batata, tabaco, abacaxi, mamão, maxixe, jerimum e melancia. Mesmo cultivando uma ampla variedade de espécies vegetais, a agricultura Jaminawa, e também Manchineri, hoje é basicamente usada para a alimentação, já que as despesas com viagens, a dificuldade na obtenção de compradores nas cidades e os baixos preços não estão compensando o comércio.

A produção agrícola voltada para o consumo encontra-se calcada no conhecimento dos Manchineri e Jaminawa, que inclui o local adequado para as plantações, os cuidados durante o plantio, a manutenção das áreas de cultivo e o período de plantio e colheita, entre outros. Os locais mais apropriados para o plantio são aqueles com ocorrência de mata fechada, terra firme ou floresta de várzea, podendo ser os vegetais plantados no roçado, no terreiro, nas praias ou nos SAFs. Os produtos que não são necessariamente plantados nos roçados (frutas, plantas medicinais, temperos e outros) encontram-se localizados nos terreiros, próximos às residências. Os SAFs, cada vez mais estão se tornando um local importante para a produção de alimentos, enquanto nas praias praticamente não existem plantios devido à criação de gado. Como mencionado pelo Jaminawa Zé Paulo:

“Uma vez nós plantamos feijão aqui e o gado comeu. Meu sogro plantou melancia, feijão, e o gado comeu tudo. Por isso que ninguém aqui planta. Aqui é difícil plantar na praia por causa das criações”.

(Zé Paulo Alfredo Jaminawa, 09/09/05, Salão).

Sistemas Agroflorestais

Os Sistemas Agroflorestais aparecem na TI Mamoadate como resultado principalmente dos esforços da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre), com apoio por dois ciclos de três anos do Sub-Programa PDA/PPG7/MMA, a partir de 1995. Parceiros estaduais, nacionais e internacionais colaboram até hoje para a manutenção do programa de agricultura, que na verdade tem um leque de atuação que vai muito além dos sistemas agroflorestais, entrando pelas interfaces da cultura, da proteção das terras indígenas, da educação ambiental e do etnodesenvolvimento como um todo.

Embora os programas de saúde e educação já estimulassem o plantio de frutíferas e medicinais, foi em 1994 que aconteceu a primeira assessoria de um técnico da CPI-Acre a TI Mamoadate com este objetivo específico, visitando os Jaminawa e os Manchineri durante aproximadamente 30 dias, com a realização de oficinas e distribuição de ferramentas, mudas e sementes. Algumas aldeias perderam parte das mudas, como pode ser constatado na fala da liderança da Água Preta:

“O AAFI recebeu uma ajuda de açaí e patoá, mas só que o patoá morreu todinho, vinha já mais ou menos grande. Não sei o que aconteceu, morreu de lá para cá. Mas o açaí tem, ta no viveiro ainda. Tem cacau também. Pupunha tem mais ou menos uns oito pés, porque ele pegou poucas sementes. Agora ingá tem, que o pessoal trouxe lá dos parentes que moram no Peru”.

(Noberto Bezerra da Silva Manchineri, 14/09/05, Água Preta).

Posteriormente, embora entre os Jaminawa tenham persistido indivíduos interessados em práticas agroflorestais, foram basicamente os Manchineri que seguiram adiante. Como dito pela liderança Jaminawa do Betel:



“No Betel era para fazer SAFs, se no tempo tivesse interessado já tinha feito muitas coisas. Eu acho que não tinham coragem para fazer, não interessava essas plantações”

(Rubens Lorival Jaminawa, 11/09/05, Betel).

De qualquer maneira, os agentes agroflorestais Jaminawa seguiram o trabalho na medida de suas condições, e são visíveis os progressos deste povo no que diz respeito ao enriquecimento de capoeiras com espécies florestais e SAF. É o caso das aldeias Betel, Boca do Mamoadate e Salão, principalmente. No dizer da liderança do Cujubim:

“Nos SAFs o pessoal está plantando o cedro, tem um bocado aí que os meninos semearam. Tem um viveiro. Não tem frutas no SAFs, só madeira de lei”.

(José Pedro Jaminawa - Zé Pequeno, 11/09/05, Cujubim).

No caso Manchineri, com exceção de Alves Rodrigues e Cumaru, todas as aldeias têm um Agente Agroflorestral Indígena (AAFI) e um suplente. Destes, alguns participam do programa de formação desde 1998. Neste sentido, pode-se dizer que os SAF encontrados nas aldeias são resultantes de um cruzamento de tradições indígenas com saberes e espécies do mundo dos “brancos”. Entre as tradições indígenas, está a criação de plantios de banana em áreas de roçado, incorporando alguns cultivos anuais no início da implantação, e mesmo roçados com mamão, algodão e outras espécies de ciclo mais longo. Porém, o conceito e a prática mais elaborada de SAF, que envolve múltiplos estratos manejados, vieram com a CPI-Acre, a partir de 1995. Porém, como podemos perceber pelos desdobramentos do trabalho e pelos resultados apresentados aqui, é nos termos do conhecimento e da preferência indígena sobre espécies e zonas de plantio que se constitui a lógica dos SAF na TI Mamoadate.

Em termos de sua inserção social, as áreas de SAF são de responsabilidade cotidiana do AAFI. Todas as operações de manutenção, bem como os resultados em termos de produtos colhidos são da esfera coletiva, e os produtos são consumidos por todos. Isto não impede que algumas famílias tomem a iniciativa de instalarem SAF em roçados antigos que estão no estágio de capoeiras iniciais, sendo nesse caso, tanto a instalação, como a manutenção e a colheita - da esfera familiar. O AAFI é uma espécie de facilitador técnico para estas iniciativas. Muitas vezes os AAFI contam com a colaboração dos parentes:

“Às vezes você não tem tempo para trabalhar para ele, mas tem que trabalhar para o negócio do trabalho dele também. Ele estando aperreado chama o pessoal e a gente vai todo mundo. Quando der aquele fruto, quando aquela fruteira dar, ele vai tirar tudinho na época de amadurecer. Ele tira e vem contribuir com a gente e assim continua assim que ele reparte com a gente”.

(José Sebastião Manchineri - Zé Barrão, 19/07/04).

No caso dos SAF avaliados, a maior parte das frutíferas introduzidas são oriundas de materiais locais ou trazidas pela CPI-Acre e pelo Governo do Estado do Acre. Para as frutíferas nativas cujas sementes ou mudas são introduzidas nos SAF a partir de mudas encontradas na mata, a seleção é por tamanho de fruto e pelo sabor. O cacau-de-cobra é uma das espécies plantadas nos SAF de modo esparsa e sem seleção, assim como jenipapo, jenipapinho, maçã-de-cutia e outras, estas trazidas por disseminadores e deixadas regenerar. O mamão, quando escasso na regeneração, é selecionado por sabor, mas é quase exclusivo dos roçados.

De modo geral, a diversidade em termos de variedades das espécies introduzidas é baixa. Algumas poucas variedades de espécies como: abacate, laranja, fruta-pão repetem-se nas diferentes aldeias. No caso específico da pupunha, uma das espécies mais plantadas nos SAF Manchineri, o relato é de que, entre 1985-86, a pupunha introduzida no Projeto Reca foi obtida e repassada pelo Setor de Saúde da CPI-Acre para a TI Mamoadate. Inicialmente, ela foi distribuída para as aldeias Betel (Jaminawa), Lago Novo, Extrema e Jatobá. Das aldeias Extrema e Jatobá, uma carga de sementes foi distribuída para as aldeias Santa Cruz, Laranjeira e Alves Rodrigues, com apoio do IMAC/SEMA. Dada a importância econômica, cultural e ecológica da pupunha, está em curso um processo de identificação de uma espécie não-domesticada de pupunha na TI.

Considerando a presença de espécies florestais madeiráveis nos SAF e principalmente em “estradas” ou piques abertos para enriquecimentos de capoeiras, foram distribuídas pelo governo do estado, por meio do Projeto Apoio às Populações Indígenas, sementes de mogno, copaíba, cedro e cerejeira na aldeia Betel, as quais foram enviveiradas e plantadas, por volta do ano 2000. Hoje, plantios de cedro e mogno, principalmente, são encontrados nas aldeias Betel, Salão e Boca do Mamoadate.

Como faltam conhecimentos sobre espécies introduzidas, algumas apresentam crescimento abaixo do desejado e deficiências nutricionais. Esta não é uma regra, já que há muitas espécies em ótimo desenvolvimento e produção, como é o caso do abacate e da pupunha. Esta lacuna de conhecimento e manejo, entretanto, acaba selecionando as espécies mais adaptadas, o que se reflete na composição dos SAF.



Criações

Entre os Manchineri e os Jaminawa existem três tipos de animais domesticados: aqueles de estimação, os de transporte e os que servem para o consumo. Todos, eventualmente, podem ser comercializados, mas esta não é uma prática muito constante. Dentre os animais domesticados, os Manchineri e os Jaminawa costumam criar vários que são silvestres, domesticados desde filhotes. Esses animais podem se tornar de estimação, havendo entre eles diversas espécies, como por exemplo: cachorro do mato, mutum, jacu, macaco (capelão/guariba), macaco preto, macaco prego, macaco cairara, macaco da noite, macaco de cheiro, macaco soim, macaco zog-zog, macaco mico leão dourado, jacamim, arara, papagaio, periquito, maracanã, paca, cotia, anta, porquinho, queixada, veado, jabuti, gato do mato e onça.

Os animais domesticados para transporte, basicamente cavalos (eqüinos), assim como os outros, são criados soltos e transitam constantemente pelas aldeias. Os eqüinos são criados em pequena quantidade, mas estão aumentando de importância entre os Manchineri e os Jaminawa, pois facilitam o deslocamento das pessoas e o transporte de cargas. Mesmo possuindo um aspecto benéfico, a criação dos eqüinos pode representar ameaças para o meio ambiente, para as plantações e para a saúde dos Manchineri e Jaminawa, caso não seja feita de forma adequada.

Outros animais de criação não se tornam de estimação e nem são criados para o transporte, são mantidos basicamente para o consumo. Entre estes estão a galinha (galináceos), o pato (anatídeos), o porco (suínos), a ovelha (ovinos) e o gado (bovinos). Todos esses animais são criados soltos, permanecendo próximos às residências em determinados horários e na floresta, em outros. Os bovinos e suínos existem em maior quantidade, seguidos dos galináceos e anatídeos. Há também uma pequena quantidade de ovinos. Estes animais representam muitas vezes uma reserva de dinheiro, uma espécie de poupança para os Manchineri. Caso necessitem de dinheiro para comprar produtos industrializados ou para resolver problemas de saúde, há a opção de comercializá-los. O dinheiro adquirido com a venda é revertido em bens de primeira necessidade, como o sal, o açúcar, os remédios, a pólvora, o chumbo, a espoleta e outros.



Embora, hoje, seja importante a criação destes animais para os Manchineri e os Jaminawa, é preciso destacar alguns transtornos que eles geram. Especialmente por serem criados soltos, eles costumam gerar danos às plantações.

“O gado solto, às vezes ele entra no roçado que está perto, invade. Era melhor fazer um lugar para eles, para nós termos mais alimentos”.

(Arnaldo Manchineri, 14/09/05, Santa Cruz).

O gado e o porco são os animais domésticos que mais destroem os roçados, inclusive por serem criados em maior quantidade que os outros. Contudo, também são importantes complementos alimentares:

“Quem quiser criar porco, o gado, tem que colocar o roçado longe. Uma hora. Mas coloca o roçado bem pertinho aí depois vão achar ruim, tão comendo isso. Então criação, eu estou começando a criar. Não vou dizer que eu sou mariscador, sou caçador, às vezes eu não mato nada. Chega em casa não tem nada eu tenho que falar com meus meninos, ou então com minha mulher, mata um frango, mata um capadinho, uma leitoa. Porque porco dá banha, dá carne, a gente vende”.

(José Pedro Jaminawa - Zé Pequeno, 11/09/05, Cujubim).



Além dos danos causados aos roçados, o gado tem contribuído com a formação de pequenos pastos em áreas de capoeira, onde antes eram plantados roçados. Potencialmente, com o aumento do criatório, eles podem gerar um maior desmatamento da floresta.

“Esse campo está ficando muito pequeno para esses bois aqui, então eles vão querer invadir nossos roçados. Então precisa fazer um pedacinho de pasto para esses gados”.

(Juraci Jaminawa, 09/09/05, Betel).

Quanto aos porcos, causam maiores danos à saúde, devido ao fato de permanecerem próximos das residências. Tanto o gado quanto os porcos passam a noite em volta ou em baixo das casas, gerando um acúmulo de excrementos. Ambos são nocivos à saúde por usarem a água das “cacimbas”, onde os Manchineri tomam banho e pegam água para beber e cozinhar, e dos rios e igarapés, onde os Jaminawa fazem sua higiene pessoal e obtêm água para uso doméstico.

“A reclamação de ter bicho assim no campo, é que nós não usamos cerca, não temos quintal ao redor da casa. Os porcos fazem o que querem. Porco é porco mesmo. Mas agora nós estamos ajeitando, a cacimba nós vamos cercar. Nós já fizemos o telhado da cacimba para ela não ficar no sol”.

(Noberto Bezerra da Silva Manchineri, 14/09/05, Água Preta).

Uma solução para os danos gerados por esses animais de criação à plantação foi apontada pelos Manchineri da aldeia Jatobá.

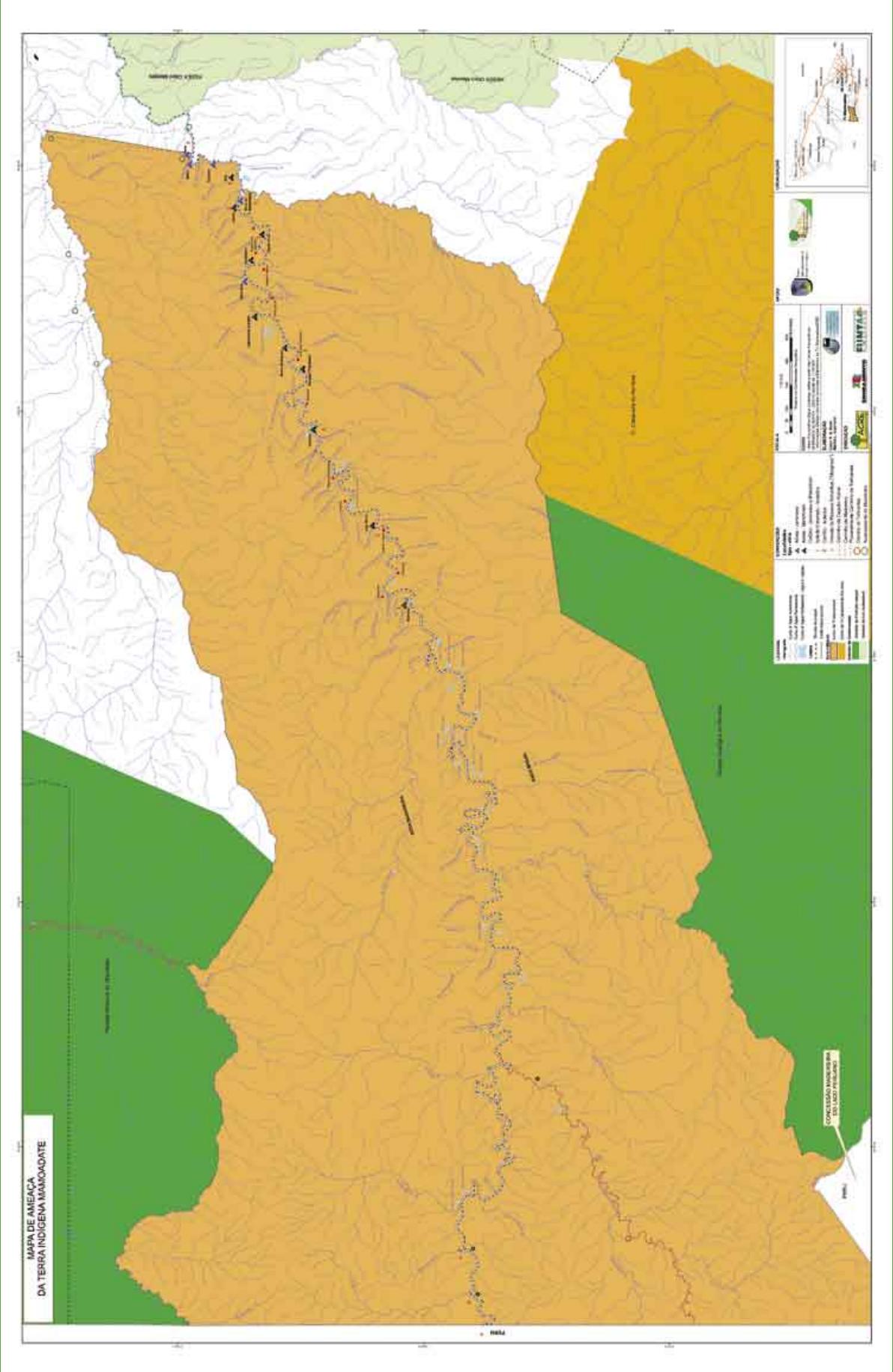
“Os animais estão soltos. Nós não temos essa técnica de como criar. O povo estava discutindo, também, a falta de materiais. Como tirar as madeiras? Para fazer um chiqueiro, um curral, precisa de muitas madeiras roliças, e dura poucos anos, três anos já está quebrando de novo. Então achamos que seria melhor madeira de lei, ou arame também, que seria cercado”

(Jaime Sebastião Manchineri, 14/09/05, Jatobá).

Para eles, os animais precisam ficar em cativeiro. Há um grande interesse deles em colocar cercas elétricas, com placa solar, para cercar os bichos em um campo. Todavia, as residências estão nesse campo. Trata-se do pátio da aldeia. Cercar os bichos neste local pode solucionar o problema da destruição das plantações, mas provavelmente aumentaria os problemas de saúde. O uso de cercas elétricas também parece ser uma solução dúbia, devido aos riscos do contato com a eletricidade, principalmente por parte das crianças.

Como esses animais são de grande importância para os Manchineri, pois servem para o consumo e como reserva de dinheiro, têm surgido propostas de ganho com a criação de animais silvestres de forma sustentável. Dentre as propostas existentes, a SEATER tem procurado desenvolver projetos de criação e manejo de animais silvestres, como o tracajá, o pirarucu, o porquinho, a capivara e o mutum. Essas criações podem ser de grande importância para a renda dos Manchineri e dos Jaminawa, além de representarem um complemento à alimentação.

Mapa de ameaça



Mapa de ameaça

Na TI Mamoadate foram mapeados basicamente três tipos de invasões. Há invasões que são realizadas por traficantes de drogas, invasões de pessoas estranhas e invasões de madeireiros. Os traficantes costumam descer pelo igarapé Abismo, tendo chegado a estabelecer uma clareira nas imediações desse igarapé. Como pode ser observado no mapa de ameaça, os Manchineri plotaram essa clareira como parte das ações de invasão da terra. Os traficantes também possuem outra rota: descem pelas cabeceiras do rio Iaco, do lado peruano, e atravessam todo o rio Iaco, que corta a TI. Já houve casos de conflitos entre os Manchineri e traficantes, quando eles prenderam alguns desses traficantes e tomaram suas armas e drogas:

“Já para cá mesmo os Manchineri já pegaram traficantes. Não pegaram madeireiro não, mas já pegaram traficantes, várias vezes. Entrando aqui no alto Iaco”.

(Josimar Barreto Mariano Jaminawa, 09/092005, Betel).

No mapa de ameaças, essas invasões de traficantes são visualizadas, mas nas entrevistas e nas conversas com os Manchineri e Jaminawa nota-se a grande preocupação deles com a falta de atuação da Polícia Federal, do Exército, do Governo Federal e Estadual dentro da TI, no sentido de poder gerar uma maior vigilância e fiscalização:

“É preciso essa proteção, do apoio do governo Estadual, Federal. Mandar verificar as falhas onde estão. Porque nós mesmos para ficar verificando essas falhas, andando nesses piques, já fizemos, andamos. Tem muitos parentes aqui que já trabalharam. Acho que agora eles têm que se encarregar, os governos, mandar os policiais, o exército com helicópteros. O governo está aí para apoiar as comunidades indígenas. Como diz, a terra indígena é do governo, da União. Então eles têm uma obrigação”.

(Jaime Sebastião Manchineri, 14/09/05, Jatobá).

Outras invasões ocorridas na TI têm sido de pessoas estranhas, chamadas por eles de “marginais”. Suspeitam ser presidiários fugidos da Penal que acabaram se escondendo dentro da TI. Eles já identificaram três desses fugitivos na TI e essas pessoas têm gerado um clima de tensão, porque mesmo não tendo armas de fogo, carregam armas brancas. Em certa ocasião tentaram esfaquear um índio Manchineri, que conseguiu fugir. Em outra, um desses marginais invadiu a casa de um Manchineri para roubar alimentos. De acordo com os Manchineri e os Jaminawa, esses “marginais” têm sempre freqüentado os roçados em busca de alimentos, o que ocorre há mais de dois anos. Como fica evidente, os Manchineri e os Jaminawa já não têm segurança nem tranqüilidade para ir a seus roçados, ou para deixar as suas casas sozinhas. As mulheres e crianças já não podem mais ir sozinhas aos roçados, sendo necessária a companhia de um homem adulto.

Além dessas invasões, duas ações no entorno da TI, ligadas a atividades madeireiras, têm preocupado os Manchineri e os Jaminawa. No lado peruano da fronteira, existem vários lotes que foram concedidos pelo governo peruano para extração de madeiras. Como existem casos, no Estado do Acre de TI invadida por madeireiros peruanos, eles temem que sua terra seja invadida. Os limites da TI com o Peru é um local de difícil acesso, sendo também uma área ocupada por índios isolados, denominados de Mashko pelos Jaminawa e Manchineri. Por esse motivo, eles sentem a necessidade de uma maior colaboração dos órgãos competentes, para acentuar a vigilância e a fiscalização desses limites. Para eles, é necessário também que o governo peruano fiscalize as concessões madeireiras.

Uma outra ameaça a TI por madeireiros, ocorre na região do igarapé Riozinho. Recentemente, tiveram início estudos nessa região, para a implementação de um projeto de manejo florestal madeireiro. Tanto os Manchineri quanto os Jaminawa colocaram essas informações no mapa e se prontificaram a intensificar a fiscalização dessa área:

“Nós Jaminawa já conversamos entre nós mesmos e de dois em dois meses nós vamos corrigir aqui, no Riozinho, para ver o que está acontecendo, se madeireiros estão entrando, se pescadores estão entrando lá dentro. Cada aldeia vem duas ou três pessoas para ir juntos, cada aldeia, de dois em dois meses. Daqui nós vamos até o Riozinho, subindo a divisão, esse pique aqui”.

(Josimar Barreto Mariano Jaminawa, 09/092005, Betel).

O apoio dos órgãos competentes é fundamental para a vigilância e fiscalização da TI. Os Manchineri e Jaminawa possuem um receio muito grande de que atividades madeireiras nessa região possam gerar grande impacto sobre os animais da floresta, aqueles que eles utilizam na alimentação:

“Nós estamos com medo por causa das caças também. Porque se a máquina entrar, vai ficar cada vez mais longe. A motosserra faz muito barulho. Nós não caçamos muito lá para preservar nossos animais, nossos alimentos, nossas frutas”.

(Josimar Barreto Mariano Jaminawa, 09/09/2005, Betel).

Se forem utilizadas motosserras nessa área, se pessoas começarem a trabalhar na extração de madeira, a caça pode ser afugentada e a possibilidade de invasão da terra, aumentada. A escassez de caça já é um problema enfrentado pelos Manchineri e Jaminawa, podendo ser acentuada com atividades madeireiras na região do Riozinho.





Indicativos de Plano de Gestão Ambiental e Territorial

Um dos resultados do etnozoneamento foi a elaboração, pelos Manchineri e Jaminawa, de indicativos para o futuro Plano de Gestão Ambiental e Territorial da TI Mamoadate. As discussões realizadas permitiram a ambos os povos começar a estabelecer acordos em torno do uso dos recursos naturais. Os Manchineri e os Jaminawa produziram os indicativos isoladamente, com base no uso que cada um desses povos faz dos recursos naturais. Todavia, há a necessidade de aprofundar esses indicativos com novas discussões, a fim de se chegar a um amplo acordo entre os dois povos sobre o uso dos recursos naturais da TI. Para viabilizar grande parte dos acordos firmados, os Manchineri e os Jaminawa destacaram a necessidade de apoio governamental e não-governamental.

Indicativos elaborados pelos Manchineri

Recursos Florestais

- Plantar amarelão, mulungu, cedro e mulateiro, usando um pedaço do caule das árvores novas, pois assim elas crescem mais rapidamente.
- Não derrubar frutas da mata (massaranduba, patoá, pama e outras). Só derrubar o patoá velho, porque é muito alto.
- Coletar sementes de mão-de-onça, jenipapeiro, pama, cajarana, cajá, cagaça, massarandua, abiu, ingá, jatobá, inharé, pupunha, açai, jarina, patoá, biorana, manitê, cacau, maracujá são frutas utilizadas por nós e pelas caças. Essas frutas estão diminuindo perto da aldeia por conta do uso. Durante as caçadas será realizada a coleta dessas espécies, que serão entregues ao AAFI para produção de mudas e plantio nos roçados, capoeiras e SAFs. Isso vai ajudar a trazer a fauna para mais perto da aldeia. Essas frutas ajudam a melhorar a saúde das pessoas.
- Ensinar às crianças que não se deve derrubar as árvores frutíferas, porque elas servem de alimento para as pessoas e para os bichos.
- Procurar não derrubar a mata bruta onde existem madeiras de lei (aguano, cedro e outras).
- Fazer o plantio das madeiras de lei (cerejeira, mogno, cedro, maçaranduba, intaúba, jacareúba, amarelão, guaribúba, bálsamo e outras), com apoio governamental, para a aquisição dos materiais de coleta das sementes.
- Providenciar a elaboração de plano de manejo para possível comercialização de sementes florestais (mogno, copaíba, cerejeira, cedro, amarelão e jatobá), além de assistência técnica para coleta, armazenamento, seleção e transporte de sementes.
- Fazer manejo das palheiras, pois as palhas estão aumentando na terra indígena e para continuar assim vamos fazer o manejo das palheiras, sem cortar as árvores. Vamos derrubar somente as palheiras altas (ouricuri). Com as baixas faremos manejo.
- Não derrubar o patoá. É preciso subir e tirar o cacho, pois o patoá serve de alimento para os Manchineri e serve para trazer os pássaros mais para perto, como o cujubim e a arara que também são usados na alimentação.
- Pedir permissão para derrubar madeira de lei na aldeia do parente, pois às vezes são derrubadas e não são aproveitadas. Para derrubar madeiras roliças não é preciso pedir.
- Não permitir corte de madeira para a venda.
- Preservar as espécies utilizadas como corante.
- Transmitir o conhecimento dos mais velhos.
- Evitar derrubar as paxiúbas e fazer reflorestamento com elas, em uma área reservada. Derrubaremos somente as paxiúbas maduras. Devemos fazer coletas de sementes e produzir mudas com os AAFI e plantar na beira dos igarapés e cacimbas. Também podemos coletar mudas. Com isso, vai voltar a ter muita paxiúba na terra indígena.
- Conseguir sementes de mulateiro e maxixeiro para plantio de madeira para lenha e fazer reflorestamento com castanha-do-Brasil quando tiver sementes. Conseguir equipamento de coleta de sementes e treinamento para essa atividade.

- Aproveitar as madeiras de lei que existem nos roçados, no rio e aquelas derrubadas pelo vento na mata para preservar a floresta. Vamos usar essas madeiras para cercar as criações, as cacimbas e para a construção de casas e canoas. Para esse aproveitamento das madeiras é preciso a aquisição de materiais adequados, fornecidos pelo governo.
- Conseguir apoio dos órgãos de governo e outras organizações para estas atividades.

Mata ciliar

- Preservar a mata ciliar. Até hoje não houve nenhuma preocupação com a preservação da mata ciliar. A partir de agora vamos preservar as matas ciliares. Estamos percebendo que com a derrubada das matas os igarapés secam e a água fica quente.
- Plantar espécies frutíferas. As caças gostam de andar nas matas ciliares para beber água. Vamos plantar espécies florestais frutíferas na mata ciliar (inharé, pama, cajá, manitê, sapota, jaracatiá e outras).
- Fazer bem feito os aceiros dos roçados para não deixar o fogo passar para a mata.
- Não derrubar a mata da beira do rio e dos igarapés.

Caça

- Remanejar a caça. A população das aldeias está aumentando, por isso a caça está diminuindo. Vamos fazer o remanejamento da caça trazendo animais para fazer criatório e criar área de refúgio para caça.
- Criar animais domésticos. Nós caçamos uma quantidade grande de queixada. Para caçar menos queixadas precisamos fazer a criação de animais domésticos (porco, ovelha, pequena quantidade de gado, galinha, pato, etc.) e animais silvestres (peixe, tracajá, porquinho, queixada e outros). Para essas criações precisamos de apoio técnico e de materiais do governo
- Não vamos derrubar as frutíferas para as caças chegarem mais perto. Vamos pegar as sementes para plantar perto da comunidade, nos sistemas agroflorestais, nos quintais, nos piques de caça e nas margens dos igarapés, rio e lagos. Assim, podemos diminuir a caçada dos queixadas.
- Diminuir a caçada na mata e para isso cada família vai procurar fazer criações domésticas com a ajuda de técnicos do governo (SEATER, SEPI E SEPROF).
- Permitir que os parentes cacem. Vamos deixar o parente caçar no pique de caça do outro parente que mora mais perto.
- Não caçar muito com cachorro e procurar não gritar na hora da caçada, para não espantar as caças.
- Não matar os filhotes de caça e nem vender carne de caça na cidade, principalmente de jabuti. Não pode ter venda de carne de caça para fora da comunidade, só para consumo ou troca entre parentes.
- Aumentar a criação de animais domésticos e silvestres para diminuir a caça com cachorros. Estamos caçando com cachorro, às vezes, porque a caça está difícil e distante. Mas nós não caçamos muito longe com cachorro. Para diminuir a caçada com cachorro precisamos de apoio para a criação de animais domésticos e silvestres. Enquanto não temos as criações vamos continuar caçando com cachorro até meia hora de caminhada na mata bruta. Mas quando tivermos as criações vamos caçar com cachorro só nos aceiros dos roçados e na beira do rio, para não deixar as caças destruírem nossas plantações. Também vamos usar os cachorros para espantar os predadores (onça, gato do mato, mucura, raposa e outros) que comem os animais de criação.

Criação

- Precisamos criar porco, galinha e gado, entre outros, com assistência técnica. Com a criação a caça vai ficar mais perto e voltar a aumentar.
- Usar o esterco das criações para adubar os SAFs e as hortas.
- Fazer criações em lugar adequado. As criações deverão ser feitas em lugar adequado, fora de vertentes e das casas de moradia.
- Criar os porcos em consórcio com piscicultura e SAFs.
- Criar galinhas em consórcio com SAFs. A criação de galinha deverá ser familiar e em consórcio com os SAFs. Precisamos de assistência técnica para isso.
- Organizar a criação de gado. O gado é muito trabalhoso, derruba a mata, acaba com a floresta, precisa de vacina, medicamento, cerca, curral. Por isso, cada família poderá ter no máximo 20 cabeças de gado. Precisamos organizar a criação que já temos. Precisamos de assistência técnica para vacina e outros. Assim poderemos fazer um manejo dos pastos junto com os AAFI. É preciso conseguir vacinação para o gado, sal e sal mineral.
- Deixar os animais mais longe das aldeias e cercar os pastos. É preciso apoio e material.

Pesca

- Fazer criatórios em lagos ou açudes. Os peixes estão ficando mais difíceis porque a população é grande e porque pescamos com malhadeira, tarrafa, mergulho, anzol e espinhel. Para aumentar a quantidade de peixes queremos fazer o criatório em lagos naturais ou em outros lugares. Para isso precisamos de assistência técnica.
- Entre os vários peixes queremos criar o tambaqui, o pirarucu, o curimatã e outros com filhotes fornecidos pelo governo.
- Tendo o criatório de peixes podemos deixar de pescar muito no rio, nos igarapés e nos lagos. Vamos pescar principalmente naqueles lagos que não foram utilizados. Assim, podemos deixar os lagos mais usados para o repovoamento dos peixes.
- Construir açudes ou usar os lagos naturais para começarmos a criação de peixes (curimatã, tambaqui, tilápia, jundiá, branquinha, piaú, cascudo, matrixã, surubim e outros), com a ajuda de técnicos do governo (SEATER, SEPI, IBAMA). Plantaremos buriti ao redor dos lagos e pretendemos evitar o mergulho para pegar peixes e tracajás, deixando assim, eles se reproduzirem mais. Vamos procurar plantar cajá com o pedaço do caule da planta nova (cresce mais rápido) ao redor do açude ou lago.
- Evitar a pesca com mergulho. Nós já diminuimos a pesca com mergulho e vamos procurar continuar a pescar pouco com essa técnica.
- Deixar os parentes pescarem nos poços, nas paizadas, nos igarapés, nos lagos e no rio perto da aldeia dos outros parentes.
- Cobrar do IBAMA para que ele faça a fiscalização durante a piracema na boca do rio Yaco (meses de junho, julho e agosto).
- Pessoas de fora da terra indígena não podem pescar dentro dos seus limites.
- O tingui mata todos os animais de água, por isso vamos evitar o uso do tingui na pescaria (entende-se por tingui diversas plantas venenosas, como assacu, tingui cipó, tingui folha, cafezinho e mami).

- Não usar malhadeira da malha miúda. Anzol, tarrafa e malhadeira graúda (malha 8) vamos continuar usando. Fica proibido usar malhadeira da malha miúda (2 dedos).
- Hoje não estamos mais comercializando peixe, inclusive por que não tem mais peixe sequer para comer.

Quelônios

- Não vender ovos de tracajá. O tracajá e seus ovos são muito usados na alimentação, mas hoje não está tendo grande quantidade. Por isso iniciamos o criatório desse quelônio com apoio da SEATER e precisamos de mais apoio do governo para continuar essa atividade. Fica proibida a venda de ovos de tracajá em todas as aldeias. Assim vamos ajudar a repovoar todo o rio com tracajá.
- Nós devemos ter uma produção agroflorestal para alimentação dos tracajás. Dessa forma, quando estiver produzindo na aldeia vai diminuir a caça na natureza e aumentar a natureza. Da forma como a SEATER está fazendo estamos prejudicando os animais. Ficam confinados e não se desenvolvem.

Roçados

- Continuar a fazer os roçados nas áreas de capoeira. Existe hoje grande quantidade de capoeira. Para não desmatar muito a floresta vamos continuar fazendo os roçados nas capoeiras. Devemos nos planejar para utilização de áreas de capoeira para implantação de roçados, e com isso preservar a floresta.
- Adquirir equipamentos para aproveitar melhor a madeira dos roçados. Nos nossos roçados estraga muita madeira boa. Precisamos de equipamento para aproveitar as madeiras dos roçados para a construção de casas, canoas, barcos e móveis. Também pretendemos utilizar as madeiras que caem no rio.
- Conseguir com outros parentes as sementes perdidas e manter as sementes tradicionais.
- Plantar bacaba nos roçados.
- Não botar roçado em local de madeira de lei.

Praias

- Recuperar sementes de mundubim. Nós, Manchineri, perdemos as nossas sementes de mundubim, precisamos recuperar essas sementes através de intercâmbios entre os AAFIs. Também precisamos de apoio para conseguir sementes de plantio de praia e hortas (melão, melancia, mundubim, maxixe, cebola, feijão de corda e outras).
- As praias são áreas importantes para plantio de melancia, feijão, milho, jerimum, melão e outros. A comunidade deve ser organizar para manter o gado cercado para não estragar os plantios de praia.
- Respeitar os plantios de praias dos parentes.

SAFs

- Realizar coleta de sementes e reflorestamentos nos SAFs A madeira boa está muito distante (mogno, cedro, cerejeira, amarelão, guariúba, jacareúba, intaúba, massaranduba, balsamo e outras). Essas madeiras são muito utilizadas para construção de casas e canoas. Vamos realizar coleta de sementes e reflorestamentos nos SAFs. O AAFI é responsável pela produção de mudas.
- Enriquecer os SAFs com madeiras de lei, lenha, frutas.
- A comunidade, junto com o AAFI, vai coletar sementes de mogno, cerejeira, cedro, cumarú, copaíba e seringueira para semear na sementeira e depois plantar nos SAFs.

- Buscar apoio para conseguir sementes que não existem na terra indígena (manga, bacaba, castanha-do-Brasil, jaci e outras).
- Reflorestar nas proximidades das aldeias e nos SAFs. No caso da madeira tirada da mata é preciso reflorestar nas proximidades das aldeias e nos SAFs. Fazendo isso, não vai ser preciso derrubar muitas paxiúbas.
- Pretendemos criar abelhas melíponas na nossa aldeia. Para a criação precisamos de assistência técnica e equipamentos. As abelhas serão consorciadas com os SAFs.

Artesanato

- Conseguir apoio e formação com instrutores da terra indígena e outros, se for necessário.
- Apoiar a venda na cidade.

Recursos hídricos

- Antes de colocar os roçados faremos um planejamento junto com o AAFI, AIS, professores e lideranças para escolher melhor a área de colocar roçados, respeitando as águas.
- Não desmatar ao redor das cacimbas para não secar o olho d'água.
- Cercar as cacimbas para os bichos não entrarem.
- Construir e cercar as privadas no lugar mais baixo, para não sujar a água da cacimba.
- Construir o cercado dos porcos longe das casas e das cacimbas com a ajuda da FUNAI, SEPI E SEATER.

Aldeia

- Pretendemos criar cachorro para proteger os roçados e para comer restos de comida. Utilizar os cachorros para caçar, algumas vezes.
- Queremos plantar cana para fazer rapadura e gramichó. Já conhecemos a técnica, precisamos de tacho, motor e engenhoca.
- Separar o lixo orgânico como casca de melancia, banana, macaxeira e outros, para dar para os bichos. O lixo inorgânico, como as latas, vidros e plásticos devem ser queimados e enterrados num buraco afastado das casas e das cacimbas, igarapés e rio. As pilhas e baterias serão levadas para a sede do município.
- Definir um lugar para o lixo não orgânico (garrafa, lata, plástico, pilha) que é recolhido.
- Conseguir placa solar para as famílias (kit de energia solar).
- Construir posto de saúde nas aldeias
- Construir e providenciar banheiro, rádio e material para todas as aldeias que ainda não têm.
- Adquirir um motor e bote de alumínio para uso da saúde
- Não jogar lixo na água e cercar cacimbas. É preciso material (prego, arame, tábuas, motosserra, gasolina e outros) e equipamento completo.
- Fazer privadas para cada família. Só beber água tratada (clorada).

- Aprender com os velhos e fazer plantios das espécies medicinais na mata próxima às aldeias.
- Quando for possível, vamos trazer frutas da mata para as crianças merendarem na escola e aproveitar as sementes para plantar.
- Capacitação dos agentes de saúde e AISAN
- Defecar na privada e não nos caminhos, beira das cacimbas, etc.
- Não jogar animais mortos no rio.
- Ensinar lavar as mãos das crianças e manter limpo o local de dormida.

Vigilância e Fiscalização

- Providenciar a instalação de rádio e de telefones públicos nas aldeias Extrema, Jatobá e Betel.
- Dar cursos de vigilância e legislação de terras indígenas e fornecer equipamentos.
- Dar apoio de pessoal e de equipamentos necessários, em caso de invasão.
- Renovar os piques de demarcação da terra indígena. Buscar apoio e equipamento.
- Fazer abaixo assinado para a FUNAI dar condições para os Manchineri chegarem até o marco e fiscalizarem a terra indígena, juntamente com IBAMA, IMAC, Pelotão Florestal e FUNAI.
- Proibir a entrada de pessoas não autorizadas, e que não trabalhem para o povo (principalmente estrangeiros). Esse controle é feito para evitar doenças e roubos.
- Realizar visitas nos limites da terra indígena – lideranças e AAFI, duas vezes por ano. Para isso, é necessário apoio da FUNAI, IMAC e IBAMA para combustível, alimentação, munição e acompanhamento.
- Pedir que as autoridades competentes desenvolvam um projeto de vigilância e fiscalização na terra indígena, com a capacitação dos representantes (lideranças, agroflorestais, professores e agentes de saúde), colocação de placas e reabertura das picadas, com plantio de árvores frutíferas nos limites.

Entorno

- É preciso que as autoridades IBAMA, FUNAI E IMAC desenvolvam um projeto de preservação e manutenção do entorno da terra indígena, num raio de 12 km ou mais. É preciso também, que essas autoridades acompanhem o projeto de extração de madeira no Riozinho.
- O governo brasileiro deve entrar em contato com o governo peruano para que o entorno da terra no limite com o Peru também seja preservado.
- Os Manchineri e os Jaminawa da Terra Indígena Mamoodate vão procurar se organizar para discutir a revisão dos limites da área.

Indicativos elaborados pelos Jaminawa

Recursos Florestais

- Fazer reflorestamento com madeiras de lei, palheiras e paxiúbas. Reservar áreas de capoeira para esse objetivo. Buscar com o agroflorestal e comunidade apoio técnico, inclusive para coleta de sementes e técnicas de viveiro. Conseguir sementes no início. Fazer oficinas nas aldeias e capacitar agente agroflorestal.
- Plantar cacau na beira do igarapé, porque segura o barranco e se come o chocolate, economizando no café. Trazer sementes da mata e botar no viveiro. Melhorar e ampliar o viveiro.
- Fazer replantio de jenipapo. Os mais velhos devem ensinar as crianças sobre as tintas naturais (corantes).
- A colheita e preparação do shuri (ayahuasca) são exclusivas do pajé.
- Levantar as informações que estão com os mais velhos sobre as plantas medicinais e treinar pessoas para manter vivo o conhecimento.
- Não derrubar fruteiras nos piques de caça. Não botar roçado ou pasto onde tem matrizes boas de madeiras de lei ou frutíferas.
- Organizar a coleta de sementes. Para as sementes mais fáceis de conseguir na mata, a comunidade se encarrega. Para as mais difíceis (aguano, cumarú-de-cheiro, freijó, jacareúba e outras) precisamos de equipamento para coleta, treinamento e doação de sementes, para começar.

Caça

- As caças nos piques estão cada vez mais longe. Todas as aldeias vão começar a criar outros animais para comer (galinha, porco, gado, ovelha, peixe, etc.). Para isso, precisamos buscar apoio técnico.
- Para a caça ficar mais perto, ninguém vai derrubar pama, inharé, sapota, cagaça, cajá, cajarana, pupunha, patoá, açaí e outras frutas que os animais comem. Também não vamos caçar com cachorros nos piques de caça e na mata bruta. Só pode caçar com cachorro nos aceiros dos roçados.
- Para ter caça para nossos filhos e netos vamos aproveitar as sementes das frutas e plantá-las perto da casa, na beira dos lagos, nas capoeiras, nos roçados, nos piques de caça e na beira dos igarapés.
- Nós gostaríamos que os parentes Manchineri evitassem estragar a caça que nós comemos (jacaré, arraia e outros)
- Brancos não podem caçar na terra indígena.

Criação

- Precisamos ter cachorro bom para caçar cutia e outros animais que estragam o roçado. Não vamos usar cachorro para caçar distante da aldeia para não espantar a caça.
- Gostaríamos de ter mais criação de galinha para alimentação e venda. Temos que aumentar nossos roçados. Precisamos de apoio do governo para assistência técnica e organização de criação em todas as aldeias. A criação deverá ser familiar (10 unidades para iniciar). A criação comunitária não dá certo.

- Falta acompanhamento do IDAF (Instituto de Defesa Agroflorestal) para a criação de ovelha e gado, devemos orientar nossos AAFI para articular com os órgãos competentes.
- A criação de gado deve ser cercada. O gado solto prejudica roçados, quintais e SAFs. Precisamos de apoio para adquirir arame, motosserra, grampo, marreta e cunha. Também precisamos cercar os quintais familiares. Devemos ter mais de um campo cercado para o manejo do gado.
- O porco deverá ser criado cercado, para não estragar as unidades de produção. Devemos ter assistência técnica para criação de porco. Temos que aumentar nossos roçados para alimentar os porcos.

Pesca

- Hoje tem pouco peixe na terra indígena, antes tinha muito. Talvez tenha diminuído pelo uso que se fazia antigamente, de malhadeiras. Precisamos de assistência e extensão rural para ajudar a pensar como melhorar. Precisamos saber qual o período da reprodução para nós pescarmos. Também precisamos de um projeto para criação de peixes em açude (um em cada comunidade). Aquisição de alevinos para criação de branquinha, mapará, curimatã, piau, tambaqui e outros.
- Antigamente usávamos plantas venenosas (tingui, assacu, cipó da mata) para pesca, mas hoje não usamos mais. Vamos continuar não usando essas técnicas de pesca para que tenha fartura de peixe. Também não vamos plantar essas plantas venenosas.
- Os brancos entram na terra indígena para pescar e vender surubim e jundiá. Os AAFIs junto com a comunidade devem proibir, caso venha a acontecer, e articular com IBAMA e IMAC. Não devemos deixar branco entrar para pescar para comercializar. Mesmo para qualquer tipo de pesca é proibido o branco. Hoje temos lideranças, AAFIs, AIS e professores para nos orientar.
- Chega muito pouca piracema na terra indígena. Na sede do município de Sena Madureira, próximo à foz do rio Yaco, os brancos pescam muito com malhadeira, redes e tarrafas. O AAFI deve ser formado para conhecer a lei. Na piracema pescar somente com tarrafa e anzol.
- A comunidade tem que estar consciente para deixar os peixes crescerem para pescar. Tem que aprender a cuidar. Pode pegar os filhotes de peixe só se estiverem estragando nos igarapés, lagos e igapós.
- Para a criação de peixes em açudes que serão construídos, aumentar os nossos roçados para garantir a alimentação dos peixes. Realizar plantio de frutas na margem dos açudes de criação de peixes para alimentação dos peixes e cercar com arame.
- Antes tinha muito jacaré, hoje tem pouco nos lagos, rios e igarapés. Nós, Jaminawa, gostamos muito de jacaré. Gostaríamos de conversar com técnicos sobre a criação e o repovoamento do rio com jacaré.
- Antes tinha muito tracajá, mas hoje tem pouco devido à coleta freqüente de todos os tracajás. Também pegamos muito tracajá grande. Nós, Jaminawa, gostamos muito de tracajá, mas quase não tem mais. Precisamos de assistência técnica para criação. O tracajá não pode ser manejado na natureza.

Sistemas Agroflorestais

- Colocar os SAFs na beira dos igarapés e nascentes para proteger e produzir frutas (açá, patuá, paxiúba, cacau). Quando não tiver mata bruta nestes locais, consultar o AISAN sobre o lugar adequado. Implantar os SAFs em capoeiras, perto dos roçados.
- Conservar os plantios de SAF com madeiras para o futuro. Ampliar as áreas existentes com sementes e mudas da comunidade e cedidas pelas organizações. Observar o que nasce na capoeira e preservar as árvores de uso

importante (frutos, madeiras, outros)

- Cada família fica responsável por uma parte do SAF durante o trabalho comunitário. Envolver todas as famílias para evitar 'donos' e garantir que todos aprendam. O manejo e a colheita serão organizados pela comunidade. Fazer aceiro nos roçados e cuidar dos SAFs para evitar fogo.
- A comunidade precisa de formação para o AAFI e apoio técnico. É preciso conseguir apoio em ferramentas, combustível para motosserra e equipamentos de segurança.

Aldeia

- Quase todos os terreiros têm plástico, lata velha, alumínio, roupa velha. É preciso ter duas caixas de lixo para cada família. Uma de lixo orgânico e outra de lixo inorgânico. O lixo orgânico cada família irá juntar em um canto, para os bichos comerem. O lixo não orgânico será queimado e o que não queimar será enterrado em um buraco específico para isso.
- É importante plantar frutas nos quintais. Hoje só existem mangueiras. Todas as famílias deverão plantar as fruteiras em seus quintais, com mudas fornecidas pela SEATER, CPI ou pegar sementes com parentes e plantar com a ajuda dos agentes agroflorestais.
- Cada família cuida da saúde em sua casa, hoje existem famílias que possuem cachorro dentro de casa. Não deixar gatos e cachorros entrarem nas casas, fazer casinha para os cachorros, não deixar os cachorros comerem nos pratos das pessoas (eles deverão ter seus próprios pratos) e tampar a comida para moscas e baratas não sujem a comida.
- Colocar cloro na água com a ajuda do agente de saúde (cada casa tem o seu cloro).
- Utilizar os banheiros ou privadas para fazer necessidades. Não deixar as crianças fazerem cocô nos quintais.

Vigilância e Fiscalização

- A presença de madeireiros próximos da terra indígena pode resultar na invasão da terra. Por isso, vamos mandar documentos para FUNAI, IBAMA e IMAC. Também vamos todos os anos vigiar e fiscalizar os limites do Riozinho, mas precisamos de materiais (terçados, botas, capas de chuva, limas, machados, munições e outros) para realizar essa atividade.
- Há alguns anos os traficantes têm atravessado a terra indígena. Nós vamos mandar documentos para a FUNAI e a Polícia Federal avisando sobre essa invasão da terra e pedindo um projeto de vigilância e fiscalização. Também vamos pedir para reabrir as picadas e colocar placas nos limites da área e frutíferas nas picadas.

Entorno

- Os madeireiros estão estudando a região do Riozinho. É preciso o acompanhamento de um técnico do IMAC, do IBAMA e da FUNAI para evitar a invasão da terra indígena. Nós, Jaminawa, queremos cuidar das nossas terras.
- Nós caçamos, plantamos e pescamos na área localizada entre os igarapés Samarrã e Mamoadate, que hoje é da Fazenda Petrópolis. Por isso, precisamos de ajuda da FUNAI para marcar essa terra para nós. É preciso fazer mais reuniões com os Jaminawa e Manchineri para discutir o que vamos fazer.
- O ramal Icuriã/Assis Brasil é muito importante para levar os doentes, receber dinheiro no banco e para comercializar. É preciso uma casa de apoio no Icuriã, e melhores condições de transporte (de ida e vinda) até Assis Brasil. Vamos procurar o apoio da FUNAI, da FUNASA, da Prefeitura, do IMAC e da SEPI para melhorar nosso transporte da aldeia até Assis Brasil.

- A cidade de Sena Madureira é importante para retirarmos nossa aposentadoria, levar doentes no inverno e para comercialização. É preciso barco para ir até a cidade e combustível para voltar. Também precisa de uma casa de apoio. Os brancos falam mal da gente por não termos onde ficar. Por isso, vamos procurar a FUNASA, FUNAI, SEATER e IMAC para resolver esses problemas.

